Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira

As sentenças relativas em português brasileiro:

aspectos sintáticos e fatos de aquisição

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Lingüística.

Orientador:
Prof. Dr. Jairo Morais Nunes

Co-Orientadora:
Prof.ª Drª. Mary Aizawa Kato

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem
Campinas, fevereiro de 2008

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

Lessa-de-Oliveira, Adriana.

L566s As sentenças relativas em português brasileiro: aspectos sintáticos e fatos de aquisição / Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Jairo Morais Nunes.
Co-orientador : Mary Aizawa Kato
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Economia (Sintaxe). 2. Relativas apositivas (Lingüística). 3. Relativas livres (Lingüística). 4. Aquisição da linguagem. 5. Relativas não-padrão (Lingüística). I. Nunes, Jairo Morais. II. Kato, Mary Aizawa. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. IV. Título.

tjj/iel

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, em sessão pública realizada em 28 de fevereiro de 2008, considerou a candidata Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira aprovada.

Presidente

Prof.ª Dr.ª Mary Aizawa Kato
(Co-orientadora)

Titulares

Prof.ª Dr.ª Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes
Prof.ª Dr.ª Elaine Bicudo Grolla
Prof.ª Dr.ª Marina Rosa Ana Augusto
Prof. Dr. Juanito Ornelas de Avelar

Suplentes

Prof.ª Dr.ª Sonia Maria Lazzarini Cyrino
Prof.ª Dr.ª Maria Clara Paixão de Sousa
Prof. Dr. Marcello Marcelino Rosa

Orientador

Prof. Dr. Jairo Morais Nunes

BANCA EXAMINADORA:

Mary Aizawa Kato _____

Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes _____

Juanito Ornelas de Avelar _____

Elaine Bicudo Grolla _____

Marina Rosa Ana Augusto _____

Sônia Maria Lazzarini Cyrino _____

Maria Clara Paixão de Sousa _____

Marcello Marcelino _____

IEL/UNICAMP
2008

Aos amados companheiros da atual jornada terrena:

meus pais, Antonino e Silene,
depositários do Amor Divino,
que, com afeto e dedicação, cumprem
a tarefa de iluminar minha caminhada
desde os meus primeiros passos;

meu marido, Sindoval,
companheiro amoroso e dedicado,
que adoça e perfuma todos os meus dias;

minhas filhas, Juliana e Mayana,
essas doces criaturas,
que enfeitam e enchem
de alegria a nossa vida;

e meus irmãos de sangue e de coração,
companheiros de outrora,
que agora compartilham comigo
seu carinho e afeição.

Agradecimentos

Agradeço ao Prof. Dr. Jairo Nunes por uma orientação baseada em generosidade intelectual. Extremamente exigente, por um lado, mas paciente, dedicado e incansável, por outro. É como se configura o seu trabalho de orientação. Agradeço a ele pelo respeito às minhas posições e necessidade de caminhar passo a passo. Agradeço, enfim, por tudo que aprendi com o Prof. Jairo no trabalho de orientação e em seus cursos. Levo comigo uma bagagem intelectual de valor inestimável para minha vida profissional, embora eu saiba que estou apenas no início do caminho e que ainda há muito que aprender.

Agradeço à Prof.ª Dr.ª Mary Kato por um trabalho que foi mais que de co-orientação. O seu entusiasmo pela pesquisa é contagiante. Por meio de sua simplicidade, ela consegue tornar acessível um universo de conhecimento não tão simples. Foi assim que, de forma sábia, ela se manteve ao meu lado, acompanhando respeitosamente o meu percurso de crescimento, pronta para me oferecer suporte sempre que necessário e a me indicar caminhos alternativos de análise. Assim, agradeço por sua generosidade intelectual, pelo acolhimento, amparo e pela oportunidade de uma experiência tão enriquecedora ao tê-la como mestra.

Agradeço à Prof.ª Dr.ª Ruth Lopes e à Prof.ª Dr.ª Elaine Grolla pelas sugestões no Exame de Qualificação desta tese. Graças às críticas e sugestões feitas nesse exame, parti em busca de análises alternativas que levaram este estudo a um salto de qualidade significativo em relação à versão daquele momento.

Agradeço à Prof.ª Dr.ª Charlotte Galves por ter orientado minha Qualificação de Área em Lingüística Histórica. Aquela foi uma experiência bastante enriquecedora para mim, tanto pelo trabalho de orientação

propriamente dito quanto pela minha participação nas reuniões de estudo sob coordenação da Prof.ª Charlotte.

Agradeço à Prof.ª Dr.ª Anna Christina Bentes e ao Prof. Dr. Sírio Possenti, com os quais cursei disciplinas que contribuíram para minha formação acadêmica.

Agradeço aos professores que compuseram, juntamente com minha co-orientadora, a Banca Examinadora para defesa desta tese: Prof.ª Dr.ª Ruth Lopes, Prof.ª Dr.ª Elaine Grolla, Prof.ª Dr.ª Marina Augusto, Prof. Dr. Juanito de Avelar, Prof.ª Dr.ª Sonia Cyrino, Prof.ª Dr.ª Maria Clara Paixão de Sousa e Prof. Dr. Marcello Marcelino Rosa. As críticas e sugestões e, também, as virtudes deste trabalho que esses professores apresentaram na sessão de defesa foram valiosas contribuições que eles me deixaram, às quais poderei recorrer inclusive em trabalhos futuros.

Agradeço à UNICAMP, especialmente ao Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, por ter me recebido e me apoiado em todas as etapas do curso e de elaboração deste estudo. Incluem-se aqui meus agradecimentos a todos os funcionários dessa Instituição, que direta ou indiretamente tornaram viável a minha estadia na UNICAMP.

Agradeço ao Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários da UESB por ter me concedido licença para cursar o doutorado e à UESB pela bolsa de estudos SAEB/UESB que ajudou a custear as despesas para realização deste trabalho.

Agradeço a Luana de Carvalho, a Ester Nascimento e a Ana Lara Cardoso, três crianças adoráveis, que, mesmo sem saber, colaboraram imensamente com a realização deste estudo, fornecendo os dados de aquisição de suas falas.

Agradeço ao casal Gracione e Clóvis de Cavalho, pais de Luana, ao casal Sandra e Antônio José Nascimento, pais de Ester, ao casal Rosa e Osvaldo Cardoso, a Pollyana Cardoso e a João Cardoso, avós, tia e pai de

Ana Lara, pelo paciente e cuidadoso trabalho que realizaram durante um longo período, coletando as amostras de fala utilizadas neste estudo.

Agradeço a Silene Lessa, mãe afetuosa, sempre presente a me confortar com seu incentivo, amparo emocional e carinho nesse longo e laborioso período, e a Antonino Lessa, meu pai, cuja doença não o impediu de me oferecer sempre um sorriso maroto.

Agradeço a Juliana e a Mayana, filhas amadas, que sempre me ofereciam, mesmo nos momentos mais difíceis, um sorriso de incentivo, um abraço confortante, muito carinho e compreensão.

Agradeço a Sindoval, marido amoroso, que durante esse longo período não deixou, um só instante, de me incentivar, de me dar força e ânimo, de torcer por mim, ajudando-me a prosseguir até o fim com sucesso. Agradeço pelo seu esforço em procurar compreender um pouco de lingüística para poder dialogar comigo sobre o meu trabalho.

Agradeço aos amigos, com os quais sempre pude contar. Em Campinas encontrei a amizade de Mara Jéssica Arrotéia Kano, menina doce e meiga, que me ofereceu amparo e muita ajuda. Em Vitória da Conquista, o apóio dos meus amigos e irmãos nos ideais dos estudos lingüísticos foi de todas as horas. Agradeço, especialmente, a Conceição Fonseca e a Vera Pacheco pela boa vontade, apóio constante e auxílio com os últimos detalhes na reta final. Agradeço a Telma Vianna, pelo auxílio no contato com falantes do português europeu, com os quais coletei dados. Agradeço a todos os colegas que me substituíram nas minhas atividades na UESB, viabilizando a conclusão deste estudo, e aos que me incentivaram e apoiaram emocionalmente.

Agradeço também aos meus irmãos e demais familiares, que sempre tinham palavras encorajadoras para renovar as minhas forças e me animar.

E agradeço a Deus pela oportunidade de aprender e poder contribuir com os estudos lingüísticos.

Resumo

Este estudo investiga a aquisição das estratégias relativas em português brasileiro (PB). Os *corpora* investigados são constituídos de dados de fala naturalísticos-longitudinais de três crianças, dos 1;6 aos 3;6 anos de idade, bem como de dados da fala de seus interlocutores adultos. Assumindo a proposta de Kato (1993) e Kato e Nunes (2007), segundo a qual estruturas de deslocamento à esquerda estão na base da derivação de relativas não-padrão (cortadora) em PB, registro duas generalizações que não foram notificadas na literatura sobre sentenças relativas em PB: a) relativas apositivas são adquiridas cedo mas não são permitidas como estratégia não-padrão; e b) relativas livres também não tardam a aparecer e admitem a estratégia não-padrão. Quanto às relativas restritivas, mostro que, enquanto as relativas não-preposicionais e preposicionais não-padrão aparecem cedo na fala infantil, a aquisição das relativas com *pied-piping* requer ensino formal. Assumindo a proposta de Hornstein (2007), de acordo com quem derivações que recorrem a movimento (compreendido em termos de cópia) são mais econômicas que aquelas que recorrem a pronome resumptivo, proponho que a estratégia de relativização padrão é adquirida antes da estratégia não-padrão, no caso das relativas não-preposicionais, porque esta é a opção mais econômica. Com base na noção de Economia de Roeper (2003) em termos de profundidade mínima (computada por número de nódulos da sonda ao alvo), argumento que a dificuldade na aquisição das relativas com *pied-piping* se deve a uma complexidade inerente à operação de *pied-piping*.

Palavras-chave: Aquisição da Linguagem, Economia (Sintaxe), Relativas Apositivas, Relativas Livres, Relativas Não-Padrão

Abstract

This study investigates the acquisition of relativization strategies in Brazilian Portuguese (BP). The *corpora* investigated are constituted by naturalistic longitudinal data from three children, from 1;6 to 3;6 years old, as well as data from their caretakers. Assuming Kato's (1993) and Kato and Nunes's (2007) proposal that left dislocation structures underlie the derivation of non-standard ("PP-chopping") relatives in BP, I document two generalizations which have not been noticed in the literature on BP relative clauses: a) appositive clauses do not allow the non-standard strategy, but are acquired early; and b) free relatives admit the non-standard strategy, and are also acquired early . As for restrictive relative clauses, the data show that the non-prepositional and the non-standard prepositional relatives appear early, whereas pied-piping relatives require formal teaching. Assuming Hornstein's (2007) proposal that derivations that resort to movement (understood in terms of copying) are more economical than those that resort to resumption, I propose that the standard relativization strategy is acquired before the non-standard strategy in the case of the non-prepositional relatives because it relies on the more economical option. Moreover, using Roeper's (2003) Economy notion in terms of minimal depth (number of nodes from the probe to the goal), I argue that the difficulty in the acquisition of pied-piping relatives is due to the inherent complexity of the pied-piping operation.

Keywords: Appositive Relatives, Economy (Syntax), Free Relatives, Language Acquisition, Non-Standard Relatives.

Sumário

Capítulo I - Introdução

1 A relativização 21

2 Definição do problema 30

3 A hipótese deste estudo 32

4 Hipóteses anteriores 33

5 O método, os *corpora* e os informantes 36

6 Organização da tese 38

Capítulo II - A Gramática Alvo

1 Introdução 41

2 A estrutura das relativas 42

3 Hipóteses para a estrutura das relativas em PB 44

3.1 Apagamento de preposição na estratégia não-padrão 45

3.1.1 Hipótese de movimento *vs.* apagamento 45

3.1.2 Hipótese de apagamento baseada no modelo *raising* 47

3.2 Hipótese de movimento-*wh* também para as relativas não-padrão 50

4 Relativização restritiva e relativização apositiva 62

4.1 Incompatibilidade entre a estratégia não-padrão e a relativização apositiva em PB: fatos empíricos 62

4.2 Proposta de análise dos processos de relativização restritiva e apositiva 68

5 As relativas livres 73

5.1 As relativas livres como estratégia não-padrão em PB 73

5.2 A estrutura das relativas livres 80

5.3 A estrutura das relativas livres não-padrão em PB 86

6 Últimas considerações 88

Capítulo III - Hipóteses sobre aquisição de relativas

1 Introdução 91

2 A questão da ausência ou não da estratégia de movimento na gramática infantil 92

2.1 Hipótese de inexistência de movimento-wh na gramática infantil 92

2.2 Hipótese de existência de movimento-wh nas relativas com lacuna em francês 100

2.3 Hipótese de presença das relativas padrão e não-padrão na gramática infantil 104

3 As relativas com estrutura de LD como base da relativização em PB oral 112

3.1 Hipótese de aquisição das relativas em PB oral somente como estratégia não-padrão 112

3.2 Hipótese de passagem da estratégia com estrutura de LD para a estratégia de movimento-wh na aquisição do PB escrito 117

4 Hipótese de estágios na aquisição da periferia esquerda da sentença 120

5 Economia por número de alçamentos 129

5.1 Hipótese de complexidade para aquisição das relativas-wh em contraste com uma menor complexidade para aquisição das relativas-*that* 129

5.2 Hipótese de menor complexidade para aquisição das relativas em japonês do que para aquisição das relativas em inglês 132

6 Últimas considerações 138

Capítulo IV - As relativas na fala infantil

1 Introdução 141

2 A questão da ausência/presença da estratégia de movimento na gramática infantil 142

3 A questão dos estágios de aquisição de relativas 147

4 A questão da ausência de morfemas relativos específicos de relativas com *pied-piping*, no *input* oral 154

5 Últimas considerações 159

Capítulo V - Aquisição de relativas e Economia

1 Introdução 161

2 Do estado inicial S_0 ao estado estável S_s 162

3 A relativa de movimento como estratégia mais econômica 163

4 A relativa-PP não-padrão como estratégia mais econômica 170

5 Últimas considerações 181

Conclusão 182

Referências 189

Capítulo I

Introdução

1 A relativização

As orações relativas, tradicionalmente tratadas como orações adjetivas, têm sido alvo do interesse de estudos gerativistas desde os primeiros tempos, tendo sido propostas diferentes estruturas para esse tipo de sentença (ver CHOMSKY, 1957, 1965, 1981; SMITH, 1964; ROSS, 1967; KAYNE, 1994). De forma preliminar, podemos dizer que a relativização se fundamenta na co-referência entre elementos de uma oração matriz e de uma oração encaixada em que estão envolvidos: o antecedente, o morfema relativo e a posição relativizada, como representados, respectivamente, pelos algarismos 1, 2 e 3 no exemplo (1).

(1) este é o animal que eu vi Ø na TV
1 2 3

O antecedente pode desempenhar na oração matriz uma função sintática diferente ou correspondente à função da posição relativizada. Classifica-se, comumente, a relativa pela função da posição relativizada

em: a) dois tipos não-preposicionais — relativa de sujeito (S) e relativa de objeto direto (OD) (cf. (2a) e (2b), respectivamente); e três tipos preposicionais — relativa de objeto indireto (OI) (cf. (2c)), objeto oblíquo (Obl) (cf. (2d) e (2e)) e genitivo (G) (cf. (2f)).[1]

(2) a. a menina [que Ø chegou] eu conheço
b. este é o animal [que eu vi Ø na TV]
c. a pessoa [a quem eu fiz esse pedido Ø] vai me ajudar
d. o livro [de que estou precisando Ø] é muito caro
e. a rua [onde eu moro Ø] tem muitas árvores
f. a árvore [cujos frutos você comeu Ø] está florida

Têm sido foco dos estudos sobre esse tema também aspectos referentes aos subtipos de orações relativas, como: a) relativas restritivas (cf. (3a)) e apositivas (cf. (3b)); b) relativas com antecedente (cf. (3a)) e livres (cf. (4)); e c) relativas padrão (cf. (5a)) e não-padrão (cf. (5b)).

(3) a. o menino [que Maria convidou Ø] não está se comportando bem

b. Pedro, [que Maria convidou Ø], não está se comportando bem

(4) [quem Maria convidou Ø] não está se comportando bem

(5) a. esta é a pessoa [de quem Maria te falou Ø]

[1] A classificação das relativas por posição sintática adotada aqui é a mesma adotada por Tarallo (1983). Os complementos verbais comumente reunidos nos compêndios de gramática normativa como OI são aqui divididos entre os grupos dos OI e dos Obl. Os complementos verbais aqui classificados como OI são os que apresentam as seguintes características formais: são introduzidos pela preposição *a* (ou *para*); são comutáveis pelo pronome pessoal átono *lhe/lhes*. Compõem o grupo dos Obl os demais sintagmas preposicionais (PP) que não apresentam as características formais de OI nem de G. (Para mais informação conferir CÂMARA JR., 1977)

b. esta é a pessoa [que Maria te falou Ø]

A distinção entre os subtipos relativa restritiva e relativa apositiva (restritiva e explicativa pela tradição gramatical) não é absolutamente clara em todos os casos, como afirma Tarallo (1983, p. 83), para quem esse problema nos leva a indagar, dentre outras coisas, se esta distinção pode ser melhor descrita como sintática, semântica, ou pragmática. De acordo com Cooper (1983, p. 92-94), existe uma série de diferenças sintáticas entre esses dois tipos. Tais diferenças são as seguintes, conforme investigação que o autor faz do inglês: a) relativas apositivas não podem começar com *that* (cf. (6)); b) somente o antecedente de apositivas pode ser um nome próprio (cf. (7)); c) relativas apositivas não podem ter como antecedente quantificadores universais (cf. (8)); d) relativas apositivas são encaixadas sempre depois das restritivas (cf. (9)); e e) numa sentença não pode haver encaixamento de mais que uma relativa apositiva, mas pode haver encaixamento de várias restritivas (cf. (10)).

(6) a. The man that Mary kissed left early.
[*O homem que Mary beijou partiu cedo.*]

b. The man(,) who Mary kissed(,) left early.
[*O homem, que Mary beijou, partiu cedo.*]

(7) a. John, who knows Chris, admires her.
[*John, que conhece Chris, admira-a.*]

b. *John that knows Chris admires her.
[*John que conhece Chris admira-a.*]

(8) a. *Every man, who knows Chris, admires her.
[*Todo homem, que conhece Chris, admira-a.*]

b. *No man, who knows Chris, admires her.
[*Nenhum homem, que conhece Chris, admira-a.*]

(9) a. The man that I introduced you to, who knows Chris, would be a useful contact.
[*O homem que eu apresentei a você, que conhece Chris, seria um contato útil.*]

b. *The man, who knows Chris, that I introduced you to would be a useful contact.
[*O homem, que conhece Chris, que eu apresentei a você seria um contato útil.*]

(10) a. *The man, who I introduced you to, who knows Chris, would be a useful contact.
[*O homem, que eu apresentei a você, que conhece Chris, seria um contato útil.*]

b. The man that I introduced you to that knows Chris would be a useful contact.
[*O homem que eu apresentei a você que conhece Chris seria um contato útil.*]

(COOPER, 1983, p. 92-94)

A maior parte dessas características também se verifica no PB. Apenas a característica (a) não ocorre no português, que apresenta o morfema neutro *que* para as relativas de sujeito e objeto direto, sendo inaceitável o morfema *quem*, diferentemente do inglês que além de *that* pode apresentar, nas relativas não-preposicionais, morfemas-wh, como

who, *which*.[2] Para as demais características ((b), (c), (d) e (e)) podemos apresentar, respectivamente, os exemplos do PB de (11) a (14). [3]

(11) a. Pedro, que conhece Maria, gosta muito dela.
b. *Pedro que conhece Maria gosta muito dela.[4]

(12) a. *Toda pessoa, que mora nesse lugar, é feliz.
b. *Nenhuma pessoa, que mora nesse lugar, é feliz.

(13) a. O candidato que eu trouxe, que você aprovou, está se saindo bem.
b. *O candidato, que você aprovou, que eu trouxe está se saindo bem.

(14) a. *O candidato, que eu trouxe, que você aprovou, está se saindo bem.
b. O candidato que eu trouxe que você aprovou está se saindo bem.

Outro aspecto focalizado pelos estudos já há bastante tempo diz respeito à presença ou não do antecedente (ver BRESNAN e GRIMSHAW, 1978; GROOS e RIEMSDIJK, 1981; MÓIA, 1992; MEDEIROS JR., 2005). Este aspecto caracteriza as relativas como livres ou com antecedente. Além da ausência de um antecedente, as relativas livres têm as seguintes

---

[2] Mais raramente, ocorre também o relativo *o/a qual* em relativas não-preposicionais em português (cf. (i)).

(i) Ela ofereceu o que tinha a Antônio, o qual não soube ser grato.

[3] Neste estudo, identifico mais uma característica que distingue relativas apositivas de restritivas em PB — a inaceitabilidade de relativas apositivas como estratégia não-padrão. Veremos a exposição desta descoberta empírica no capítulo II.

[4] Há, todavia, determinados contextos em que é possível ocorrer uma relativa restritiva com um nome próprio como antecedente (cf. (i)).

(i) — De que Pedro você fala?
— Falo do Pedro que é filho de José.

características: a) nunca são encabeçadas pelo morfema *que*, sendo encabeçadas sempre por *quem, o que, onde, como* ou *quando* (cf. (15) e (16))[5]; b) apresentam o morfema *quem* mesmo para as relativas de sujeito e objeto direto (cf.(17a) e (17b), respectivamente); c) apresentam um morfema exclusivo desse tipo de relativa — *o que* (cf. (18)); d) nunca ocorre uma preposição antes do morfema relativo, mesmo que o item relativizado seja preposicional (um PP), se essa preposição não é exigida no domínio da oração matriz (cf. (19)); e f) apenas relativas restritivas ocorrem sem antecedente, relativas apositivas livres são inaceitáveis (cf. (20b) e (21b)).[6]

(15) a. Eu conheço *quem* mora nessa casa.
b. Ela gostou d*o que* ganhou de presente.
c. Eu gosto de *onde* você mora.
d. *Como* você vai fazer isso não me interessa.
e. Precisamos decidir *quando* as obras começam.

(16) a. *Eu conheço *que* mora nessa casa.
b. *Ela gostou de *que* ganhou de presente.
c. *Eu gosto de *que* ele mora.
d. **Que* você vai fazer isso não me interessa.
e. *Precisamos decidir *que* as obras começam.

(17) a. *Quem* estava de pé não agüentou esperar.
b. Chegou *quem* você esperava.

(18) a. Eu trouxe *o que* você me pediu.
b. *Eu trouxe o material *o que* você me pediu.

[5] Em PE pode ocorrer também a forma *quanto* (ver MÓIA, 1992)

[6] Também no caso das relativas livres, registro, neste estudo, uma característica do PB não obsevada antes — essas relativas são aceitáveis como estratégia não-padrão. Tal característica também está relacionada ao tipo de estratégia não-padrão que ocorre nessa língua. Falaremos dessa característica no capítulo II.

(19) a. **De* quem você falou não virá.[7]

[7] Em exemplos como as sentenças em (i) abaixo, notamos que ocorre o *pied-piping* da preposição (movimento também da preposição), sem que esta tenha sido exigida no domínio da matriz. Móia (1992) e Medeiros Jr. (2005) procuram distinguir das relativas livres sentenças que poderiam ser analisadas como interrogativas indiretas. Nesse caso, analisa-se que só aparentemente os verbos em (iia) e (iib), por exemplo, estariam fazendo o mesmo tipo de seleção, pois apenas em (iia) temos uma relativa livre. Em (iib) temos uma interrogativa indireta.

(i) a. Eu sei com quem você falou ontem.
b. Eu vi de onde ele veio.
c. Eu vou descobrir do que ele precisa.

(ii) a. o professor repreendeu [quem riscou a parede]
b. o professor quer saber [quem riscou a parede]

Móia (1992) procura distinguir essas duas construções da seguinte maneira. No caso da relativa livre, observaríamos que: a) pode ocorrer substituição do CP por um DP (cf. (iiia)); b) pode ocorrer transformação dessa sentença para a estrutura da passiva (cf. (iiib)); e c) o CP comporta um antecedente nominal (cf. (iiic)). Nenhuma dessas condições se observa no tipo de seleção entre o verbo *saber* e o CP em (iib), como se verifica pela inaceitabilidade das sentenças em (iv).

(iii) a. o professor repreendeu [$_{DP}$ o aluno]
b. [quem riscou a parede] foi repreendido pelo professor
c. o professor repreendeu o [$_{NP}$ aluno [que riscou a parede]]

(iv) a. *o professor quer saber [$_{DP}$ o aluno]
b. *[quem riscou a parede] foi sabido pelo professor
c.*o professor quer saber o [$_{NP}$ aluno [que riscou a parede]]

Diferentemente, no caso da interrogativa indireta, pode ocorrer: a) substituição de *que* pelos constituintes interrogativos *qual* NP, *que* NP (cf. (v a)); b) ocorrência de elementos de clivagem (cf. (v b)); e c) alçamento de PP (cf. (v c)). Nesse caso, nenhum desses aspectos se observa no tipo de seleção entre o verbo *repreender* e o CP em (iia), como se verifica pela inaceitabilidade das sentenças em (vi).

(v) a. o professor quer saber [qual/que aluno riscou a parede]
b. o professor quer saber [quem (foi) que riscou a parede]
c. o professor quer saber [com quem ele falou]

(vi) a.*o professor repreendeu [qual/que aluno riscou a parede]
b. *o professor repreendeu [quem (foi) que riscou a parede]
c. *o professor repreendeu [com quem ele falou]

Porém, há verbos excepcionais que apresentam ambos os conjuntos de características acima, como *ver*, *descobrir* (sobre verbos que apresentam comportamento excepcional em várias línguas ver GROSU, 2002). Para Móia (1992) estamos, nesse caso, diante de uma espécie de "ambigüidade estrutural" entre relativas livres e interrogativas indiretas. A sentença em (vii) seria um exemplo dessa dupla possibilidade, já que o verbo *ver* apresenta tanto as características do primeiro tipo de seleção (cf. (viii)), quanto do último (cf. (xix)).

(vii) o professor viu [quem riscou a parede]

b. **Para* onde você vai eu conheço.

c. *Eu vou trazer *d*o que ele precisa.

(20) a. O candidato que eu aprovei está se saindo bem.

b. Quem eu aprovei está se saindo bem.

(21) a. O candidato que eu trouxe, o qual você aprovou, está se saindo bem.

b. *O candidato que eu trouxe, quem você aprovou, está se saindo bem.[8]

Por fim, as relativas podem se distinguir também quanto à estratégia de relativização. Com relação ao PB, um dos primeiros estudos a discutir a existência de um sistema de relativização não-padrão predominante na linguagem oral foi o de Tarallo (1983). O autor identifica, nesse novo sistema, um tipo de estratégia não-padrão denominada por ele "cortadora". Assim, ao lado da relativa *padrão* (cf. (22a)), o PB contemporâneo apresenta também as relativas não-padrão: *resumptiva*, que seria, segundo o autor, uma estratégia acessível em muitas línguas como "último recurso" (cf. (22b)), e *cortadora* (cf. (22c)).

(22) a. Capitão Gancho é o pirata cuja mão o crocodilo Tic-tac comeu.

b. Capitão Gancho é o pirata que o crocodilo Tic-tac comeu a mão dele.

(viii) a. o professor viu [$_{DP}$ o aluno]
b. [quem riscou a parede] foi visto pelo professor
c. o professor viu o [$_{NP}$ aluno [que riscou a parede]

(xix) a. o professor viu [qual/que aluno riscou a parede]
b. o professor viu [quem (foi) que riscou a parede]
c. o professor viu [com quem ele falou]

[8] Veja maior explanação sobre essa característica em Emond (1979).

c. Capitão Gancho é o pirata que o crocodilo Tic-tac comeu a mão.

Com base em *corpora* constituídos de cartas e peças teatrais, originárias de diversas regiões do Brasil, escritas entre 1725 e 1880, nas quais foram encontradas 1.579 cláusulas relativas, o autor constatou um processo de mudança no sistema de relativização do PB que culminou, na segunda metade do século XIX, na substituição da estratégia padrão pela cortadora. Nesse período, a estratégia cortadora já apresentava uma freqüência de uso de 59,5%, enquanto a estratégia padrão apresentava uma freqüência de 35,4% e a estratégia resumptiva, que manteve uma freqüência marginal durante todo o período estudado, apresentava um índice de 5,1%.

Outro importante estudo a respeito das estratégias de relativização não-padrão em PB é o de Kato (1993), reformulado por Kato e Nunes (2007). A proposta de Kato (1993) para a estrutura das relativas não-padrão em PB segue uma direção bastante diferente da tomada por Tarallo (1983), para explicar como se estruturam as estratégias padrão e não-padrão nessa língua. Tal proposta procura associar as estratégias de relativização não-padrão em PB à existência de estruturas de deslocamento à esquerda (LD - *Left Dislocation*), comumente referidas como estruturas de tópico[9]. Conforme Kato (1993), o fato de termos um

[9] Em nota, Kato (1993, p. 257) explica que o que é, em geral, referido como tópico na literatura não-gerativista (cf. LI e THOMPSON, 1976)* é quase sempre o que em teoria gerativa é referido como LD. Já Topicalização, na teoria gerativa, é definido como movimento de elementos quantificadores e operadores (por exemplo, elementos-Q), associados muitas vezes à função de foco (por exemplo, sentenças clivadas) e não a tópico de discurso, que pode ser associado ao conceito de Tópico de Discurso de Raposo (1986)** ou de D-*linked* de Pesetsky (1987)***.

* LI, C.; S. THOMPSON. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, C. (ed.) **Subject and Topic**. New York: Academic Press; 1976, p.457-461.

pronome ou uma categoria vazia co-referente ao item deslocado, em construções de LD em PB (cf. (23a) e (23b), respectivamente) explica por que temos, em relativas não-padrão, não só um pronome resumptivo, mas também uma categoria vazia. É que a relativização se daria, nesse caso, a partir da posição de LD e não de uma posição interna a IP (cf. (24)).

(23) a. [$_{LD}$ *esse buraco*$_i$], [$_{IP}$ taparam *ele*$_i$ outro dia]

b. [$_{LD}$ *essa cerveja*$_i$], [$_{IP}$ eu não gosto Ø$_i$]

(Adaptado de KATO, 1993, p. 230)

(24) a. *O buraco* que taparam *ele* outro dia...

b. *A cerveja* que eu não gosto...

(KATO, 1993, p. 230)

2 Definição do problema

Uma vez que se verificam duas estratégias de relativização em PB — a padrão e a não-padrão — com possibilidade de ocorrência de uma ou da outra, como se dá a aquisição da relativização nessa língua? O que leva a criança a adquirir cada uma dessas estratégias? Quando a aquisição de uma e a aquisição da outra ocorrem?

Primeiramente, vamos definir melhor o que está sendo tratado aqui como relativa padrão e relativa não-padrão. Veremos, no capítulo II, que as propostas para a estrutura dessas duas estratégias diferem em relação a vários aspectos. Mas, buscando o que há de comum nessas

** RAPOSO, E. P. On the null object in European Portuguese. In: JAEGGLI, O.; SILVA-CORVALÁN, C. (orgs.) **Studies in Romance Linguistics**. Dordrecht: Foris; 1986, p. 373-390.

*** PESETSKY, D. Wh-insitu: movement and unselective binding. In: REULAND, E. J.; MEULEN, A T. (orgs.) **The Representation of (in)definiteness**, Cambridge:, The MIT Press; 1987, p. 99-129.

análises, podemos definir, preliminarmente, a estratégia padrão como a que se caracteriza pelo movimento do termo relativizado, extraído de uma posição interna a IP (cf. (25a)). Nessa posição, encontra-se um vestígio de movimento, representado por **t** (da palavra inglesa *trace*). Assim, trataremos a expressão *estratégia (ou relativa) de movimento* como sinônimo da expressão *estratégia (ou relativa) padrão*. Em contraste, a estratégia não-padrão se caracteriza como a que não apresenta um vestígio de movimento dentro de IP, porque nesta o item relativizado não é alçado de uma posição interna a esse nódulo. Por isso, em vez do vestígio **t**, encontramos na posição interna a IP ou um pronome resumptivo realizado foneticamente (cf. (25b)) ou uma categoria vazia (**pro**) (ver KATO, 1991; CYRINO, 1993; GALVES, 1989; FERREIRA, 2000) (cf. (25c)).

(25) a. a pessoa de quem [$_{IP}$ Maria te falou **t**]
b. a pessoa que [$_{IP}$ Maria te falou d**ela**]
c. a pessoa que [$_{IP}$ Maria te falou **pro**]

A primeira situação problemática com a qual nos deparamos no tocante à aquisição de relativas diz respeito às relativas não-preposicionais. Conforme já atestado em estudos anteriores (ver GROLLA, 2000 e PERRONI, 2001) e como veremos com a descrição dos dados aqui investigados, essas são as primeiras relativas a surgir na fala infantil. Entretanto, a estrutura superficial dessas relativas não apresenta pistas de qual seria sua estrutura subjacente. Em (26), por exemplo, não há indicativos de que a categoria vazia seja um **t** ou um **pro**. Nesse caso, o que a criança está adquirindo: a estratégia padrão ou a não-padrão?

(26) um amigo que [$_{IP}$ eu chamei Ø] pra jantar com a gente

Em relação às relativas preposicionais, observa-se, não apenas em PB (também em italiano, francês, inglês), que a aquisição da estratégia

padrão (que exige *pied-piping* da preposição[10]) mostra-se bastante tardia (ver CORRÊA, 1998; LABELLE, 1990; GUASTI e CARDINALETTI, 2003). Por que isto ocorre?

Em suma, o problema da aquisição de relativas em PB, focalizado neste estudo, localiza-se nos motivos pelos quais a aquisição dessas duas estratégias se processa como se observa: aquisição rápida das relativas não-preposicionais, embora pareçam não existir no *input* pistas claras de sua estrutura subjacente; e dificuldade na aquisição das relativas com *pied-piping* preposicional.

3 A hipótese deste estudo

Comenta Kato (1997) que, no modelo Minimalista da teoria de Princípios e Parâmetros, os "princípios são vistos como epifenômenos de uma Lei mais geral de economia, ou ainda como condições de interface (Princípio da Interpretação Plena) e não como condições sintáticas *stricto sensu*" (KATO, 1997, p. 6). Pode-se dizer, segundo a autora, que, nesse modelo, "a criança é guiada por princípios de Economia, procrastinando ou preferindo movimentos mais curtos" (*Ibidem*, p.9).

Partindo dessa perspectiva, proponho discutir aqui o problema delineado na seção anterior com base em análises fundamentadas em princípios de economia como *Last Resort Condition* (Condição de Último Recurso). Essa condição norteia a discussão feita por Hornstein (2007), que é tomada aqui como base para análise da aquisição de relativas não-preposicionais. Além de *Last Resort*, assumo, seguindo Roeper (2003), *Attract* (Atraia) e *Seek Sublabel/Path* (Caminho/Busca de Subetiqueta)

[10] Alçamento da preposição juntamente com o item relativizado, como em (i).

(i) a pessoa com quem eu falei ontem.

como condições de economia. Segundo o autor, "grammar should capture the notion of Seek Sublabel as a part of the economy system. Economy prefers/requires minimal depth for Seek Sublabel" (ROEPER, 2003, p.6). Assim, na noção de *Attract* e *Seek Sublabel/Path* como condições de economia, fundamenta-se a análise aqui feita a respeito da aquisição das relativas preposicionais.

Portanto, o problema em foco neste estudo é analisado com base na seguinte hipótese: na aquisição da relativização, as opções preferidas são sempre as mais econômicas. Especificando, podemos desdobrar essa hipótese da seguinte maneira: a) pelo fato de partir da estrutura mais econômica, a criança não encontra problema para adquirir as relativas não-preposicionais, mesmo que a estrutura subjacente destas não esteja explícita no *input*; e b) há uma dificuldade inerente à operação de *pied-piping* que resulta numa aquisição tardia das relativas com *pied-piping*.

Se estas hipóteses estiverem corretas, temos em Leis de Economia a motivação para as "escolhas" da criança observadas no tocante à aquisição de relativas. Buscarei, ao longo deste estudo, argumentos empíricos e teóricos que fundamentem a avaliação dessas hipóteses.

4 Hipóteses anteriores

A dificuldade com a aquisição de relativas com *pied-piping* é uma questão que vem chamando a atenção de pesquisadores já há certo tempo. Os estudos têm focalizado esse problema não só em PB, mas em várias outras línguas, o que mostra o caráter translingüístico dessa questão. A discussão desse problema será aqui concentrada na aquisição de duas outras línguas românicas — o francês e o italiano—, além dos trabalhos que discutem aquisição de relativas em PB. Esse problema, todavia, estende-se

a uma língua como o inglês, que apresenta no tocante às relativas uma característica não existente em línguas românicas — *prepositional-stranding.*[11] Este estudo abordará, rapidamente, também a aquisição de relativas nessa língua e em japonês.

Os estudos que discutiremos aqui recortam o problema acima de diferentes maneiras. Um dos primeiros recortes feitos procura abordar uma suposta inexistência da estratégia de movimento-wh na gramática infantil, atribuindo a dificuldade com a aquisição da relativa com *pied-piping* a essa inexistência. Essa hipótese foi defendida por Labelle (1990, 1996), para quem cláusulas relativas produzidas por crianças adquirindo o francês implicam simplesmente uma regra de co-indexação da cláusula relativa com um antecedente, sem movimento-wh. Tal hipótese foi, entretanto, veementemente contestada por Guasti e Shlonsky (1995) e Guasti e Cardinaletti (2003), os quais defendem que há movimento presente na gramática infantil.

Guasti e Shlonsky (1995) e Guasti e Cardinaletti (2003) apresentaram outras hipóteses para explicar esse problema. Para os primeiros, a gramática infantil seria desprovida de *linking operators* (operadores co-indexados com o antecedente e a variável) por razões que envolvem maturação da Gramática Universal (GU). Em decorrência disso, até os 6;0 de idade, a criança só realizaria relativas não-padrão. Já para as últimas, o problema das crianças com a aquisição dessa estratégia está relacionado à ausência, na fala coloquial dos adultos, do material lexical empregado nessas relativas (morfemas relativos que ocorrem em relativas com *pied-piping*).

Com relação ao PB, a hipótese para a estrutura das relativas não-

[11] Preposição órfã ou encalhada. Um tipo de estrutura comum a línguas como o inglês (cf. (i)).

(i) The boy that Mary talked to.
[*O garoto que Mary falou com*]

padrão de Kato (1993) aparece norteando todas as propostas para análise do fenômeno de aquisição de relativas discutidas aqui. Assim, Perroni (2001) defende a hipótese de que há, em PB, uma facilidade de aquisição das relativas não-padrão por terem estas uma estrutura próxima à das sentenças clivadas, pois uma e outra se originam de estruturas com constituintes deslocados à esquerda[12]; Corrêa (1998) defende que, para a estratégia com *pied-piping*, o falante precisa passar da estratégia não-padrão, baseada na construção de LD, para a estratégia padrão; e Grolla (2000, 2005a) defende a hipótese de que os fenômenos referentes à aquisição de relativas estariam relacionados a três estágios pelos quais a criança passaria ao adquirir a periferia esquerda da sentença, estando a aquisição da estratégia de movimento no primeiro estágio e a aquisição das estratégias com resumptivo realizado foneticamente e nulo nos dois últimos estágios.[13]

Por fim, em um estudo a respeito da aquisição de relativas em inglês, McDaniel, McKee e Bernstein (1998) procuram relacionar economia a complexidade derivacional, defendendo a hipótese de que a dificuldade que as crianças apresentam para adquirir relativas com *pied-piping* nessa língua se deve a certa complexidade medida pelo número de movimentos na derivação. A análise dessas autoras é contestada por Harada (2000), que apresenta dados de aquisição de relativas em japonês que não confirmam as conclusões de McDaniel *et al* (1998). Harada (2000) também defende a hipótese de que a complexidade derivacional, medida pelo número de movimentos, interfere na aquisição das relativas. Entretanto, a

[12] Neste estudo, também vamos adotar a hipótese de que a estrutura de deslocamento à esquerda (LD) das relativas não-padrão facilitam a aquisição destas relativas (somente das preposicionais), mas numa perspectiva completamente diferente dessa apresentada por Perroni (2001).

[13] Essa autora não trata propriamente do problema da aquisição tardia das relativas com *pied-piping* da preposição. O foco da atenção, nesse caso, é o surgimento das primeiras relativas não-preposicionais e relativas com resumptivo realizado foneticamente ou nulo.

análise alternativa apresentada por ela também não se mostra satisfatória. Tal questão será abordada na seção 5 do capítulo III.

5 O Método, os *corpora* e os informantes

Os dados investigados no presente estudo compõem *corpora* coletados via método longitudinal e naturalístico. Essa escolha metodológica está diretamente relacionada à necessidade de adotar, para este estudo, um método que: a) possibilitasse um acompanhamento contínuo do fenômeno de aquisição em progressão e em tempo real; b) possibilitasse a verificação do período em que surgem os vários subtipos de relativas; e c) possibilitasse o recolhimento de dados espontâneos do *input*. O método naturalístico-longitudinal propicia os pontos acima porque fornece dados da produção espontânea de relativas, no curso natural do processo de aquisição, podendo revelar informações insuspeitadas pelo pesquisador.[14]

---

[14] Não apenas dados de produção, mas também dados de compreensão podem compor *corpora* de estudo do processo de aquisição da linguagem. Um importante trabalho sobre aquisição de relativas em PB, com base em dados de compreensão, é o estudo experimental de Corrêa (1986, 1995). A autora pesquisou crianças de 3;0 a 6;0 de idade falantes do português e, através de testes envolvendo orações relativas de sujeito e de objeto (cf. (i)), ela chegou a resultados que mostram que as crianças processam relativas como modificadoras de nomes e buscam um referente para o SN (NP) relativizado antes que o processamento da sentença seja concluído. Esses resultados, interpretados à luz de um modelo de *parsing,* levam a autora à conclusão de que os erros nos testes sugerem que muitas das dificuldades das crianças podem ser atribuídas à sobrecarga de memória, uma vez que relativas são processadas como nomes modificados por sentenças. Para a autora, o conhecimento gramatical básico habilita a criança para a produção espontânea de relativas como modificadoras do nome; entretanto, a recursividade potencial das regras gramaticais não é condição suficiente para o sucesso na compreensão de sentenças relativas, até mesmo quando essas estão num contexto pragmaticamente satisfatório.

(i) Experimento:

a. TAREFA - Numa cena com animais de brinquedo envolvendo *ator>ação> objeto*, a criança é convidada a indicar o brinquedo que representa o animal malcriado dentre dois indivíduos da mesma espécie.

b. CENA - A horse pushes a cow. Another horse chases a hen.
[*Um cavalo empurra uma vaca. Outro cavalo persegue uma galinha.*]

Esses *corpora* se constituem de registros de fala de três crianças baianas, nascidas na cidade de Vitória da Conquista, filhas de pais baianos, nascidos em cidades das micro-regiões Sudoeste e Sul do Estado da Bahia. O período etário de coleta das amostras de fala foi dos 1;6 (um ano e meio) aos 2;6 (dois anos e meio) para duas das crianças estudadas, L. e E. e dos 1;6 aos 3;6 (três anos e meio) para a terceira criança, A.L.

As amostras de fala foram coletadas em sessões semanais, gravadas em áudio com duração de meia hora por sessão. Dois fatores caracterizam as amostras coletadas nessas sessões como tendo um alto grau de naturalidade: a) as sessões de gravação se realizaram nos ambientes domésticos ou outros ambientes familiares à criança como igreja, casa dos avós, praça pública; e b) os interlocutores das crianças durante as sessões de gravação foram, na maioria das vezes, a mãe, outras vezes, o pai, avós, tios, primos ou a babá.

Outra característica dessas amostras é a densidade. Embora o material gravado por semana corresponda a trinta minutos, as sessões de gravação duraram bem mais que isso, sobretudo nos primeiros meses, quando a criança falava muito pouco. O procedimento adotado foi o de desligar o gravador durante os períodos em que a criança parava de falar por muito tempo para voltar a ligar quando ela reiniciasse a conversa. Assim, algumas amostras representam quase que um dia de coleta.

(CORRÊA, 1995, p. 190)

c. SETENÇA TESTADA - The horse that pushed the cow kicks the sheep.
[*O cavalo que empurrou a vaca chuta a ovelha.*]
(CORRÊA, 1995, p. 190)

d. COMPORTAMENTO ESPERADO - Espera-se que a criança pegue o cavalo que empurrou a vaca e o faça chutar a ovelha.

6 Organização da tese

O capítulo II destina-se à discussão sobre aspectos sintáticos da relativização em PB, uma vez que o estudo de um fenômeno de aquisição da linguagem pressupõe análises a partir de uma proposta para a gramática alvo. Investigo, nesse capítulo, hipóteses sobre a estrutura subjacente das relativas não-padrão em PB, expostas na literatura especializada, e fenômenos empíricos relacionados às relativas apositivas e livres, não observados antes do presente estudo.

No capítulo III, são discutidas as hipóteses de explicação para o fenômeno de aquisição de relativas, apresentadas acima, propostas em estudos anteriores. Essas hipóteses foram agrupadas em quatro seções com base no que elas traziam em comum. Assim, elas se agrupam em torno dos seguintes pontos: a) ausência ou não da estratégia de movimento na fala da criança; b) relativas com estrutura de LD como base da relativização do PB oral; c) existência de estágios na aquisição da periferia esquerda da sentença; e d) relação entre facilidade/dificuldade para a aquisição de relativas e número de movimentos na derivação.

No capítulo IV, que se destina à descrição e análise dos dados investigados neste estudo, as hipóteses apresentadas no capítulo III são retomadas e avaliadas frente aos dados da fala de crianças e adultos, com base em três questões: a) ausência/presença da estratégia de movimento na gramática infantil; b) a hipótese dos estágios na aquisição de relativas; e c) a hipótese de ausência de morfemas relativos específicos da estratégia com *pied-piping*, no *input* oral.

No capítulo V, apresento uma discussão do problema e da hipótese defendida neste estudo, com base nos estudos de Hornstein (2007) e Roeper (2003), que defendem, respectivamente, que: a) derivações com movimento são mais econômicas que derivações que recorrem ao uso

de pronome-ligado[15]; e b) se aquisição se conforma com economia, a preferência em aquisição é pela operação que envolve dominância imediata — *Attract Constituent under C-command* (processo que ocorre com a relativa sem *pied-piping*) — e não pela operação que envolve profundidade — *Path Quantification* (processo que ocorre com a relativa com *pied-piping*).

Por fim, a conclusão do trabalho é apresentada em forma de síntese, extraindo-se de cada capítulo os pontos essenciais da discussão, resultados de análises e conclusões deste estudo.

---

[15] A aquisição de pronomes A-ligados e A'-ligados em PB e em inglês é investigada por Grolla (2005b) em um estudo experimental. A autora defende que as crianças têm um baixo índice de acertos em testes com pronomes A-ligados e A'-ligados porque a origem do problema é a mesma. A favor dessa idéia, ela argumenta que: ambas as construções envolvem pronomes; os resultados de estudos em diversas línguas indicam que as crianças se comportam de maneira similar nos dois testes, aceitando esses casos agramaticais em nível de chance; e a idade das crianças quando esse comportamento é detectado é o mesmo nos dois casos (por volta de 4 e 5 anos de idade). O experimento realizado nesse estudo se processou da seguinte maneira: as crianças, falantes de PB e inglês, foram entrevistadas em dois experimentos, utilizados como instrumentos para julgamento de gramaticalidade. Um envolveu pronomes A-ligados (cf. (i)) e o outro envolveu pronomes A'-ligados (cf. (ii)). Os resultados revelaram, segundo a autora, que a maioria das crianças se comportou em nível de chance (50% de respostas corretas) em ambos os casos. A autora discute os resultados, buscando fundamento na proposta de Hornstein (2001)*, com base na qual ela assume que pronomes A-igados e A'-ligados são estratégias de último recurso. E, adotando a hipótese de Grodzinsky e Reinhart (1993)**, ela propõe que essa condição exige muito da memória de trabalho das crianças pequenas, que é mais limitada que a dos adultos e não consegue lidar com computações complexas, como as que são necessárias para avaliar se um pronome ligado é permitido ou não numa derivação. Ou seja, segundo a autora, os problemas das crianças com pronomes estão relacionados a dificuldades de processamento e não à falta de algum conhecimento lingüístico.

(i) *O dragão está coçando ele.
(ii) *O sapo que ele está esquiando está contente. (GROLLA, 2005b, p.126)

* HORNSTEIN, N. **Move! A Minimalist Theory of Construal.** Oxford: Blackwell Publishers; 2001. 258p.

** GRODZINSKY, Y., REINHART, T. The Innateness of Binding and Coreference. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v. 24, n.1, 1993, p. 69-101.

Capítulo II

A Gramática Alvo

1 Introdução

Considerando que o estudo de um fenômeno de aquisição da linguagem pressupõe análises a partir de uma proposta para a gramática alvo, investigo, neste capítulo, qual seria a estrutura subjacente às relativas padrão e não-padrão em PB, bem como peculiaridades, verificadas empiricamente, da relativização apositiva e das relativas livres nessa língua.

As seções 2 e 3 são dedicadas à apresentação de análises sobre a estrutura de relativas dentro do quadro teórico gerativista e à discussão de hipóteses sobre a estrutura das relativas não-padrão em PB, as quais seguem duas linhas de análise. Na primeira linha, pressupõe-se que as relativas não-padrão são encabeçadas por um *que* complementizador e a padrão por um NP/DP relativo; e, na segunda, procura-se ligar as relativas não-padrão à construção de LD.

Fundamentada na segunda perspectiva encontra-se a proposta de Kato (1993), assumida já em algumas análises sobre aquisição de relativas em PB (ver CORRÊA, 1998, 1999; PERRONI, 2001). Neste estudo, assumo a proposta de Kato e Nunes (2007) (uma versão refinada da proposta de Kato (1993)), porque essa proposta fornece recurso para uma explicação satisfatória dos fenômenos peculiares à gramática do PB aqui observados, como veremos nas seções 4 e 5, nas quais, respectivamente, os fenômenos relacionados às relativas apositivas e livres serão apresentados e discutidos.

2 A estrutura das relativas

No modelo tradicional (ver ROSS, 1967; CHOMSKY, 1981; ROUVERET, 1987), a estrutura das relativas teria: a) como alvo da relativização um NP; b) um NP antecedente e um NP relativizado que são constituintes distintos, estando o primeiro incluído na cláusula matriz e o segundo na encaixada; e c) adjunção como a relação sintática entre o NP antecedente e o CP relativizado (cf. (1)). Essa estrutura corresponde a um NP complexo. Melhor dizendo, em (1), por exemplo, o NP *o rapaz* é modificado pela cláusula relativa – o CP. No CP, o constituinte relativizado é movido da posição argumental em IP para o SpecCP.

(1) $[_{NP}\ [_{NP}$ o rapaz$]_i\ [_{CP}$ *com quem*$_i\ [_{IP}$ Maria falou t_i]]]

Com Kayne (1994) é retomado um tipo de análise em que se concebe que o sintagma alvo da relativização é um constituinte alçado do CP relativo (inicialmente proposto em VERGNAUD, 1974)[16]. De acordo com

[16] VERGNAUD, J.R. **French Relative Clauses**. 1974. [s.p.] Dissertation (Doctoral) – Massachussets Institute Techonologic, Cambridge, 1974.

o modelo proposto por ele, conhecido como *raising analysis* (análise por alçamento), o D pode selecionar como seu complemento um CP. Para o autor, a estrutura da relativa seria (2), a única compatível com o *Axioma de Correspondência Linear* (LCA) (ver KAYNE, 1994, p. 6).

(2) $[_{DP}\ D^0\ CP]$ (KAYNE, 1994, p. 87)

Assim, de acordo com essa proposta, os três tipos de relativas do inglês são derivados a partir do alçamento para o domínio de checagem de C de: a) um NP nas relativas-*that*; b) um DP nas relativas-wh; ou c) um PP nas relativas com *pied-piping* (cf. estruturas em (3b), (4b) e (5b), respectivamente). No caso das relativas-wh e das relativas com *pied-piping*, há previsão de mais alçamento: o NP incluído no DP movido é alçado para o SpecDP, na caso das relativas-wh; e, no caso das relativas com *pied-piping*, esse NP é alçado para o SpecPP, provavelmente, via Spec do DP-wh, segundo o autor.[17]

(3) Relativas-*that*:[18]

a. The picture that Bill saw.
[*O quadro que Bill viu*]

b. $[_{DP}$ the $[_{CP}$ picture$_i$ $[_{C'}$ that $[_{IP}$ Bill saw $t_i]]]]$

[17] Para Kayne (1994), Spec é, na verdade, um adjunto. Todavia, assumo aqui, seguindo Kato e Nunes (2007), a distinção entre adjunção e Spec ao assumir o modelo de *raising*.

[18] Um problema é levantado em relação à proposta para a estrutura das relativas-*that*. O alçamento do NP implica que seja este (o NP) o constituinte gerado como argumento do verbo em IP, mas a inaceitabilidade da cláusula em (i) mostra que provavelmente esse tipo de alçamento não ocorre (ver BORSLEY, 1997).

(i) *Bill liked picture. (BORSLEY, 1997, p. 631)
[*Bill gostou de quadro*]

Para Bianchi (2000) esse problema pode ser contornado com um refinamento da proposta Kayne (1994). A autora propõe que a relativa-*that* envolve não o alçamento de um NP, mas o alçamento de um DP encabeçado por um determinante relativo nulo. Esse determinante nulo seria licenciado por incorporação abstrata ao D^0 externo (cf. (ii)).

(ii) $[_{DP}\ D_{Rel}$ + the $[_{CP}\ [_{DP}$ t picture$]_i\ [_{CP}$ that Bill liked $t_i]]]$ (BIANCHI, 2000, p. 125)

(4) Relativas-wh:

a. The picture which Bill saw.
[*O quadro que Bill viu*]

b. [$_{DP}$ the [$_{CP}$ [$_{DP}$ picture$_j$ [$_{D'}$ which t$_j$]]]$_i$ [C^0 [$_{IP}$ Bill saw t$_i$]]]

(5) Relativas com *pied-piping*:

a. The hammer with which Bill broke it.
[*O martelo com que Bill quebrou isto*]

b. [$_{DP}$ the [$_{CP}$ [$_{PP}$ hammer$_j$ [$_{P'}$ with [$_{DP}$ (t$_j$) which t$_j$]]] [C^0 [$_{IP}$ he broke it e$_i$]]]]

(adaptado de KAYNE, 1994, p. 87-89)

3 Hipóteses para a estrutura das relativas em PB

Nesta seção, a discussão colocará, de um lado, as hipóteses de *movimento*-wh *vs. apagamento,* de Tarallo (1983), e *apagamento do núcleo [P+D]*, de Kenedy (2002), que se baseiam na idéia de que as relativas não-padrão em PB se caracterizam por apresentar um complementizador *que* no núcleo C^0 e apresentar uma operação de corte da preposição para o caso da estratégia dita "cortadora"; e, do outro lado, a hipótese de *movimento*-wh *para as três estratégias*, de Kato (1993) e Kato e Nunes (2007), que avaliam a possibilidade de as estratégias padrão e não-padrão das relativas em PB se caracterizarem pela posição da variável co-referente ao termo relativizado – se dentro ou fora do IP.

3.1 Apagamento de preposição na estratégia não-padrão

3.1.1 Hipótese de movimento *vs.* apagamento

Tarallo (1983) identifica dois tipos de estratégias de relativização em PB: estratégia de movimento-wh (a padrão), que requer um movimento do morfema-wh para COMP, deixando uma categoria vazia na cláusula encaixada (figura 1); e estratégia não-padrão, que se subdivide em três tipos: a) *estratégia resumptiva*, que não requer movimento-wh, apresentando um complementizador *que* em COMP e um pronome resumptivo, em vez da categoria vazia (figura 2a); b) *gap-leaving*[19], específica das relativas de sujeito e objeto direto, na qual o COMP é [-wh] e a categoria vazia não deriva de movimento-wh (figura 2b); e c) cortadora (*PP-chopping*), que também apresenta um *que* complementizador, não apresenta pronome resumptivo e tem a preposição apagada na cláusula encaixada (figura 2c).[20]

[19] "Relativa com lacuna" de acordo com a tradução do autor em Tarallo (1993).

[20] A idéia de que o movimento-wh não existe nas relativas resumptivas é partilhada por muitos autores em estudos de diversas línguas. Ver, além de Tarallo (1983), para o estudo do português do Brasil, também Alexandre (2000), para o estudo do português europeu; Chimbutane (1996), para o português de Moçambique; McCloskey (1990), para o estudo do irlandês, Shlonsky (1992) para o estudo do hebraico, árabe palestino; Bouchard (1981) entre outros autores.

Figura 1:
The Standard Variant

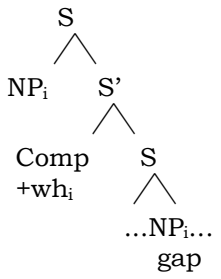


Figura 2a:
The Resumptive Pronoun Variant

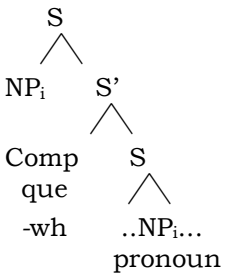


Figura 2b:
The Gap-Leaving Variant

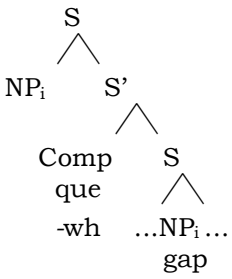
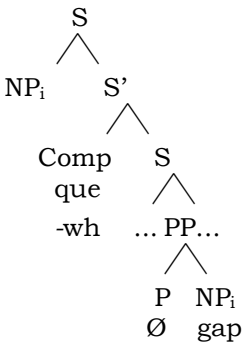


Figura 2c:
The PP-Chopping Variant



(TARALLO, 1983, p. 45-48)

Os exemplos (6a), (6b), (6c) e (6d) a seguir correspondem, respectivamente, à: relativa padrão, na figura 1; relativa resumptiva, na figura 2a; relativa com lacuna, na figura 2b; e relativa cortadora, na figura 2c.

(6) a. a pessoa$_i$ [de quem$_i$ [Maria gosta **t**$_i$]]
b. a pessoa$_i$ [que [Maria gosta d**ela**$_i$]]
c. a pessoa$_i$ [que [**Ø**$_i$ chegou]]
d. a pessoa$_i$ [que [Maria gosta **Ø**$_i$]]

Tarallo (1983) relaciona a origem da cortadora a alguns fatos sintáticos: o clítico teria dado lugar à anáfora nula, e teria passado a acontecer apagamento de sintagmas preposicionais, não permitido anteriormente. Esse apagamento é previsto em duas etapas nas cortadoras: primeiro o objeto pronominal da preposição é apagado, depois a própria preposição é apagada para evitar a violação contra a restrição a preposições órfãs (*prepositional-stranding*).

3.1.2 Hipótese de apagamento baseada no modelo *raising*

Kenedy (2002) também vê, na estratégia cortadora, uma ligação com a restrição à *prepositional-stranding*, que existe em português e demais línguas românicas. Estabelecendo uma relação entre esse fenômeno e um suposto corte da preposição nas relativas cortadoras, o autor toma por base a hipótese do núcleo [P+D] (formulada por SALLES, 1997,1999)[21] para explicar a estrutura das resumptivas e cortadoras em PB. De acordo com essa hipótese, em línguas de *pied-piping* obrigatório (como o português, que faz comumente contração entre preposição e determinante), a preposição e o DP são movidos juntos. Nessas línguas, ocorreria um complexo [P+D] (preposição+determinante)[22], que se comporta como uma unidade sintática formada pela incorporação em P dos traços φ marcados em D.[23]

Segundo o autor, na relativização em línguas como o português, a operação de movimento reconhece em [P+D] um constituinte único que deverá ser deslocado integralmente, resultando no *pied-piping* da preposição. Com base nessa idéia e na hipótese de relativização por alçamento de Kayne (1994), a estrutura da relativa com *pied-piping* em PB tem, para o autor, a configuração em (7):

(7) [a [$_{CP}$ [pessoa [$_{P+D}$ com quem]]$_i$ [$_{IP}$ você falou t_i]]]

(KENEDY, 2002, p. 123)

---

[21] SALLES, H. **Prepositions and the Syntax of Complementation.** 1997[S.P]. Dissertation (Doctoral). University of Wales, Bangor, 1997.

SALLES, H. 1999. **Aspectos da sintaxe de clíticos e artigos em português.** Brasília: UnB. Disponível na Internet via hsalles@unb.br.

[22] Reformulado por Kenedy (2002) como conjunto de traços φ que se manifestam inseparavelmente em P e D.

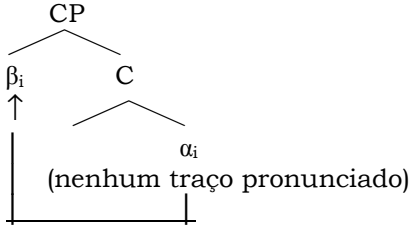
[23] Com base nessa idéia, *prepositional-stranding* só ocorre nas línguas em que P e D se apresentam como constituintes distintos, que não compartilham traços φ, como ocorre no inglês e em outras línguas não-românicas.

Para o caso das relativas não-padrão em PB, o autor assume a estrutura das relativas-*that*[24], nos termos de Kayne (1994), e propõe que a resumptiva teria uma estrutura como em (8) e a cortadora uma estrutura como em (9). No caso da cortadora, o autor argumenta que, dada a unidade de traços do núcleo [P+D], o apagamento da cópia do DP torna obrigatório o apagamento também da preposição em PF.[25]

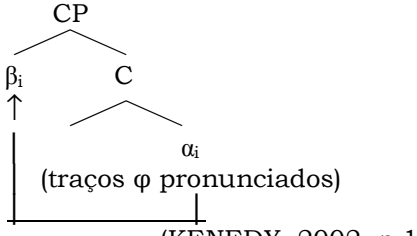
[24] O autor opta por interpretar *que* como complementizador, segundo ele, porque: a) não há evidências morfossintáticas que indiquem inequivocamente que o *que* é um DP relativo; e b) a derivação via complementizador seria mais simples, uma vez que a hipótese do *que* como DP relativo exige uma operação a mais – o alçamento de NP a SpecDP. Como contraponto ao motivo (a) há a discussão de Kato (1993), que encontra no latim vulgar um exemplo de associação entre o morfema relativo e o pronome resumptivo (ver nota 26). Com relação ao motivo (b), a essa suposta maior simplicidade da estrutura em que *que* é complementizador contrapõe-se a complexidade decorrente do fato de se ter que lidar com o alçamento de um NP em vez de um DP (problema apontado por Borsley, 1997). Esse problema é solucionável, conforme a proposta de Bianchi (2000) (ver nota 18), mas essa solução implica mais um alçamento – o de um D nulo que se une ao determinante do DP externo. Ou seja, se a complexidade da estrutura em que *que* é um determinante relativo reside na existência de um alçamento a mais, essa conta não fecha dessa maneira quando observamos que a estrutura com *that* também exige um segundo alçamento.

[25] Segundo Kenedy (2002), no modelo *raising*, as relativas resumptivas DP (cf. (ii) a seguir) são também derivadas via movimento, ao modo das relativas padrão DP (cf. (i)). Relativas padrão e resumptivas se diferenciariam, conforme o autor, em termos da manifestação em PF da cópia deixada na posição de base do constituinte deslocado. Essa cópia pode não se manifestar foneticamente (nulo) ou nela podem se manifestar os traços φ constitutivos do constituinte alvo (resumptivo). Numa resumptiva-PP como em (8), o DP relativizado (e não o PP como na padrão) é alçado da posição interna a IP, encontrando-se nessa mesma posição o resumptivo *ela*, isto é, a manifestação dos traços φ do constituinte alvo.

(i)

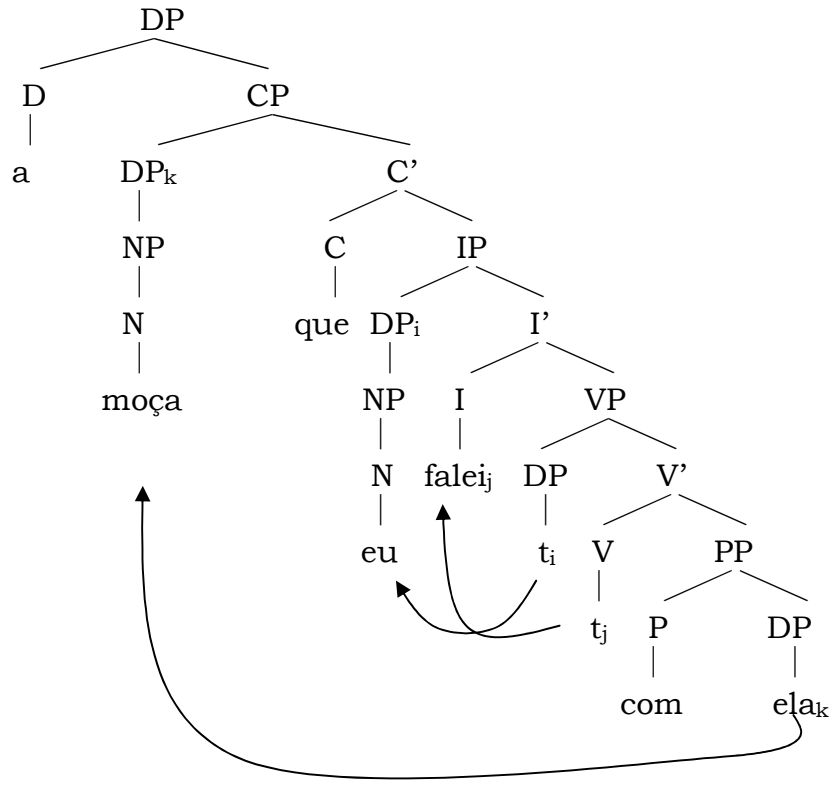


(ii)



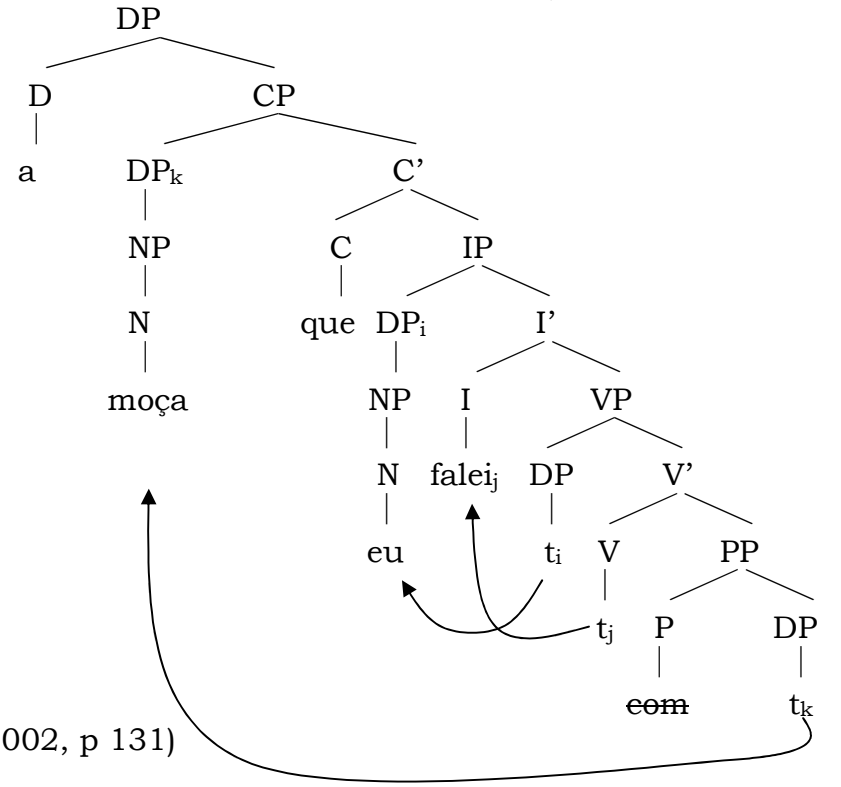
(KENEDY, 2002, p.107)

(8)



(KENEDY, 2002, p. 129)

(9)



(KENEDY, 2002, p 131)

3.2 Hipótese de movimento-wh também para as relativas não-padrão

De acordo com Kato (1993), o processo que subjaz aos três tipos de estratégias de relativização em PB é sintaticamente o mesmo. Para a autora, há, nos três casos, ligação do operador relativo-wh a uma posição vazia (variável) na sentença. Assim, a autora defende que a diferença entre as estratégias resumptiva e cortadora, de um lado, e a padrão, de outro, não tem a ver com a natureza categorial do COMP, mas com a posição da variável, que está fora do IP, no caso das primeiras, e dentro, no caso da última. Estas duas posições são universalmente disponíveis, pois a GU permite que o operador relativo-wh esteja ligado a elementos que se encontram no interior de IP e fora dele, em deslocamento à esquerda.

Assim, a autora propõe que: a) o *que* que introduz a relativa, na estratégia não-padrão (relativas resumptiva e cortadora), é um pronome relativo, extraído de uma posição não-canônica[26]; b) a posição da variável presa a este pronome é de deslocamento à esquerda (*Left Dislocation* = LD); e c) o pronome resumptivo é co-indexado à variável em LD.

(10) a. A moça ($_{CP}$ com quem$_i$ ($_{IP}$ eu falei ($_{PP}$ t_i) ontem).

b. A moça ($_{CP}$ que$_i$ (($_{LD}$ t_i) (eu falei com ela$_i$) ontem).

---

[26] Com base no estudo de Cohen (1990)*, Kato (1993) argumenta a favor da análise do *que* das relativas não-padrão em PB como morfema relativo e não como complementizador. Rastreando a origem do complementizador *que*, através de dados do Romance Antigo, Cohen (1990) conclui que esse complementizador advém da convergência de duas formas: *quod* e *qui(a)*. O primeiro inicia uma sentença no subjuntivo e o segundo subordina uma sentença no indicativo. Já o relativo *que* é avaliado nessa análise como fruto de uma neutralização, em forma acusativa, dos traços de gênero, caso e número, dentro do sistema relativo e interrogativo. Para Kato (1993), da mesma forma que ocorria no latim vulgar, no qual o relativo acusativo *quaem* se associa a um resumptivo, o *que* das relativas não-padrão em PB pode ser um pronome relativo.

* COHEN, M.A. **Syntactic Change in Portuguese Relative Clauses and the Adjective in the Noun Phrase**. 1990. [s.p.] Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

(KATO, 1993, p.227)

Segundo Kato (1993), em (10a) a relativização opera diretamente sobre o objeto do verbo, enquanto que em (10b) o que é relativizado é o DP na posição de LD. O pronome relativo *que* (de acordo com a classificação da autora) é co-indexado ao vestígio em LD, que é co-referente ao pronome pessoal *ela* dentro do IP.

A autora procura demonstrar que o resumptivo, nas relativas resumptivas, e o constituinte nulo, nas cortadoras, ocorrem tal qual ocorrem em sentenças raízes. Quer dizer, um elemento deslocado à esquerda em português brasileiro pode ser retomado ou por um pronome realizado foneticamente, como mostrado em (11), ou por um pronome nulo, como mostrado em (12).

(11) a. [esse livro]$_i$, ele$_i$ é muito bom
b. [esse livro]$_i$, eu comprei ele$_i$ ontem
c. [esse livro]$_i$, eu estava precisando dele$_i$ ontem

(12) a. [esse livro]$_i$, eu entrevistei a pessoa que escreveu __$_i$
b. [esse livro]$_i$, eu falei com um aluno que estava precisando __$_i$ ontem

A proposta de Kato (1993) é revista por Kato e Nunes (2007), que, com referência a exemplos como em (12), chamam a atenção para o fato de que a categoria vazia pode ocorrer dentro de uma ilha (cf. (12b) e (13a) abaixo). Isso assegura que não se está lidando com movimento de material deslocado para a posição de LD, sendo a categoria vazia nesses exemplos do tipo pronominal (cf.(13)).[27]

[27] O objeto nulo tem sido alvo de inúmeras discussões (ver GALVES, 1989; FARRELL 1990; KATO, 1991; CYRINO, 1993; NUNES, 1993; RAPOSO, 2004, entre outros). Kato (1993) analisou a categoria vazia em construções como (13b) como sendo o resultado de um tipo de elipse. A autora discute a existência de dois tipos de categorias vazias nas

(13) a. [esse livro]$_i$, eu entrevistei a pessoa que escreveu *pro*$_i$

b. [esse livro]$_i$, eu falei com um aluno que estava precisando *pro*$_i$ ontem

(KATO e NUNES, 2007, p.15)

Kato e Nunes (2007) também chamam a atenção para um comportamento peculiar das preposições a depender do verbo que as seleciona. Assim, mostram que, embora os verbos *precisar* e *rir* selecionem a preposição *de*, como em (14), somente *precisar* licencia um pronome resumptivo nulo em uma estrutura de LD (cf. (15)).

(14) a. a Maria riu *(d)o João

b. um aluno estava precisando *(d)esse livro ontem

(15) a. o João, a Maria riu *(dele)

(KATO e NUNES, 2007, p.15, 16)

b. esse livro, a Maria precisa (dele)

Esse contraste também se verifica em cláusulas relativas, como as dos exemplos em (16). Para justificar tal contraste, os autores sugerem que a preposição *de*, selecionada por verbos como *precisar*, seria uma realização de Caso inerente (ver CHOMSKY, 1986), tendo necessidade de aparecer somente quando o objeto é realizado foneticamente em posição argumental.

(16) a. este é o livro que eu estava precisando (dele)

b. esta é a pessoa que a Maria riu *(dela)

posições argumentais: prossintagmas nulos, que são parte de um paradigma (*me, te,* Ø), (*meu, teu*, Ø), que licenciam as categorias vazias em posição de objeto nulo e possessivo nulo, respectivamente; e categorias vazias provenientes de elipse para categorias que não têm prossintagma, como o PP. Kato e Nunes (2007) reinterpretam esta categoria vazia como um pronome nulo (*pro*).

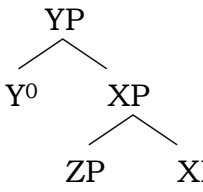
(KATO e NUNES, 2007, p.15, 16)

Partindo, então, da hipótese de Kato (1993) acima e da hipótese da estrutura [D^0 CP] para as relativas (de KAYNE, 1994), Kato e Nunes (2007) propõem uma análise por alçamento para as relativas não-padrão em PB. Dois pontos fundamentais dessa proposta devem ser ressaltados: a) todas as relativas restritivas em português brasileiro apresentam um determinante *que* relativo (e não um *que* complementizador); e b) a estrutura das relativas seria um tipo de configuração que envolve adjunção.

Assumindo com Chomsky (2000)[28] que toda operação de concatenação (*Merger*) deve ser licenciada como Último Recurso, Kato e Nunes (2007) analisam que, em (17a), se Y e ZP se concatenam, projetando YP, o *Merger* adicional entre YP e XP não é licenciado; da mesma maneira, se ZP se concatena com XP, tornando-se seu especificador, o *Merger* subseqüente entre XP e YP é prevenido novamente por Último Recurso. Em ambos os casos, as derivações são canceladas. A solução então seria a configuração de adjunção em (17b). Neste caso, se ZP é adjungido a XP, o *Merger* subseqüente entre Y e XP satisfaz à Condição de Último Recurso. Neste caso, ZP, além de estar no domínio mínimo de X, está também no domínio mínimo de Y, sendo estabelecida uma relação sintática também entre ZP e Y.

(17) a. $ZP_{\sigma 1,\sigma 2}$ $Y_{\sigma 1}$ $XP_{\sigma 2}$

[28] CHOMSKY, N. Minimalist Inquiries: The Framework. In: Martin R., Michaels, D., Uriagereka, J. (eds.) **Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik**, Cambridge: MIT Press; 2000. p. 81-155.

b. 

(KATO e NUNES, p.10)

Considerando essa configuração de adjunção, os autores propõem que, no caso das relativas não-padrão em PB, um DP encabeçado pelo determinante-wh (*que* — homófono ao complementizador declarativo) pode ser gerado na posição LD (cf. (18a)). Esse DP concatenado na posição de LD é alçado para ser adjungido a CP (cf. (18b)). O NP na posição de complemento desse DP é alçado e adjungido a esse próprio DP (cf. (18c)). E o CP relativo é selecionado por um determinante (cf. (18d)).[29]

(18) a. $[_{LD}$ que moça$_i$ $[_{IP}$ eu falei *dela/pro*$_i$]]
b. $[_{CP}$ $[_{DP}$ que moça$]_i$ $[_{CP}$ C $[_{LD}$ t$_i$ $[_{IP}$ eu falei *dela/pro*$_i$]]]]
c. $[_{CP}$ $[_{DP}$ moça$_k$ $[_{DP}$ que t$_k$ $]]_i$ $[_{CP}$ C $[_{LD}$ t$_i$ $[_{IP}$ eu falei *dela/pro*$_i$]]]]
d. $[_{DP}$ a $[_{CP}$ $[_{DP}$ moça$_k$ $[_{DP}$ que t$_k$ $]]_i$ $[_{CP}$ C $[_{LD}$ t$_i$ $[_{IP}$ eu falei *dela/pro*$_i$]]]]]

Sob esta análise, as derivações de relativas padrão e não-padrão são como os exemplos em (19), (20) e (21):

[29] Kato e Nunes (2007) não explicitam que posição, exatamente, o elemento em LD ocupa, ressaltando que o que é relevante para os seus propósitios é que essa posição se situe entre CP e IP. Como apontado por Juanito de Avelar (comunicação pessoal), essa posição não deve ser de adjunção a IP, pois do contrário o elemento em LD já estaria no domínio mínimo de C e, por isso, não se moveria. Em nota, comentam Kato e Nunes (2007) que:

> *It is immaterial for the present discussion what kind of projection LD in the structures that follow really is. All that matters is that it is the position that hosts left dislocated material and is between IP and CP. We will also abstract away for some interfering factors […], such as definiteness restrictions. For unclear reasons, relative clauses involving an overt resumptive in the subject position is generally acceptable if the "head" of the relative is indefinite; if the head is definite, the resumptive pronoun cannot be subjacent to the relative pronoun, as exemplified in (i).*
>
> *(i) Este é o livro que (*a Maria disse que) ele é muito bom.*
>
> (KATO e NUNES, 2007, p. 17)

(19) *Relativas padrão*:

a. [aquela [$_{CP}$ [$_{DP}$ pessoa$_i$[$_{DP}$ que t_i]]$_k$ [$_{CP}$ C [$_{IP}$ t_k comprou o livro]]]]

b. [o [$_{CP}$ [$_{DP}$ livro$_i$[$_{DP}$ que t_i]]$_k$ [$_{CP}$ C [$_{IP}$ aquela pessoa comprou t_k]]]]

c. [o [$_{CP}$ [$_{PP}$ livro$_i$ [$_{PP}$ de [$_{DP}$ t_i [$_{DP}$ que t_i]]]]]$_k$ [$_{CP}$ C [$_{IP}$ você precisa t_k]]]]

(20) *Relativas não-padrão com resumptivo foneticamente realizado*:

a. Eu tenho [uma [$_{CP}$ [$_{DP}$ amiga$_i$ [$_{DP}$ que t_i]]$_k$ [$_{CP}$ C [$_{LD}$ t_k [$_{IP}$ ela$_i$ é muito engraçada]]]]]

b. Este é [o [$_{CP}$ [$_{DP}$ livro$_i$ [$_{DP}$ que t_i]]$_k$ [$_{CP}$ C [$_{LD}$ t_k [$_{IP}$ o João sempre cita ele$_k$]]]]]

c. Este é [o [$_{CP}$ [$_{DP}$ livro$_i$ [$_{DP}$ que t_i]]$_k$ [$_{CP}$ C [$_{LD}$ t_k [$_{IP}$ você vai precisar dele$_k$ amanhã]]]]

(21) *Relativas não-padrão com resumptivo nulo*:

a. Este é [o [$_{CP}$ [$_{DP}$ livro$_i$ [$_{DP}$ que t_i]]$_k$ [$_{CP}$ C [$_{LD}$ t_k [$_{IP}$ eu entrevistei a pessoa que escreveu *pro*$_k$]]]]]

b. Este é [o [$_{CP}$ [$_{DP}$ livro$_i$ [$_{DP}$ que t_i]]$_k$ [$_{CP}$ C [$_{LD}$ t_k [$_{IP}$ você estava precisando *pro*$_k$]]]]

(KATO e NUNES, 2007, p.18)

O problema da inaceitabilidade de *quem* em relativas como os exemplos em (22) é analisado por Kato e Nunes (2007) como reflexo, no morfema *quem*, de um tipo de efeito *que*-para-*qui* (ver PESETSKY, 1982)[30]. Ou seja, os autores propõem que o *quem* relativo, em (23c), é um item

[30] PESETSKY, D. **Paths and Categories**. 1982. [S.P] Dissertation (Doctoral) - Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1982.

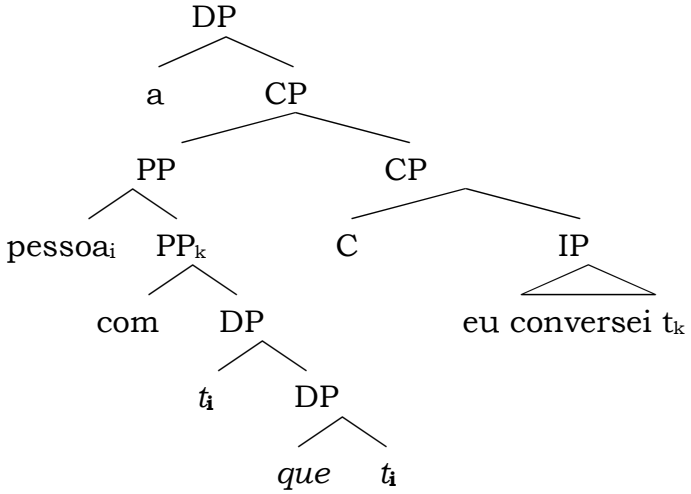
lexical derivado, obtido (opcionalmente) no componente morfológico quando há traços de um elemento [+humano], como ilustrado em (23a).[31]

(22) a. *a pessoa quem eu conversei

b. *o escritor quem chegou

c. *o escritor quem eu entrevistei

(23) a.



b. a pessoa *com que* eu conversei

c. a pessoa *com quem* eu conversei

(Adaptado KATO e NUNES, 2007, p.8)

Assim é que, em (22a), o relativo *quem* não é aceito sem a preposição, contrastando com a aceitabilidade de (23c); e, como as relativas de sujeito e objeto direto não apresentam a configuração [t que t], *quem* é bloqueado adequadamente em cláusulas como (22b) e (22c). Dessa maneira, o contraste, em português, entre o *quem* interrogativo, compatível

[31] Segundo os autores, a configuração em (23a) assemelha-se ao padrão *que*-para-*qui* na configuração em (ib).

(i) a. Quelle étudiante a Jean dit qui/*que viendra?
[*qual estudante a Jean disse quem/*que virá?*]
b. [[quelle étudiante]$_i$ a Jean dit [$_{CP}$ t_i [*que* [$_{IP}$ t_i viendra t$_i$]]]

(KATO e NUNES, 2007, p.7)

com qualquer Caso, e o *quem* relativo, obrigatoriamente selecionado por preposição, justifica-se com a proposta acima. Segundo os autores, o *quem* interrogativo é um item lexical básico, e não derivado morfologicamente como o relativo, podendo ocorrer em qualquer posição licenciada adequadamente.

Estes fatos são apontados por Kato e Nunes (2007) como evidências a favor de uma análise, conforme a que eles apresentam através dos exemplos de (19)-(21), em que a derivação de relativas com determinante-wh, proposta por Kayne (1994), seria a estrutura também das relativas-*que* em português. De acordo com os autores, o determinante relativo *que*, em português, seria formal e funcionalmente distinto do constituinte-wh interrogativo, por ser dotado de um traço-N forte, ao contrário do *que* interrogativo, ativando obrigatoriamente o movimento de seu complemento NP.

Outro fato, apontado pelos autores, que evidencia um tratamento adequado de *que* relativo como um determinante em português, é a anteposição do NP complemento ao seu determinante *que*. Esta ordem não está, conforme os autores, restrita ao determinante relativo *que*. O determinante demonstrativo *este* também pode preceder seu NP complemento, em português, em casos como (24a) e (25a).

(24) a. Ele sempre cita um livro, *livro este* que na verdade não existe.
b. *Ele sempre cita um livro, *este livro* que na verdade não existe

(25) a. O meu time era o favorito, *posição esta* que atraía toda a atenção.
b. *O meu time era o favorito, *esta posição* que atraía toda a atenção.

(KATO e NUNES, 2007, p.5)

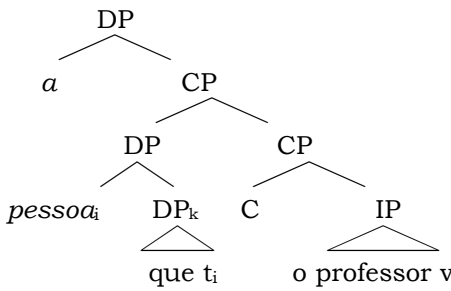
Um problema que essa proposta de relativização por alçamento poderia enfrentar, frente a línguas como o português, seria o problema da concordância de gênero e número que se verifica entre o determinante externo e o NP relativizado[32], uma vez que esta relação de concordância é comumente obtida entre um determinante e seu NP complemento. Os autores solucionam esse problema mostrando que o NP relativizado só está contido, e não dominado, pelo DP encabeçado por *que* e o CP relativo. Conseqüentemente, esse NP também está no domínio mínimo do determinante externo. Assim, se a relação de núcleo-complemento requer c-comando mútuo e c-comando está definido em termos de dominância, não há nenhuma diferença significativa entre a configuração que envolve o determinante externo e o NP relativizado e a configuração canônica de um DP. Tanto numa quanto na outra, o determinante e o NP estão em uma relação de c-comando mútuo que lhes permite estabelecer as relações sintáticas pertinentes.

Nessa revisão da proposta de Kato (1993), podemos observar que o tipo "relativa cortadora" sofreu significativa alteração. Assim como faz Tarallo (1983), Kato (1993) inclui no grupo das cortadoras apenas as relativas preposicionais. Kato e Nunes (2007) tomam a categoria vazia das não-padrão (cortadora) como "resumptivo nulo" e incluem a relativa de

---

[32] Como se verifica na representação em (i), há concordância de gênero e número entre o determinante externo *a* e o NP *pessoa*.

(i)



(KATO e NUNES, 2007, p. 9)

objeto direto em contexto de ilha (cf. (20a)) entre as relativas não-padrão com resumptivo nulo.[33]

Detalhando essa questão, apresento, a seguir, uma situação empírica que ilustra a hipótese de ocorrência de relativas de objeto direto "não-padrão com resumptivo nulo" em PB. A inaceitabilidade de sentenças como (26a) em PE, exemplo apresentado por Móia (1992), contrasta com a aceitabilidade dessa mesma sentença em PB. Para Móia (1992), que discute apenas o caso do PE, a inaceitabilidade dessa relativa se explica pelo fato de as cláusulas relativas estarem encaixadas em NPs e, neste caso, o constituinte extraído atravessa de uma só vez dois nós-barreira – um CP e um NP –, ferindo a Condição de Subjacência, como se verifica em (26b).

(26) a. *este é o livro que o professor elogiou as pessoas que leram (PE)

b. *este é o livro [que]$_i$ o professor elogiou [$_{NP}$ as pessoas [$_{CP}$ que leram t_i]]

(Adaptado de MÓIA, 1992, p. 5-7)

Se colocamos a sentença em (26a) na estrutura por alçamento [D^0 CP] (cf. (27)), permanece a violação da Condição de Subjacência no caso da estratégia padrão.

(27) *este é [$_{DP}$ o [$_{CP}$ **[$_{DP}$ livro$_n$ [$_{DP}$ que t_n]]**$_i$ [$_{CP}$ C [$_{IP}$ o professor elogiou [$_{DP}$ as [$_{CP}$ [$_{DP}$ pessoas$_j$ [$_{DP}$ que t_j]]$_k$ [$_{CP}$ C [$_{IP}$ t_k leram **t**$_i$]]]]]]]

[33] É interessante verificarmos que o resumptivo realizado é obrigatório em posição de objeto direto quando está presente o traço [+humano] (cf. (i)). Isto pode estar relacionado a um maior ou menor grau de referencialidade do objeto nulo a depender do contexto, conforme o que Cyrino, Duarte e Kato (2000) propõem como Hierarquia da Referencialidade.

(i) Esta é a pessoa *que*$_i$ o professor elogiou *os alunos*$_j$ *que*$_i$ socorreram **pro*$_i$/ ela$_i$.

Se a sentença em (26a) é aceitável em PB, logo, (27) não pode ser a estrutura subjacente de (26a) para o falante brasileiro. Então, se consideramos que a base sentencial subjacente a essa sentença é uma construção de LD em PB, como em (28a), a Condição de Subjacência não é violada, porque o DP *que livro*, concatenado em LD, se move localmente para CP, sem nenhum nó-barreira entre o DP movido e seu vestígio, como se verifica na estrutura em (28b).

(28) a. o livro, o professor elogiou as pessoas que leram *pro*

b. este é $[_{DP}$ o $[_{CP}$ **$[_{DP}$ livro$_k$ $[_{DP}$ que t$_k$]]**$_m$ $[_{CP}$ C $[_{LD}$ **t**$_m$ $[_{IP}$ o professor elogiou $[_{DP}$ as $[_{CP}$ $[_{DP}$ pessoas$_j$ [que t$_j$]]$_i$ $[_{CP}$ C $[_{LD}$ t$_i$ $[_{IP}$ t$_i$ leram ***pro***$_m$]]]]]]]]]

Quanto à posição de sujeito, vários estudos têm demonstrado que em português brasileiro não há resumptivos nulos nessa posição (FIGUEIREDO SILVA, 1996; FERREIRA, 2000), como se observa em (29). Kato e Nunes (2007) argumentam que, uma vez que se verifica, através de configurações de ilha, como em (29), a impossibilidade da existência de um pronome nulo em posição de sujeito, sentenças como (30) só podem ser derivadas pela estratégia padrão.

(29) *essa é [a aluna]$_i$ que o professor elogiou o artigo que Ø$_i$ escreveu

(30) a pessoa que Ø comprou o livro

(KATO e NUNES, 2007, p.13)

Podemos verificar que a derivação da sentença em (29) apresenta problema, mesmo se a estrutura subjacente a essa sentença for a estrutura com o termo relativizado alçado da posição de deslocamento à

esquerda[34], como se observa em (31a). Tal problema está localizado no movimento do constituinte topicalizado da posição de sujeito de *escreveu* para a posição de tópico mais alta. Esse movimento viola Subjacência da mesma maneira que ocorre com a relativa padrão em (27). Isto justifica a inaceitabilidade dessa sentença em PB. Já em (31b) verificamos que o resumptivo realizado salva a derivação. Neste caso, a relativização do DP *que aluna*, que é concatenado na posição de LD mais alta, dá-se via movimento local, e o pronome resumptivo *ela* garante a co-indexação desse constituinte com a posição de sujeito da encaixada mais baixa, sem problemas.[35]

(31) a. *essa é $[_{DP}$ a $[_{CP}$ **$[_{DP}$ aluna$_n$ [que t$_n$]]$_k$** $[_{CP}$ C $[_{Top}$ **t**$_k$ $[_{IP}$ o professor elogiou $[_{DP}$ o $[_{CP}$ $[_{DP}$ artigo$_j$ [que t$_j$]]$_i$ $[_{CP}$ C $[_{LD}$ t$_i$ $[_{IP}$ **t**$_k$ escreveu *pro*$_i$]]]]]]]]]

b. essa é $[_{DP}$ a $[_{CP}$ **$[_{DP}$ aluna$_n$ [que t$_n$]]$_k$** $[_{CP}$ C $[_{LD}$ **t**$_k$ $[_{IP}$ o professor elogiou $[_{DP}$ o $[_{CP}$ $[_{DP}$ artigo$_j$ [que t$_j$]]$_i$ $[_{CP}$ C $[_{LD}$ t$_i$ $[_{IP}$ **ela**$_k$ escreveu *pro*$_i$]]]]]]]]]

---

[34] Ross (1967) opõe construções de LD, identificada pela presença de um resumptivo (cf. (i)), a construções de tópico, em que ocorre uma categoria vazia (cf. (ii)). Como em PB o resumptivo pode ser nulo, essa distinção nem sempre é possível, segundo Pontes (1987) (cf. (iii)). Dessa maneira, a etiqueta LD é utilizada aqui, seguindo Kato (1993), para as construções em que o item em deslocamento à esquerda está co-indexado a um resumptivo realizado ou nulo. Já no exemplo (31a), é utilizada a etiqueta Top (tópico) porque este seria um caso de movimento do item topicalizado.

(i) (*As for*) *John*$_i$ *,* I saw *him*$_i$ yesterday.
(ii) *Beans*$_i$ I don't like Ø$_i$. (*apud* KATO, 1993, p. 229)
(iii) Cerveja, eu gosto *pro*/t.

[35] Para Kato e Nunes (2007), quando a relativização envolve uma posição de sujeito ou de objeto direto, temos uma espécie de "ambigüidade estrutural" em potencial entre a estratégia padrão (com um vestígio) e a estratégia com um pronome resumptivo nulo. Uma vez que não existe resumptivo nulo em posição de sujeito em PB, eles assumem que "ambigüidade estrutural" verdadeira entre a estratégia padrão e a estratégia não-padrão com um pronome resumptivo nulo ocorre apenas no contexto das relativas de objeto direto, sem envolvimento de ilha.

4 Relativização restritiva e relativização apositiva

Apresento, nesta seção, uma descoberta empírica que revela que o contexto sintático das relativas apositivas se mostra impróprio à ocorrência das estratégias não-padrão em PB, diferentemente do contexto da relativa restritiva. Com base nesta observação levanto a seguinte hipótese: o processo sintático do qual decorre a relativização apositiva é incompatível com a estrutura de LD, base das estratégias não-padrão em PB contemporâneo (se assumimos a proposta de KATO e NUNES, 2007).

4.1 Incompatibilidade entre a estratégia não-padrão e a relativização apositiva em PB: fatos empíricos

Em exemplos como (32b) e (33b) observamos que a versão resumptiva das relativas apositivas em (32a) e (33a) é inaceitável em PB.

(32) a. ontem falei com *Pedro*$_i$, *o qual*/*que*$_i$ você conhece t_i desde a infância

b.*ontem eu falei com *Pedro*$_i$, *que*$_i$ você conhece *ele*$_i$ desde a infância (apositiva- resumptiva)

(33) a. vou jantar com *Fernanda*$_i$, *em quem*$_i$ eu não dou um abraço t_i há muito tempo

b. *eu vou jantar com *Fernanda*$_i$, *que*$_i$ eu não dou um abraço *nela*$_i$ há muito tempo (apositiva - resumptiva)

A sentença em (33b) é inaceitável como relativa apositiva, mas pode ser interpretada semanticamente como uma coordenada explicativa,

ou seja, o morfema *que,* neste caso, soa como um conectivo coordenativo[36] à semelhança de *pois*, como em (34).

(34) vou jantar com *Fernanda*$_i$, pois eu não dou um abraço *nela*$_i$ há muito tempo

Como se sabe, no caso da relativa restritiva em PB, a inserção do pronome resumptivo não causa nenhum problema (cf. (35)).

(35) a. ontem eu falei com *aquele/o rapaz*$_i$ *que*$_i$ você conhece *ele*$_i$ desde a infância
b. vou jantar com *uma pessoa*$_i$ *que*$_i$ eu não dou um abraço *nela*$_i$ há muito tempo

O fenômeno acima não se restringe às relativas com resumptivo realizado, sendo as relativas com resumptivo nulo (assumindo a definição de KATO e NUNES, 2007) também inaceitáveis como apositivas, como se verifica em (36), (37) e (38).

(36) a. tenho muita preocupação com *um certo menino*$_i$ *que*$_i$ dedico preces Ø$_i$ diariamente
b. *tenho muita preocupação com *Pedro*$_i$, *que*$_i$ dedico preces Ø$_i$ diariamente

(37) a. aquele é o gabinete de *uma pessoa*$_i$ *que*$_i$ você não precisa se preocupar Ø$_i$.
b. *aquele é o gabinete de *Joana*$_i$, *que*$_i$ você não precisa se preocupar Ø$_i$

(38) a. Pedro gosta *de livros*$_i$ *que*$_i$ o enredo Ø$_i$ prende o leitor

[36] Gramáticos tradicionais como Cunha e Cintra (1985) citam exemplos de coordenadas explicativas cujo conectivo é o morfema *que* como em: - *Eh, camarada, espere um pouco,/* ***que isto acaba-se já./*** (F. Namora, *NM,* 233, *apud* CUNHA e CINTRA, 1985, 582)

b. *Pedro admira *a Bíblia*$_i$, *que*$_i$ as histórias Ø$_i$ encantam as pessoas

Exemplos como (39a) parecem contra-exemplos a essa hipótese de impossibilidade da estratégia não-padrão em contexto de relativização apositiva. Entretanto, para falantes do PB, nenhuma alteração semântica ocorre quando substituímos o *que* pelo conectivo coordenativo *e* nesta sentença (cf. (39b)), verificando-se aí um paralelismo, como o que observamos entre (33b) e (34).

(39) a. *estes livros*$_i$, que você pode achar *eles*$_i$ em qualquer livraria, são muito bons
b. *estes livros*$_i$, e você pode achar *eles*$_i$ em qualquer livraria, são muito bons

Esse paralelismo entre (33b) e (34) e entre (39a) e (39b) e a inaceitabilidade das sentenças em (33b), (36b), (37b) e (38b) como apositivas indicam que pode ser adequado analisarmos (33b) e (39a) como orações coordenadas. Trocando a posição da segunda oração (cf. (40)) e a os traços [-nome próprio] e [-singular] de negativo para positivo (cf. (41)), notamos que essas sentenças se tornam inaceitáveis, mesmo como coordenadas (com o conectivo *que*).

(40) *são muito bons estes *livros*$_i$, que você pode achar *eles*$_i$ em qualquer livraria

(41) **a Bíblia*$_i$, que você pode achar *ela*$_i$ em qualquer livraria, é uma interessante obra histórica

As construções de coordenação com conectivo *que* parecem mais favorecidas pelo contexto de co-referência com pronomes em posições

preposicionais (cf. (42)) do que pelo contexto de co-referência com pronomes em posições não-preposicionais (cf. (43)).

(42) Fizeram homenagens a Pedro, que ele é o criador desse projeto. (coordenada /*apositiva-resumptiva)

(43) a. *Eu tenho muita preocupação com Luís, que dedico preces a ele diariamente.
b. *Aquele é o gabinete de Joana, que você não precisa se preocupar com ela.
c. *Pedro admira a Bíblia, que as histórias dela encantam as pessoas.

A sentença em (42), cujo pronome está numa posição não-preposicional, é aceitável em PB com o *que* interpretado como um conectivo coordenativo à semelhança de *pois* ou *porque*. Já as sentenças em (43) são inaceitáveis tanto como apositivas resumptivas quanto como coordenadas.

As posições preposicionais (OI, Obl, G) mostram-se também completamente desfavoráveis à co-referência de categorias vazias, alocadas nessas posições, com termos anteriores, como se pôde verificar nos exemplos em (36b), (37b) e (38b) acima. Assim, dada a inaceitabilidade dessas sentenças, que explicitam a impossibilidade da estratégia não-padrão com resumptivo nulo em contexto de relativização apositiva, uma sentença aceitável como (44) não pode estar associada a essa estratégia.

(44) estes livros, que você pode achar Ø em qualquer livraria, são muito bons

Isto se confirma pela impossibilidade de extração do DP *que livros* de dentro de ilha (cf. (45a)). A inaceitabilidade de (45a) contrasta com a

aceitabilidade da relativa restritiva em (45b), que não apresenta problema com contexto de ilha pela possibilidade de ocorrência como estratégia não-padrão.

(45) a. *estes *livros*$_i$, *que*$_i$ Maria encontrou a pessoa que disse que você pode achar t_i em qualquer livraria, são muito bons

b. estes *livros*$_i$ *que*$_i$ [$_{LD}$ t_i] Maria encontrou a pessoa que disse que você pode achar *pro*$_i$ em qualquer livraria são muito bons

Temos, então, uma dupla possibilidade de estrutura para a sentença em (44). Esta sentença é ou uma relativa padrão ou uma coordenada, semelhante a (46), com conectivo *que* correspondente ao conectivo aditivo *e*.

(46) *estes livros*$_i$, e você pode achar Ø$_i$ em qualquer livraria, são muito bons

A aceitabilidade de (44), como coordenada, e de (46) pode ser explicada considerando-se a existência, em PB, do *objeto nulo referencial*, que passou a ocorrer amplamente nessa língua.[37] Observamos, porém, que em casos como (47), em que se tem um antecedente com traço [+humano], o objeto nulo não é possível. Nesse caso, pode-se dizer que objetos

[37] De acordo com Kato (2002), no processo de mudança do sistema pronominal, criou-se em PB um paradigma de pronomes fracos quase homófono ao de pronomes fortes, levando a língua à perda da oposição morfológica *ele/ela* e *o/a*, que define Caso entre as formas pronominais. Pelo fato de os pronomes fracos serem marcados por Caso posicionalmente, e não inerentemente como os fortes, o pronome reto de 3ª pessoa passou a ocorrer em posição de objeto com o traço [±humano]. Este fato teve como conseqüência o esvaziamento do clítico de 3ª pessoa, levando o PB a adquirir um *objeto nulo referencial,* que se alterna com a forma pronominal do caso reto.

altamente referenciais com expressão nula seriam evitados na língua (ver Hierarquia da Referencialidade[38])

(47) a. *nossos funcionários*$_i$, e você pode encontrar *eles*$_i$ em qualquer departamento da loja, estão prontos para desempenhar qualquer função

b. **nossos funcionários*$_i$, e você pode encontrar Ø$_i$ em qualquer departamento da loja, estão prontos para desempenhar qualquer função

A troca do conectivo *e* pelo constituinte *que* torna esta sentença aceitável (cf. (48a)). Neste caso temos simplesmente uma relativa apositiva padrão. Não se pode cogitar uma análise desta sentença como relativa não-padrão com resumptivo nulo, uma vez que estamos constatando a impossibilidade da estratégia não-padrão em contexto de relativização apositiva. Também não é o caso de cogitarmos a possibilidade de ser esta uma coordenada com conectivo *que*, dada a inaceitabilidade desta sentença como coordenada com outro conectivo coordenativo (cf. (47b)). Esta análise se confirma com a impossibilidade de extração do DP *que*

[38] A Hierarquia da Referencialidade, proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000), configura-se, conforme figura abaixo, da seguinte maneira: na posição mais alta dessa hierarquia, à direta, estão os argumentos [+N, +humano]. Na outra extremidade, na posição mais baixa, estão os não-argumentos (expletivos). Os pronomes *eu* (falante) e *você* (ouvinte), sendo inerentemente humanos, estão na posição mais alta e a 3ª pessoa (referente a uma proposição – pronome *o* neutro) está mais próxima à extremidade [-referencial]. O valor [-humano] estaria localizado entre o ponto mais alto e a 3ª pessoa proposicional. E os traços [± específico] interagem com todos os outros traços. Com base nessa hierarquia, Kato (2002) propõe que as formas pronominais de maior referencialidade seriam formas fortes e as de menor referencialidade seriam fracas.

HIERARQUIA DA REFERENCIALIDADE

não-argumento	proposição/predicado	[-humano]	[+humano]
3ª p.	3ª p.	3ª p.	3ª, 2ª, 1ª p.
[-espec]			[+espec]
[-ref] ←----------			----------→ [+ref]

funcionários de dentro de uma ilha em (48b). Esta impossibilidade atesta que temos em (48a) uma relativa padrão.

(48) a. *nossos funcionários*$_i$, *que*$_i$ você pode encontrar t_i em qualquer departamento da loja, estão prontos para desempenhar qualquer função

b. *estes são os nossos *funcionários, que*$_i$ o gerente conversou com quem disse que você pode encontrar t_i em qualquer departamento da loja

4.2 Proposta de análise dos processos de relativização restritiva e apositiva

Os estudos a respeito de relativas apositivas têm apontado várias diferenças entre essas relativas e as relativas restritivas. Essas diferenças são referentes a propriedades[39] que podem estar relacionadas ao fato, de consenso na literatura especializada[40], de que a relativa restritiva está no escopo do determinante do antecedente enquanto que a relativa apositiva está fora deste escopo.

Esta é a idéia presente na proposta de Kayne (1994) para a estrutura das relativas apositivas. De acordo com a proposta desse autor, a relativa apositiva tem basicamente a mesma estrutura da restritiva (a estrutura [D^0 CP]) e a diferença entre os dois tipos envolve domínio de c-comando. Assim, a relativa restritiva em (49a), por exemplo, difere da

[39] Ver características, apresentadas por Cooper (1983), que diferenciam relativas restritivas e relativas apositivas, apresentadas no capítulo I.

[40] Ver Fabb (1990); Kayne (1994); Negrão (1992); Bianchi (1999).

relativa apositiva em (49b) porque a primeira está no domínio de c-comando do determinante *as*, mas a segunda não. [41]

(49) a. RESTRITIVA - As escolas que foram atingidas pelas chuvas serão reformadas.

b. APOSITIVA - As escolas, que foram atingidas pelas chuvas, serão reformadas.

Kayne (1994) propõe, então, que as implicações no domínio de c-comando que resultam nas diferenças entre esses dois tipos de relativas são determinadas por diferentes derivações no nível LF. A interpretação da relativa apositiva seria resultado de um movimento, à esquerda, do IP da cláusula relativa para o Spec do determinante externo, extraindo-se o IP relativo do domínio de c-comando desse determinante, conforme o que se verifica em (50b). Nessa perspectiva, enquanto as propriedades da relativa restritiva são definidas em função de o CP relativo se encontrar c-comandado pelo determinante externo, as propriedades da relativa apositiva se constituem num contexto derivacional em que o vestígio do item relativizado fica fora do domínio de c-comando do determinante desse item em LF.

---

[41] Outras propostas em torno da questão da apositiva indicam para essa relativa um status especial que a aproxima sintaticamente de outras expressões parentéticas. Esses estudos propõem que a apositiva: origina-se como "coordenação" (ver EMONDS, 1979); é um constituinte descontínuo, que não corresponde a um nó irmão do antecedente relativo (ver McCAWLEY, 1982); ou se concatena à cláusula principal num terceiro nível de representação, LF' (ver SAFIR, 1986). Numa perspectiva um pouco diferente dessas propostas, outros autores procuram demonstrar que as diferenças entre restritivas e apositivas estão relacionadas ao nível de adjunção, assim: a restritiva seria adjunto de N' enquanto a apositiva seria adjunto de NP (ver FABB, 1990); ou a restritiva seria adjunto de NP enquanto a apositiva seria adjunto de seu DP (ver TORIBIO, 1992). Bianchi (1999) comenta que as propostas que concebem a apositiva como processo de coordenação ou como adjunção assimétrica (em relação à restritiva) são incompatíveis com o Axioma de Correspondência Linear (ver KAYNE, 1994) porque prevêem adjunção à direita. Já a proposta que toma a apositiva como constituinte descontínuo é inconsistente com o mapeamento de c-comando assimétrico deste axioma.

(50) a.[D^0 [$_{CP}$ NP [C^0 IP]]]

b. [$_{DP}$ IP_i [D^0 [$_{CP}$ NP [C^0 [e]$_i$]]] (KAYNE, 1994, p. 112)

De acordo com o autor, o movimento do IP em LF é desencadeado por um traço que se manifesta em PF como entonação descontínua. Em línguas de relativas pré-nominais, como o japonês e o basco, esse movimento do IP para SpecDP, na perspectiva dessa proposta, ocorre na sintaxe aberta para todas as relativas. Nessas línguas, o referido traço é checado, nas relativas apositivas, antes do ponto em que a derivação é enviada para PF (antes de *Spellout*). Dessa maneira, Kayne (1994) explica por que essas línguas não marcam uma entonação descontínua para as relativas apositivas, assim como ocorre com o inglês e línguas românicas.

Comenta Bianchi (1999) que a extração do IP da posição de complemento de C^0 pode parecer problemática, *a priori*, pelo fato de IP não ser exatamente uma projeção de uma cláusula (ver GRIMSHAW, 1991)[42]. A autora encontra, entretanto, em dados do espanhol caribenho (exemplo em (51), discutido por Toribio (1992, p. 299))[43], uma evidência independente em favor da hipótese de movimento do IP. Assumindo que a projeção de Foco (ver RIZZI, 1997) está presente em espanhol, a autora propõe que a forma superficial em (51) é obtida pelo alçamento, à esquerda da cópula, do IP complemento de Foc^0, sem que nenhum problema seja detectado pelo fato de se estar extraindo um IP da posição de complemento (c.f. (52)).

(51) Mamá tenía que ir era al mercado.

[*Mamãe tinha que ir era ao mercado*]

[42] GRIMSHAW, J. B. **Extended projection.** Brandeis University, 1991 (ms).

[43] TORIBIO, A. J. Proper Government in Spanish Subject Relativization. **Probus,** Amsterdan**,** v. 4, p. 291-304, 1992.

(52) a. era [$_{FocP}$ Foc^0 [$_{IP}$ mamá tenía que ir [$_{PP}$ al mercado]$_i$]]

b. era[$_{FocP}$ [al mercado]$_i$ [$_{FocP}$ Foc^0 [$_{IP}$ mamá tenía que ir t$_i$]]

c. [$_{IP}$ mamá tenía que ir] era[$_{FocP}$ [al mercado]$_i$ [$_{FocP}$ Foc^0 t$_{IP}$]]

(BIANCHI, 1999, p.154)

Voltando ao fenômeno empírico apresentado na subseção anterior, podemos encontrar uma explicação para *a impossibilidade da estratégia não-padrão como relativização apositiva*, associando a proposta de Kayne (1994) para a derivação das relativas apositivas à proposta de Kato e Nunes (2007) para a estrutura das relativas não-padrão em PB, que discutimos na seção 3 deste capítulo. Nesse caso, vamos verificar que a idéia de que o vestígio do termo relativizado está na posição de LD, nas relativas não-padrão, será um ponto crucial nessa explicação. Antes de verificarmos o que ocorre com a estratégia não-padrão, vamos observar as estruturas em LF, nos exemplos em (54a) e (54b), das relativas restritiva e apositiva padrão, em (53a) e (53b), respectivamente.

(53) a. aquele é o gabinete de uma **pessoa com quem** você não precisa se preocupar **t**

b. aquele é o gabinete de **Joana, com quem** você não precisa se preocupar **t**

(54) a. RESTRITIVA - ... [$_{PP}$ de [$_{DP}$ uma [$_{CP}$ **[$_{PP}$ pessoa$_k$ [$_{PP}$ com [$_{DP}$ t$_k$ quem t$_k$]]]$_i$** [$_{CP}$ C^0 [$_{IP}$ você não precisa se preocupar **t$_i$**]]]]]

b. APOSITIVA - ... [$_{PP}$ de [$_{DP}$ *[$_{IP}$ você não precisa se preocupar* **t$_i$** *]$_m$* [$_{DP}$ D^0 [$_{CP}$ **[$_{PP}$ Joana$_k$ [$_{PP}$ com [$_{DP}$ t$_k$ quem t$_k$]]]$_i$**, [$_{CP}$ C^0 *t$_m$*]]]]]

Associando então as duas propostas, a relativa restritiva em (55a) e apositiva em (55b) têm, em LF, as estruturas em (56a) e (56b),

respectivamente. Seguindo Kayne (1994), para a relativa não-padrão em (55b) se configurar como uma apositiva, seu IP teria que ser alçado para o Spec do determinante externo, como se observa em (56b).

(55) a. aquele é o gabinete de uma **pessoa que** você não precisa se preocupar **com ela/Ø**

b. *aquele é o gabinete de **Joana, que** você não precisa se preocupar **com ela/Ø**

(56) a. RESTRITIVA - ... [$_{PP}$ de [$_{DP}$ uma [$_{CP}$ **[$_{DP}$ pessoa$_k$ [$_{DP}$ que t$_k$]]$_i$** [$_{CP}$ C^0 **[$_{LD}$ t$_i$** [$_{IP}$ você não precisa se preocupar **com ela$_i$/pro$_i$**]]]]]

b. APOSITIVA - *... [$_{PP}$ de [$_{DP}$ *[$_{IP}$ você não precisa se preocupar* ***com ela$_i$/pro$_i$*** *]$_m$* [$_{DP}$ D^0 [$_{CP}$ **[$_{DP}$ Joana$_k$ [$_{DP}$ que t$_k$]]$_i$,** [$_{CP}$ C^0 **[$_{LD}$ t$_i$** *t$_m$*]]]]]]

Esse alçamento do IP deveria implicar a retirada do vestígio do termo relativizado (que está dentro de IP na estratégia padrão) do domínio de c-comando do determinante externo, como ocorreu em (54b). Entretanto, no caso das estratégias não-padrão em PB, isto não ocorre, porque, como o vestígio do termo relativizado está na posição de LD, esse movimento do IP em LF não deixa o vestígio do termo relativizado fora do escopo do determinante externo, o que inviabiliza a relativização apositiva como estratégia não-padrão (com resumptivo realizado ou nulo) nessa língua. Dessa maneira, podemos explicar a assimetria entre a aceitabilidade de relativas restritivas não-padrão e a inaceitabilidade de relativas apositivas não-padrão, verificadas empiricamente em PB.

Em síntese, com a associação das propostas de Kato e Nunes (2007) para estrutura das relativas não-padrão em PB e de Kayne (1994) para a estrutura das relativas apositivas, temos uma explicação capaz de incluir uma situação de assimetria que resulta em três fenômenos

observados empiricamente: a) aceitabilidade da estratégia padrão como restritiva ou apositiva; b) aceitabilidade das não-padrão restritivas; e c) inaceitabilidade das não-padrão apositivas. Os três fatos são contemplados com a associação dessas propostas sem a necessidade de nenhum tipo de estipulação.

O fenômeno observado, nesta seção, indica que a gramática alvo da criança adquirindo o PB deve incluir, no caso das relativas apositivas, apenas a estratégia padrão. Isto traz um indicativo importante para análise do fenômeno de aquisição das relativas: a presença de apositivas na fala da criança, em qualquer período da aquisição, é uma indicação de que a criança relativiza por movimento-wh a partir de IP (estratégia padrão).

5 As relativas livres

As relativas livres constituem outro contexto interessante para verificação da hipótese de que a estrutura subjacente às estratégias não-padrão em PB é a estrutura de LD. Com vistas à verificação dessa hipótese serão apresentados, nesta seção, dados empíricos que mostram que as estratégias não-padrão são produtivas como relativas livres em PB.

5.1 As relativas livres como estratégia não-padrão em PB

Alguns autores já haviam observado a impossibilidade de *pied-piping* da preposição em relativas livres, como se verifica em (57) (ver BRITO, 1991; MÓIA, 1992; MEDEIROS JR., 2005). O que ainda não se

tinha observado é que, em PB, relativas-PP livres sem *pied-piping* da preposição são aceitáveis, como se verifica em (58).[44]

(57) a. *[*pra/a quem*$_i$ ele deu uma flor Ø$_i$] acabou de chegar

b. *[*em quem*$_i$ você votou Ø$_i$] foi eleito

c. *vou visitar [c*om quem*$_i$ você simpatiza muito Ø$_i$]

d. *[*no que*$_i$ você acredita Ø$_i$] é pura ilusão

e. *eu encontrei [*do que*$_i$ ele mais gosta Ø$_i$ no mundo]

(58) a. [*quem*$_i$ ele deu uma flor Ø$_i$] acabou de chegar [45]

b. [*quem*$_i$ você votou Ø$_i$] foi eleito

c. vou visitar [*quem*$_i$ você simpatiza muito Ø$_i$]

d. [*o que*$_i$ você acredita Ø$_i$] é pura ilusão [46]

---

[44] Testando a aceitabilidade de relativas livres não-padrão com 7 falantes do PE (filhos de portugueses, nascidos e residentes em Portugal) pude constatar que as relativas em (58) são todas inaceitáveis para os falantes testados. Essa inaceitabilidade da estratégia não-padrão em relativas livres corresponde à inaceitabilidade de relativas com antecedente em PE, como nos exemplos em (i). Entretanto, esse teste mostrou também que já há algum grau de aceitabilidade da estratégia de relativização não-padrão em PE (ver nota 48).

(i) a. *As coisas que você acredita não valem nada. (inaceitável para 7 de 7)
b. ?? O candidato que você votou foi eleito. (inaceitável para 6 de 7)
c. ?? Eu encontrei a coisa que ele mais gosta no mundo. (inaceitável para 6 de 7)

[45] Para alguns falantes do PB, a aceitabilidade de exemplos como (58a) e (58b) não é tão uniforme. Todavia, para os falantes do dialeto baiano testados neste estudo, essas sentenças são plenamente aceitáveis. Isto indica que existe certa diferença dialetal em relação a um uso mais amplo ou não da estratégia de relativização não-padrão entre os vários dialetos do PB.

[46] Vale ressaltar que, quando a seqüência *o que* é variável – *o que*, *a que*, *os que* ou *as que*–, não estamos diante de uma relativa livre, mas de uma relativa com antecedente (ver MÓIA, 1992). Assim, as relativas em (ii) não são relativas livres correspondentes às relativas em (i), uma vez que *o que,* neste caso, é uma expressão que varia em gênero (cf. (iii)). Em (ii) e (iii) o antecedente está expresso pelo determinante *o* e *a*, respectivamente. Essas sentenças correspondem a: *este livro é o (livro) que...* e a *esta revista é a (revista) que...*

(i) a. Este é o livro que o João sempre cita (ele).
b. Este é o livro que você vai precisar (dele) amanhã.

(ii) a. Este livro é o que o João sempre cita (ele).
b. Este livro é o que você vai precisar (dele) amanhã.

(iii) a. Esta revista é a que o João sempre cita (ela).
b. Esta revista é a que você vai precisar (dela) amanhã.

e. eu encontrei [*o que*$_i$ ele mais gosta Ø$_i$ no mundo]

A ausência de *pied-piping* da preposição é o fenômeno que, no caso das relativas com antecedente, resulta na estratégia não-padrão, como se observa na versão com antecedente dessas sentenças (cf.(59)).

(59) a. [a moça$_i$ que$_i$ ele deu uma flor Ø$_i$] acabou de chegar
b. [o candidato$_i$ que$_i$ você votou Ø$_i$] foi eleito
c. vou visitar [aquela pessoa$_i$ que$_i$ você simpatiza muito Ø$_i$]
d. [as coisas$_i$ que$_i$ você acredita Ø$_i$] são pura ilusão
e. eu encontrei [a coisa$_i$ que$_i$ ele mais gosta Ø$_i$ no mundo]

Portanto, uma possibilidade de análise para as relativas livres em (58) é tomá-las como relativas não-padrão com resumptivo nulo (nos termos de KATO e NUNES, 2007). Esta idéia é reforçada ao observarmos a possibilidade de o resumptivo em relativas desse tipo ser nulo ou realizado em PB (cf. (60)), assim como ocorre com as relativas com antecedente correspondentes (cf. (61)).

(60) a. essa moça é [*quem*$_i$ você disse que ele deu uma flor (*pra/a ela*$_i$)]
b. esse deputado é [*quem*$_i$ Pedro disse que você votou (*nele*$_i$) nas últimas eleições]
c. essa pessoa é [*quem*$_i$ Maria disse que você simpatiza (*com ela*$_i$)]

(61) a. essa é a moça [*que*$_i$ você disse que ele deu uma flor (pra/*a ela*$_i$)]
b. esse é o deputado [*que*$_i$ Pedro disse pra eu votar (*nele*$_i$)]
c. essa é a pessoa [*que*$_i$ Maria disse que você simpatiza (*com ela*$_i$)]

Entretanto, a possibilidade de alternância entre o resumptivo nulo e realizado não se verifica em todos os casos. Podemos observar que as relativas livres encabeçadas por *o que*, em (62), admitem apenas o resumptivo nulo.[47]

(62) a. isto é [*o que*$_i$ você disse que ele mais gosta (**dele*$_i$) no mundo]
b. isto é [*o que*$_i$ Maria disse que você acredita (**nele*$_i$)]

A impossibilidade de alternância entre resumptivo nulo e realizado ocorre também nas sentenças em (58) acima, que não permitem o resumptivo realizado, conforme o que se observa em (63).

(63) a. *[*quem*$_i$ ele deu uma flor pra/a ela$_i$] acabou de chegar
b. *[*quem*$_i$ você votou nele$_i$] foi eleito
c. *vou visitar [*quem*$_i$ você simpatiza muito com ela$_i$]
d. *[*o que*$_i$ você acredita nele$_i$] é pura ilusão
e. *eu encontrei [*o que*$_i$ ele mais gosta dele$_i$ no mundo]

Contrastando as sentenças em (60) com as sentenças em (63), observamos que nestas últimas há dois encaixamentos e nas primeiras apenas um. Entretanto, esse não seria o motivo da inaceitabilidade de resumptivo realizado em (63), pois com um encaixamento apenas as relativas livres em (64) são também aceitáveis com resumptivo realizado. Na verdade, a aceitabilidade de resumptivo realizado nas sentenças em

[47] Sabemos que os constituintes-wh que encabeçam as relativas livres não são formas neutras. Enquanto *quem* apresenta traço [+humano] – *encontrei quem você gosta= encontrei a pessoa que você gosta* –, *o que* apresenta traço [-humano] – e*ncontrei o que você gosta ≠ encontrei a pessoa que você gosta* – (ver MÓIA, 1992). De acordo com dados discutidos por Kato (2002), os objetos cujo antecedente é [-humano] ou proposição são hoje quase 100% nulos, em contraste com os de traço [+humano] que apresentam um índice de 72%, aproximadamente, de pronomes plenos (ver gráficos em KATO, 2002, p. 104, 106). Ou seja, há uma preferência pelo nulo no caso dos objetos menos referenciais (ver nota 38 a respeito da Hierarquia da Referencialidade proposta por CYRINO, DUARTE e KATO, 2000).

(60) e (64) se deve ao fato de termos, nesses casos, orações equativas, ocorrendo associação entre o pronome resumptivo e os constituintes *moça, deputado, pessoa*.

(64) a. essa moça é [*quem*$_i$ ele deu uma flor *pra/a ela*$_i$]
b. esse deputado é [*quem*$_i$ você votou *nele*$_i$ nas últimas eleições]
c. essa pessoa é [*quem*$_i$ você simpatiza *com ela*$_i$]

Podemos avaliar também a possibilidade de as relativas livres encabeçadas pelos constituintes *onde, como* e *quando* ocorrerem como relativas não-padrão em PB (cf. (65), (66) e (67)). Nesse caso, entretanto, não podemos alegar que esses exemplos são casos de relativas livres não-padrão, com base na falta de *pied-piping* preposicional, pois a estratégia padrão também não apresenta preposição explícita alçada junto com os relativos *onde, como e quando*. Então, duas outras pistas são analisadas aqui como indícios da possibilidade de relativas livres encabeçadas por esses constituintes ocorrerem como estratégia não-padrão em PB: a) a ocorrência dessas relativas em posição não-preposicional na matriz; e b) o paralelismo dessas relativas com relativas não-padrão com antecedente. Assim, nos exemplos (65), (66) e (67) a seguir, podemos observar que relativas livres encabeçadas por *onde, como* e *quando* são aceitáveis mesmo que ocupem uma posição não-preposicional na matriz.[48]

---

[48] Móia (1992) apresenta os exemplos em (i) e (ii) para mostrar que relativas livres encabeçadas por *onde* e *como* são inaceitáveis em PE quando ocupam a posição de sujeito ou a posição de objeto direto na matriz. E, através de exemplos como os em (iii), o autor procura demonstrar que relativas livres encabeçadas por *onde*, *como* e *quando* são aceitáveis em PE somente se ocupam a posição de oblíquo na matriz.

(i) a. * [$_{SN}$ onde eu vivo] tem muita vegetação
b. * [$_{SN}$ onde eu vivo] é bonito
c. * visitamos [$_{SN}$ onde ele tem uma quinta]

(ii) a. *[$_{SN}$ como ele agiu] causou-lhe problemas
b. *apreciámos [$_{SN}$ como ele agiu]

(65) a. [*onde*$_i$ eu vivo Ø$_i$] é bonito

b. a gente visitou [*onde*$_i$ ele passou a infância Ø$_i$]

(66) a. [*como*$_i$ ele conduz as coisas Ø$_i$] agrada a todo mundo aqui

b. o gerente criticou [*como*$_i$ ele arrumou a mercadoria Ø$_i$]

(67) a. [*quando*$_i$ isto vai acontecer Ø$_i$] é imprevisível.

b. a gente já incluiu no projeto [*quando*$_i$ isto vai acontecer Ø$_i$]

(iii) a. [$_{SP}$ onde eu vivo] não há poluição
b. cantámos [$_{SP}$ como ele ensinou (a cantar)]
c. o Luís saiu [$_{SP}$ quando$_i$ a Ana entrou [v]$_i$] (MÓIA, 1992, p.129-147)

No teste que realizei com 7 falantes do PE (ver nota 44) de fato foi possóvel observar inaceitabilidade de relativas livres em posição não-preposicional na matriz, encabeçadas por *onde* e *quando* (cf. (v)). Entretanto, podemos dizer que já há algum grau de aceitabilidade da estratégia de relativização não-padrão em PE, pois, nesse teste, observamos os índices de aceitabilidade indicados nos respectivos parênteses em (vi).

(v) a. *A gente visitou onde ele passou a infância. (inaceitável para 7de 7)
b. ??A gente já incluiu no projeto quando isto vai acontecer. (inaceitável para 4 de 7)

(vi) a. Ele gosta de onde se sente à vontade. (aceitável para 4 de 7)
b. O gerente criticou como ele arrumou a mercadoria. (aceitável para 4 de 7)
c. Onde eu vivo é bonito. (aceitável para 5 de 7)
d. Como ele conduz as coisas agrada a todo mundo aqui. (aceitável para 6 de7)
e. Quando isto vai acontecer é imprevisível. (aceitável para 6 de 7)

Um estudo realizado por Arim, Ramilo e Freitas (2005) mostra que, no português europeu, a estratégia cortadora tem-se generalizado, sendo que em alguns contextos os falantes preferem esta estratégia à estratégia padrão, que consideram pouco natural. A freqüência da cortadora em PE já seria, segundo esse estudo, de 41% no discurso oral e 3% no escrito (considerando apenas o universo das relativas preposicionais). Em (vii), encontram-se alguns exemplos de relativas cortadoras encontradas por esses pesquisadores no PE escrito. Também Varejão (2006) atesta a existência da estratégia cortadora em PE.

(vii) a. As massas associativas têm que efectivamente valorizarem aquilo que gostam. [*Os Donos da Bola*, SIC]
b. Ideias é aquilo que toda a gente fala. [*Jogo Falado*, RTP2]
c. Já estivemos a ver as adivinhas que vamos precisar para entrarmos no irc. [*2001*, RTP2]
d. A linha de crédito que precisariam seria de cento e cinquenta mil milhões de dólares. [Noticiário, RDP]
e. São passos no sentido daquilo que se chama mais união política. [Noticiário, RDP] (ARIM; RAMILO; FREITAS, 2005, p. 4-5)

Assim como observamos no caso das relativas encabeçadas por *quem* e *o que*, as relativas livres encabeçadas por *onde, como* e *quando* têm, em PB, suas correspondentes não-padrão com antecedente (cf. (68), (69) e (70)).

(68) a. [o lugar que$_i$ eu vivo Ø$_i$] é bonito
b. a gente visitou [o lugar que$_i$ ele passou a infância Ø$_i$]

(69) a. [a forma que$_i$ ele conduz as coisas Ø$_i$] agrada a todo mundo aqui
b. o gerente criticou [o jeito que$_i$ ele arrumou a mercadoria Ø$_i$]

(70) a. [a data que$_i$ isto vai acontecer Ø$_i$] é imprevisível
b. a gente já incluiu no projeto [a data que$_i$ isto vai acontecer Ø$_i$]

Observamos que a alternância com o resumptivo realizado no caso das relativas encabeçadas por *onde*, *como* e *quando* não ocorre (cf. (71)), nem em construções equativas (cf. (72)). Essa característica não é, todavia, peculiar a essas relativas pelo fato de elas seres relativas livres, pois o resumptivo realizado também não é aceitável nas relativas com antecedente equativas correspondentes (cf. (73)).

(71) a. *[*onde*$_i$ eu vivo *lá*$_i$] é bonito
b. *a gente visitou [*onde*$_i$ ele passou a infância *lá*$_i$]
c. *[*como*$_i$ ele conduz as coisas *assim*$_i$] agrada a todo mundo aqui
d. *o gerente criticou [*como*$_i$ ele arrumou a mercadoria *assim*$_i$]
e. *[*quando*$_i$ isto vai acontecer *nessa data*$_i$] é imprevisível

f. *a gente já incluiu no projeto [*quando*$_i$ isto vai acontecer *nessa data*$_i$]

(72) a. aquele lugar é [*onde*$_i$ eu vivo (**lá*)$_i$]
b. Aquele lugar é [*onde*$_i$ ele passou a infância (**lá*)$_i$]
c. essa maneira é [*como*$_i$ ele conduz as coisas aqui (**assim*)$_i$]
d. esse jeito foi [*como*$_i$ ele arrumou a mercadoria (**assim*)$_i$]
e. dois de fevereiro é [*quando*$_i$ isto vai acontecer (**nessa data*)$_i$]

(73) a. aquele é o [*lugar que*$_i$ eu vivo (**lá*)$_i$]
b. aquele é o [*lugar que*$_i$ ele passou a infância (**lá*)$_i$]
c. essa é a [*maneira que*$_i$ ele conduz as coisas aqui (**assim*)$_i$]
d. esse foi o [*jeito que*$_i$ ele arrumou a mercadoria (**assim*)$_i$]
e. dois de fevereiro é a [*data que*$_i$ isto vai acontecer (**nessa data*)$_i$]

5.2 A estrutura das relativas livres

Uma das preocupações que tem levado a diversas propostas sobre a estrutura das relativas livres é o fato de não se ter um antecedente claramente identificado no contexto sintático dessas relativas. São apontadas duas possibilidades de análise na abordagem dessa questão: a) a possibilidade de o morfema relativo ocupar a posição do antecedente na matriz (ver BRESNAN e GRIMSHAW, 1978); e b) a possibilidade de o antecedente da relativa livre ser uma categoria vazia (ver GROOS e RIEMSDIJK, 1981).

Na linha dessa segunda hipótese, Brito (1991) e Móia (1992) assumem que as relativas livres, em PE, têm uma estrutura sintática paralela à estrutura das relativas com antecedente, com uma categoria

vazia na posição do antecedente. Brito (1991) defende que o antecedente das relativas livres é a categoria vazia *pro* e o constituinte-wh dessas relativas – *quem, o que, onde* – identifica o conteúdo desse *pro* porque é dotado de traços-Φ de concordância. A ausência desses traços no morfema *que* explicaria a falta de conformidade categorial em relativas livres com esse morfema. Para Móia (1992), a legitimação da relativa livre ocorre por meio de um processo de fusão entre o antecedente nulo *pro* e o operador relativo, resultando nas formas marcadas por um traço inerente como: *quem* [+humano], *o que* e *quanto* [-humano], *onde* [+locativo], *como* [+modo], *quando* [+tempo].

Essas hipóteses que assumem a existência de um antecedente nulo nas relativas livres estão ligadas à idéia de que a relativização envolve duas expressões nominais idênticas (uma gerada na matriz e outra gerada no IP da relativa e movida para CP), que se consolidou, desde Chomsky (1977), com a hipótese de movimento-wh. Com a proposta de relativização por alçamento, de Kayne (1994), esse antecedente nulo pode se tornar dispensável. É o que veremos a seguir, mas vamos primeiro discutir uma proposta alternativa para as formas marcadas do morfema relativo em relativas livres.

Como vimos, com a proposta de Kayne (1994) para as relativas-wh, compreende-se que o DP relativizado tem como determinante um morfema-wh.

(74) a. [[[$_{DP}$ *que pessoa*] chegou...
b. [[$_{DP}$ *que pessoa*]$_i$ [t$_i$ chegou ...
c. [pessoa [$_{DP}$ *que* t_{NP}]]$_i$ [t$_i$ chegou ...

Se para o DP *a pessoa* temos a pro-forma *ela* para substituí-lo, é adequado considerarmos a possibilidade de haver para o DP-wh *que pessoa* também uma pro-forma-wh para substituí-lo, no caso *quem.* Esta é

uma possibilidade de análise para as formas marcadas do morfema-wh das relativas livres. Como pro-formas é natural que estes constituintes-wh apresentem uma morfologia que reflita traços semânticos dos elementos nominais que representam.

Essa possibilidade de análise é considerada por Kato e Nunes (2004, p.4), de acordo com os quais, "relatives with que contrast with free relatives, which may have a wh-pronoun or a wh-determiner in their base", isto é, os autores propõem que as relativas livres apresentam pronomes-wh, homófonos aos pronomes interrogativos (cf. (75)), enquanto que, nas relativas com antecedente, encontramos um determinante-wh — o morfema *que*.[49]

(75) a. eu vi [que escritor chegou]
b. eu vi [quem chegou] (KATO e NUNES, 2004, p. 4)

Outro aspecto das relativas livres a ser considerado é o efeito de compatibilidade (*matching effects*) entre a matriz e a cláusula encaixada. Segundo Kato e Nunes (2007), em português esta compatibilidade é instanciado por um tipo de preposição compartilhada, como no paradigma em (76), que mostra que os verbos *discordar* e *rir* selecionam a preposição *de*, e os verbos *concordar* e *conversar* selecionam a preposição *com*. Os autores explicam que, quando um desses verbos toma uma cláusula relativa livre como complemento, este deve ser o caso em que as propriedades de seleção dos verbos da matriz e da encaixada são compatíveis, como mostrado em (77a) e (77b). Já em (77c) e (77d) não

[49] Mais apropriadamente os pronomes pessoais deveriam ser denominados prossintagmas, porque substituem o sintagma e não apenas o nome. Por exemplo, o sintagma *a menina,* e não apenas o nome *menina,* é substituído pelo pronome *ela.* (ver RAPOSO, 1992). Assim, os pronomes-wh, nesse caso, estão abarcando a noção de prossintagmas-wh e o determinante-wh seria o item que ocupa a posição do núcleo D.

observamos esse efeito porque a preposição escolhida satisfaz as exigências de seleção de um desses verbos, mas não do outro.

(76) a. eu discordei/ri **d**ele/*__com__ ele
b. eu concordei/conversei **com** ele/*__d__ele

(77) a. ele só conversa **com** quem ele concorda.
b. ele sempre ri **de** quem ele discorda
c. ele sempre concorda *__com__ quem/*__de__ quem ele ri
d. ele sempre ri *__de__ quem/*__com__ quem ele conversa

(KATO e NUNES, 2007. p. 11)

Esse efeito de compatibilidade é interpretado pelos autores dentro da estrutura de adjunção. Segundo eles, em algum ponto da derivação em (78), por exemplo, o verbo *conversar* é selecionado da numeração. O CP e *conversar* não podem concatenar-se neste momento porque *conversar* não seleciona um CP. O traço-wh forte de C então desencadeia a operação de cópia do PP *com quem* (cf. (79)), que é adjungida ao CP. Essa adjunção permite a checagem do traço-wh forte e a concatenação da estrutura resultante com *conversar*, resultando na estrutura em (80). A concatenação de *conversar* com o CP em (80) satisfaz a condição de Último Recurso porque o PP movido fica no domínio mínimo de *conversar*, podendo se estabelecer entre eles uma relação sintática pertinente (relação-θ). [50]

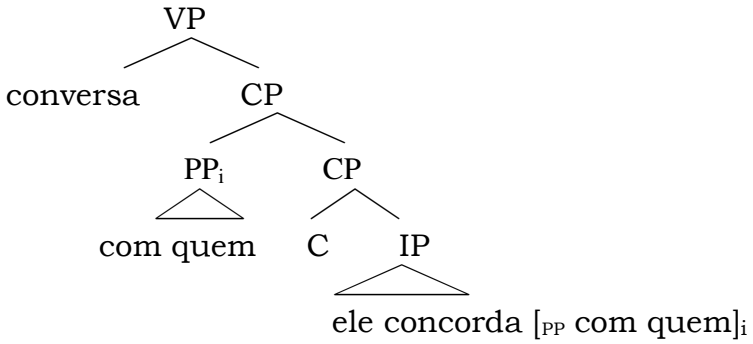
(78) a. XP = [$_{CP}$ C [ele concorda [$_{PP}$ com quem]]]
b. Y = conversa

[50] De acordo com Kato e Nunes (2007), em relativas livres, o pronome *quem* é um item lexical regular, que pode sofrer *Merger* regular, e não um produto de *que*-para-*quem*. Por isso encontramos relativas livres nas quais *quem* pode ser um sujeito ou um objeto, como ilustrado em (i).

(i) a. Quem chegar primeiro chama os outros.
b. Eu vou contratar quem você recomendar (KATO e NUNES, 2007, p. 12)

(79) a. XP = [$_{CP}$ C [ele concorda [$_{PP}$ com quem]$_i$]]
b. Y = conversa
c. ZP = [$_{PP}$ com quem]$_i$

(80)



(KATO e NUNES, 2007, p. 12)

Assim, de acordo com a proposta de Kato e Nunes (2007), (81a) é a estrutura de uma relativa livre, quando o termo relativizado é um DP (relativas de sujeito e objeto direto).

(81) a. [$_{CP}$ **[$_{DP}$ quem]$_i$** [$_{CP}$ C^0 [$_{IP}$ **t$_i$** chegou]]
b. [$_{DP}$ a[$_{CP}$ **[$_{DP}$ *pessoa*$_k$ [$_{DP}$ que t$_k$]]$_i$** [$_{CP}$ C^0 [$_{IP}$ **t$_i$** chegou]]]]

Traçando um paralelo entre a estrutura da relativa livre, em (81a) e a estrutura da relativa com antecedente, em (81b), verificamos que, no caso da última, o DP movido seria *que pessoa*. Então, seria necessário ainda o alçamento do NP *pessoa*, que é adjungido ao DP movido, e a concatenação do CP relativo com um determinante – *a.* Esses dois últimos passos não são necessários para derivarmos uma relativa livre. O alçamento de um NP não é necessário porque o morfema-wh é uma pro-forma; e a concatenação do CP relativo com um determinante não ocorre porque, por ser uma pro-forma, o morfema relativo na cabeça da relativa livre não necessita de um determinante. Essa análise dispensa, assim, a necessidade de propormos a existência de um antecedente nulo e de propormos processos de concordância ou fusão entre operador relativo e

antecedente nulo, como fazem, respectivamente, Brito (1991) e a de Móia (1992) para justificar a presença dos traços semânticos nesses constituintes-wh.

Essa estrutura de adjunção proposta por Kato e Nunes (2007), permite, assim, que o DP ou o PP relativizados participem de relações sintáticas no domínio da matriz. Em (82), o item relativizado é um DP. Como um DP atende aos requisitos de seleção tanto do verbo em (82a) quanto da preposição em (82b), estabelecem-se entre eles relações sintáticas pertinentes.

(82) a. não conheço $[_{CP}$ **$[_{DP}$ quem]**$_i$ $[_{CP}$ C^0 $[_{IP}$ **t_i** chegou]]]

b. vou pedir um autógrafo a $[_{CP}$ **$[_{DP}$ quem]**$_i$ $[_{CP}$ C^0 $[_{IP}$ **t_i** chegou]]]]

Já em (83) o item relativizado é um PP. Nesse caso, os respectivos PPs atendem adequadamente às propriedades de seleção dos verbos *confiar* e *precisar*, que selecionam o mesmo tipo de preposição presente nesses PPs (efeito de compatibilidade).

(83) a. só confio $[_{CP}$ **$[_{PP}$ em $[_{DP}$ quem]]**$_i$ $[_{CP}$ C^0 $[_{IP}$ você confia **t_i**]]]]

b. eu preciso $[_{CP}$ **$[_{PP}$ d $[_{DP}$ o que]]**$_i$ $[_{CP}$ C^0 $[_{IP}$ você gosta **t_i**]]]]

Mas, quando as preposições selecionadas pelos verbos da matriz e da encaixada não são a mesma, não se estabelecem relações sintáticas entre o verbo da matriz e o PP relativizado (cf. (84a)), assim como ocorreria com PPs em orações independentes (cf. (84b)). Isto explica a inaceitabilidade de *pied-piping* da preposição em relativas livres como as mostradas em (57). Como o termo relativizado nessas sentenças é um PP, este não atende às propriedades de seleção para posições não-preposicionais no domínio da matriz (cf. (85)).

(84) a. *eu preciso $[_{CP}$ **$[_{PP}$ em $[_{DP}$ quem]]**$_i$ $[_{CP}$ C^0 $[_{IP}$ você confia **t_i**]]]]

b. *eu preciso **[$_{PP}$ em você]**

(85) a. *[$_{CP}$ **[$_{PP}$ pra/a [$_{DP}$ quem]]**$_i$ [$_{CP}$ C^0 [$_{IP}$ ele deu uma flor **t$_i$**]]]] acabou de chegar

b. *[$_{CP}$ **[$_{PP}$ em [$_{DP}$ quem]]**$_i$ [$_{CP}$ C^0 [$_{IP}$ você votou **t$_i$**]]]] foi eleito

c. *vou visitar [$_{CP}$ **[$_{PP}$ com [$_{DP}$ quem]]**$_i$ [$_{CP}$ C^0 [$_{IP}$ você simpatizar muito **t$_i$**]]]]

d. * [$_{CP}$ **[$_{PP}$ n [$_{DP}$ o que]]**$_i$ [$_{CP}$ C^0 [$_{IP}$ você acredita **t$_i$**]]]] é pura ilusão

e. *eu encontrei [$_{CP}$ **[$_{PP}$ d [$_{DP}$ o que]]**$_i$ [$_{CP}$ C^0 [$_{IP}$ ele mais gosta **t$_i$** no mundo]]]]

5.3 A estrutura das relativas livres não-padrão em PB

Se as relativas livres ocorrem, de fato, também como estratégia não-padrão em PB, como procurei demonstrar na subseção 5.1, o item relativizado nessas relativas é alçado da posição de LD, em conformidade com o que foi proposto para as relativas restritivas[51], na seção 3. Assim, defendo que (86a) é a estrutura da relativa livre não-padrão correspondente à relativa com antecedente não-padrão em (86b).

(86) a. vou visitar [$_{CP}$ **quem$_i$** [$_{CP}$ C **[$_{LD}$ t$_i$** [$_{IP}$ você simpatiza *pro*$_i$]]]]

b. vou visitar [$_{DP}$ a [$_{CP}$ **[$_{DP}$ pessoa$_k$ [$_{DP}$ que t$_k$]]**$_i$ [$_{CP}$ C **[$_{LD}$ t$_i$** [$_{IP}$ você simpatiza *pro*$_i$]]]]]

[51] Conforme foi mencionado no capítulo I, as relativas livres só ocorrem como restritivas (ver EMONDS 1979, p.232). Tal observação está em consonância com a observação de que as relativas apositivas só funcionam como relativas padrão e com a observação de que as relativas livres podem ocorrer em PB como estratégia não-padrão. As relativas livres são, na verdade, um tipo de relativa restritiva, sendo previsível, portanto, que encontremos nelas características das relativas restritivas e não encontremos nelas características das apositivas.

Em (86a), o constituinte relativizado é alçado da posição de LD, da mesma forma que ocorre com a relativa com antecedente não-padrão em (86b). Por ser alçado da posição de LD esse constituinte é um DP e não um PP.[52] Isso cria a possibilidade de o constituinte relativizado de relativas livres como as repetidas abaixo participarem de relações sintáticas pertinentes a um DP, no domínio da matriz. Assim, essas relativas livres podem ser concatenadas na posição de sujeito (cf. (87)), na posição de objeto direto (cf. (88)); ou com uma preposição (cf. (89)).

(87) a. [$_{CP}$ **quem$_i$** [$_{CP}$ C **[$_{LD}$ t$_i$** [$_{IP}$ ele deu uma flor *pro*$_i$]]]] acabou de chegar
b. [$_{CP}$ **o que$_i$** [$_{CP}$ C **[$_{LD}$ t$_i$** [$_{IP}$ você acredita *pro*$_i$]]]] é pura ilusão
c. [$_{CP}$ **onde$_i$** [$_{CP}$ C **[$_{LD}$ t$_i$** [$_{IP}$ eu vivo *pro*$_i$]]]] é bonito
d. [$_{CP}$ **como$_i$** [$_{CP}$ C **[$_{LD}$ t$_i$** [$_{IP}$ ele conduz as coisas *pro*$_i$]]]] agrada a todo mundo aqui
e. [$_{CP}$ **quando$_i$** [$_{CP}$ C **[$_{LD}$ t$_i$** [$_{IP}$ isto vai acontecer *pro*$_i$]]]] é imprevisível.

(88) a. vou visitar [$_{CP}$ **quem$_i$** [$_{CP}$ C **[$_{LD}$ t$_i$** [$_{IP}$ você simpatiza muito *pro*$_i$]]]]
b. eu encontrei [$_{CP}$ **o que$_i$** [$_{CP}$ C **[$_{LD}$ t$_i$** [$_{IP}$ ele mais gosta *pro*$_i$ no mundo]]]]
c. a gente visitou [$_{CP}$ **onde$_i$** [$_{CP}$ C **[$_{LD}$ t$_i$** [$_{IP}$ ele passou a infância *pro*$_i$]]]]
d. o gerente criticou [$_{CP}$ **como$_i$** [$_{CP}$ C **[$_{LD}$ t$_i$** [$_{IP}$ ele arrumou a mercadoria *pro*$_i$]]]]
e. a gente já incluiu no projeto [$_{CP}$ **quando$_i$** [$_{CP}$ C **[$_{LD}$ t$_i$** [$_{IP}$ isto vai acontecer *pro*$_i$]]]]

[52] De acordo com Cinque (1990), as construções de LD envolvem apenas NPs (DPs), diferentemente de um tipo de construção como CLLD (*clitic left dislocation* - com pronomes clíticos como resumptivos), que envolve qualquer categoria.

(89) a. eu conversei com [$_{CP}$ **quem$_i$** [$_{CP}$ C **[$_{LD}$ t$_i$** [$_{IP}$ você deu uma flor *pro*$_i$]]]]

b. só dou minha chave pra/a [$_{CP}$ **quem$_i$** [$_{CP}$ C **[$_{LD}$ t$_i$** [$_{IP}$ eu confio *pro*$_i$]]]]

c. você só sonha com [$_{CP}$ **o que$_i$** [$_{CP}$ C **[$_{LD}$ t$_i$** [$_{IP}$ você tem medo *pro*$_i$]]]]

d. ele gosta de [$_{CP}$ **onde$_i$** [$_{CP}$ C **[$_{LD}$ t$_i$** [$_{IP}$ se sente à vontade *pro*$_i$]]]]

6 Últimas considerações

Apresentei, neste capítulo, dois interessantes aspectos da relativização em PB, ainda não observados, referentes à estratégia não-padrão, são eles: a impossibilidade de ocorrência de relativas não-padrão em contexto de relativização apositiva e a ocorrência de relativas não-padrão como relativas livres. A observação de tais fenômenos suscitou avaliação de hipóteses sobre a estrutura das relativas não-padrão em PB na busca de uma explicação adequada para os fatos em questão.

Através da hipótese de relativização por alçamento a partir da posição de LD, de Kato e Nunes (2007), foi possível explicar adequadamente ambos os fenômenos. A idéia de que o vestígio do termo relativizado está na posição de LD, nas relativas não-padrão, é o ponto crucial da análise aqui feita. Com base nessa idéia foi possível explicar o que se constatou empiricamente: a) a aceitabilidade da estratégia padrão como restritiva ou apositiva; b) aceitabilidade das relativas não-padrão restritivas; c) inaceitabilidade das relativas não-padrão apositivas; e d) possibilidade de as relativas livres ocorrerem como estratégia não-padrão.

Os dois fenômenos mencionados e a hipótese para a estrutura das relativas não-padrão, proposta por Kato e Nunes (2007), serão a base

para a análise dos dados de aquisição de relativas em PB que serão discutidos nos próximos capítulos. Partimos para essa análise considerando que: a) a presença de relativas apositivas na fala infantil é evidência de que a criança relativiza por movimento-wh a partir de IP; e b) a relativização na gramática alvo aqui investigada (o PB) envolve uma estratégia com alçamento a partir de IP e uma estratégia com base na estrutura de LD.

Capítulo III

Hipóteses sobre aquisição de relativas

1 Introdução

As estratégias de relativização padrão e a não-padrão têm sido observadas em situação de co-ocorrência, em diferentes línguas. Tal fenômeno tem sido apontado por diversos estudos sobre relativas, como os que discutiremos neste capítulo. As implicações desse fenômeno para a aquisição se evidenciam na dificuldade que as crianças, de modo geral, apresentam para adquirir as relativas com *pied-piping*.

Os estudos aqui discutidos levantam hipóteses em torno dos seguintes pontos: a) inexistência ou não da estratégia de movimento-wh na gramática infantil; b) relação entre a ausência de pronomes relativos na língua falada e a dificuldade na aquisição das relativas com *pied-piping*; c) ocorrência apenas da estratégia não-padrão na gramática infantil; d) relação entre resumptivo como último recurso e estágios no processo de aquisição de relativas; e e) relação entre o número de alçamentos na

derivação de relativas e a facilidade/dificuldade na aquisição destas.

Neste capítulo, analisaremos os pontos acima, agrupando discussões de alguns trabalhos de acordo com esses pontos. Na seção 2, apreciaremos as discussões sobre os pontos (a) e (b), em estudos sobre aquisição do francês e do italiano; na seção 3, analisaremos o ponto (c), em trabalhos sobre a aquisição de relativas em PB; na seção 4, abordaremos a hipótese mencionada no ponto (d), em um estudo que trata da aquisição de relativas juntamente com outras construções da periferia esquerda da sentença em PB; e, na seção 5, analisaremos o ponto (e) em dois estudos que tratam da aquisição de relativas em inglês e japonês. Por fim, a discussão será resumida na seção 6.

2 A questão da ausência ou não da estratégia de movimento na gramática infantil

2.1 Hipótese de inexistência de movimento-wh na gramática infantil

Para Labelle (1990, 1996), as relativas produzidas pelas crianças não parecem requerer a presença de um elemento na cláusula encaixada que seria co-indexado ao antecedente. A autora propõe que "these relative clauses are produced by using a simple rule of predication that coindexes the clause with the antecedent" (LABELLE, 1990, p. 117), isto é, para a autora, as relativas produzidas por crianças implicam simplesmente uma regra de predicação que co-indexa a cláusula relativa com um antecedente, sem movimento-wh. A análise da autora se baseia em resultados de um experimento realizado com 108 crianças falantes do francês canadense, dos 3;0 aos 6;0 de idade, residentes na área de Ottawa. Segundo Labelle

(1990), seu experimento mostra que, até 6;0 de idade, crianças de língua francesa, embora apresentem movimento-wh em perguntas, não mostram nenhuma evidência de que tenham adquirido uma estratégia de movimento para construir cláusulas relativas. Tal fato contrasta, segundo ela, com o que se observa em crianças adquirindo o inglês, que parecem adquirir a relativa com movimento-wh relativamente cedo.

O experimento realizado consiste de uma exposição de pares de figuras em preto e branco coladas lado a lado em um pedaço de papelão, que correspondiam a uma situação a partir da qual a criança produziria relativas de sujeito, objeto direto, objeto indireto, locativo e genitivo. Após a exposição dos pares de figuras, o examinador questionaria: *Sur quel [X] est-ce tu vas mettre ton collant?* (LABELLE, 1990, p. 97) (*Em que [X] você quer por seu adesivo?*). Os exemplos da estratégia padrão das relativas correspondentes a cada tipo são como em (1).

(1) a. subject: la fille [[qui] ___court]
'the girl$_i$ [[that$_i$]___runs]'
[*A garota que corre.*]

b. D.O.: la balle [[que] le garçon lance___]
'the ball [[that] the boy throws___]'
[*A bola que o garoto lança.*]

c. I.O. : la fille [[à qui] la madame fait un sourire___]
'the girl [[to whom] the lady smiles___]'
[*A garota para quem a senhora sorri.*]

d. Loc. : la boîte [[dans laquelle] la fille est cachée ___]
'the box [[in which] the girl is hiding___]'
[*A caixa na qual a garota está escondida.*]

d'. Loc. : la boîte [[où] la fille est cachée ___]
'the box [[where] the girl is hiding___]'
[*A caixa onde a garota está escondida.*]

e. Gen. : le garçon [[dont][le chien___] dort]
'the boy [[of whom][the dog___] sleeps]'
'The boy whose the dog sleeps'
[*O garoto cujo cão dorme.*]

(LABELLE, 1990, p. 97)

Duas estratégias não-padrão podem também ocorrer em dialetos do francês e na fala infantil, de acordo com a descrição de Labelle (1990): a estratégia resumptiva e a estratégia com lacuna (equivalente à cortadora do PB). Conforme a análise da autora, ambas são introduzidas por um complementizador (*que*) em todos os casos acima.

Esse complementizador apresenta uma forma alomórfica (*qui*) no caso da relativa de sujeito. A favor dessa idéia a autora argumenta que, em relativas resumptivas de sujeito, pode ocorrer elisão da vogal final do complementizador na seqüência *complementizador mais forma reduzida do pronome sujeito*, resultando em:

(2) a. *qu'i* [ki] (=*que il*);
b. *qu'a* [ka] (=*que elle*) (LABELLE, 1990, p. 102)

Para a autora, a forma masculina em (2a) seria "ambígua" (estruturalmente) porque se confunde com o morfema relativo *qui* (=quem). Segundo Labelle (1990), existem razões para sustentar a análise de elisão da vogal final do complementizador quando a criança produz *qui* em relativas de sujeito com antecedente masculino, que seriam as seguintes: com o pronome interrogativo *qui* e com o pronome relativo *qui* (em relativas preposicionais) a elisão nunca ocorre, como se verifica em (3).

(3) a. Qui arrive?
'Who is coming?'
[*Quem está vindo*]
b. *Qu'arrive?
c. La fille à qui on apporte un livre.
Lit.: 'The girl to whom one is bringing a book'
(*A garota para quem estão trazendo um livro*)
d. *La fille à qu'on apporte un livre.

(LABELLE, 1990, p. 103)

As estratégias não-padrão resumptiva e com lacuna são exemplificadas em (4) e (5), onde se encontram relativas produzidas pelas crianças pesquisadas pela autora.

(4) RELATIVAS RESUMPTIVAS

a. La petite fille qu'a est assis sur la boîte (E. 4 ;09)
'The little girl that she is sitting on the box'
[*A garotinha que ela esta sentada na caixa.*]

b. Sur la balle qu'i(l) l'attrape (LE 3;08)
'On the ball that he it catches'
[*Na bola que ele pega ela.*]

c. Celle-là que papa lui montre un dessin (JF 5;00)
'That-one that the father to-her shows a drawing'
[*Aquele que papai mostrou um desenho pra ela.*]

d. Sur la boîte que camion rentre dedans (S 4;08)
'On the box that the truck goes inside-it'
[*Na da caixa que o caminhão vai dentro dela.*]

e. Sur le petit garçon que son chien i(l) dort (M 5 ;00)
'On the little boy that his dog he sleeps'
[*No garotinho que o cachorro dele dorme.*]

(LABELLE, 1990, p. 98-99)

(5) RELATIVAS COM LACUNA

a. C'est balle qu'i(l) dessine (D 3;06)
'It's the ball that he is-drawing'
[*É a bola que ele está desenhando.*]

b. Sur la petite fille que le monsieur i(l) montre um dessin (MJ 3;06)
'On the little girl that the man he is-showing a drawing (= to her)
[*Na garotinha que o homem ele mostra um desenho.*]

c. Sur la boîte que la petite fille elle embarque (K 4;04)
'On the box that the little girl she goes' (=in)
[*Na da caixa que a garotinha ela vai embarcar* (=*em*)]

d. Sur le petit garçon que le chien i(l) est assis (M 5;01)
'On the little boy that the dog he is sitting (= his dog)
[*No garotinho que o cachorro ele está sentado* (= *cachorro dele*)]

(LABELLE, 1990, p. 100)

Haveria ainda, segundo a autora, uma terceira estratégia não-padrão, a estratégia com o resumptivo NP, na qual haveria um NP co-referente ao antecedente em lugar de um pronome (cf. (6)).

(6) a. Sur la balle qu'i(l) lance la balle (M 5;00)

'On the ball that he throws the ball'
[*Na bola que ele lança a bola.*]

b. Sur la boîte que la petite fille est debout sur la boîte (K 4;04)
'On the box that the little girl is standing on the box'
[*Na caixa que a garotinha está se levantando na caixa.*]

Foram coletadas 1.348 sentenças relativas produzidas pelas crianças pesquisadas, que se distribuem, conforme a autora, nas três estratégias não-padrão — com pronome resumptivo, com resumptivo NP e com lacuna (cf. tabela 1 abaixo).

Tabela 1
Strategies of relativization for targets other than subject

Extraction Site	*Resumptive Pronoun*		*Resumptive NP*		*Gap*	
	n	*%*	*n*	*%*	*n*	*%*
Direct object	33	25	21	16	78	59
Indirect object	29	28	30	29	43	42
Locative	62	37	25	15	79	48
Genitive	28	43	0	_	37	57
Total	152	33	76	16	237	51

(LABELLE, 1990, p. 99)

Para Labelle (1990, 1996), não haveria evidência de que existiriam morfemas-wh no CP das relativas produzidas pelas crianças pesquisadas. Segundo ela, até os 6;0 de idade, a criança não realiza relativização por meio da estratégia de movimento-wh. O que as crianças utilizariam seria uma regra de predicação, co-indexando o antecedente a um predicado – o CP relativo (cf. (7)).

(7) $[NP]_i$ $[CP]_i$ (LABELLE, 1990, p. 105)

Mesmo nos casos de ocorrência de relativas encabeçadas pelo morfema-wh *où* (equivalente a *onde*), a autora considera que o morfema-wh relativo é inexistente. Labelle (1990) atesta a ocorrência, nos *corpora* pesquisados por ela, de 83 sentenças relativas introduzidas com *où*, das quais 29 tinham antecedente explícito e as demais eram relativas livres. Com base no fato de que algumas crianças que produziram relativas com *où*, como em (8a), produziram também relativas com *où* não co-referente ao antecedente, como em (8b), a autora analisa que a palavra-wh *où* que aparece em relativas produzidas por crianças não seria um morfema relativo.

(8) a. Sur la boîte où la petite fille met l'auto (J. 5;07)
'On the box where the little girl is-putting the car'
[*Na caixa onde a garotinha pôs o carro*]

b. La petite fille où le garçon lui dit bonjour (J. 5;07)
'The little girl where the boy to-her is-saying "hi" '
[*A garotinha onde o garoto disse "oi" pra ela*]

Pela análise da autora, o movimento-wh ocorre nas relativas produzidas por crianças semelhantemente ao que acontece em interrogativas indiretas. Entretanto, no caso das relativas com antecedente, o morfema-wh *où* não seria co-referente ao antecedente. Trata-se da mesma estrutura proposta para as demais relativas produzidas pela criança: o antecedente recebe um predicado, o CP relativo (cf. (9)).

(9) $[\text{La petite fille}]_i$ $[où_k$ le garçon lui_i dit bonjour $t_k]_i$

(LABELLE, 1990, p. 110)

Como Labelle (1990, 1996) considera que não há evidência de que existe uma palavra-wh realizada em SpecCP nas relativas produzidas por crianças até 6;0, para sustentar sua proposta, a autora assume que o *que* e o *qui* das relativas de objeto direto e sujeito, respectivamente, são complementizadores. A autora procura fundamentar essa idéia, lançando mão da argumentação de que o *qui* ([ki]) em relativas de sujeito com antecedente masculino é a contração de *que+il*.

Há, entretanto, uma situação controversa nessa análise. Conforme dados da própria autora (cf. tabela 2 em LABELLE, 1990, p. 102) 73,1% (280 de 383) das relativas de sujeito com antecedente feminino produzidas pelas crianças foram encabeçadas por [ki] e não pela contração de *que* com o pronome feminino – [ka] (=*que elle*), que aparece em apenas 26,9% (103 de 383) dessas relativas. Diante desses dados, a análise mais natural seria considerar que esses 280 (73,1%) casos de relativas de sujeito sejam relativas padrão.

Segundo a autora, o que estaria ocorrendo nesses casos de relativas de sujeito com antecedente feminino encabeçadas por [ki] seria uma neutralização do gênero do pronome sujeito, fazendo com que a criança use *qu'i(l)* com antecedentes tanto masculinos quanto femininos. Tal neutralização pode, segundo ela, ser observada em exemplos como (10).

(10) Pasque la maman i couche dans une autre
'Because the mother he sleeps in another
[*Porque a mamãe ele dorme numa outra*
maison (G 4;07)
house'
casa.]

(LABELLE, 1990, p. 105)

Todavia, devemos considerar que, se casos como o exemplo em (10) não forem generalizados na fala infantil, estes não serão suficientemente representativos para serem tomados como evidência de que a criança faz esse tipo de neutralização, quando realiza *qui* com antecedentes femininos. A autora, porém, nada esclarece sobre a freqüência de exemplos semelhantes a (10) na fala infantil.

Além disso, de acordo com a autora, o uso do complementizador *que* seguido de lacuna em posição de sujeito não é atestado. Ou seja, a autora afirma não ter encontrado sentenças como (11) nos *corpora.*

(11) *La fille que *e* court
'The girl that *e* runs' (LABELLE, 1990, p. 102)
[*A garota que corre.*](com *que* não correspondente a *qui*)

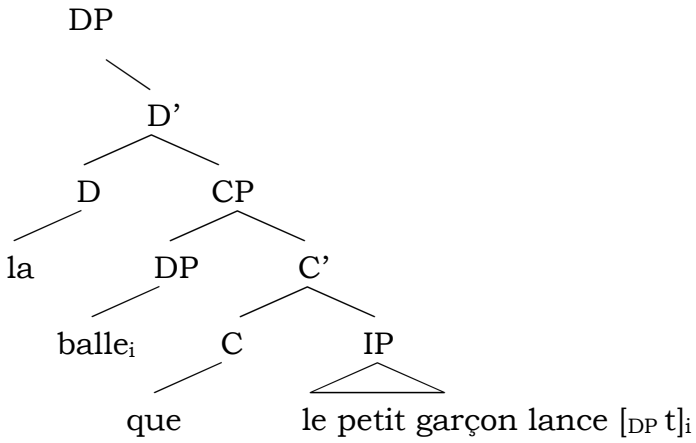
Labelle (1990) procura justificar a inexistência de exemplos como (11) na fala infantil, argumentando que o emprego de um complementizador *que* resulta numa sentença que viola o Princípio das Categorias Vazias (ECP), porque a categoria vazia não poderia ser regida. Como veremos nas próximas subseções, para Guasti e Shlonsky (1995), Guasti (2002) e Guasti e Cadinaletti (2003), a criança adquirindo o francês faz sim relativização por momovimeto-wh. A inexistência de exemplos como a sentença em (11) é apontada por Guasti (2002) e Guasti e Cadinaletti (2003) como uma das evidências disso.

2.2 Hipótese de existência movimento-wh nas relativas com lacuna em francês

Com base no *corpus* estudado por Labelle (1990), Guasti e Shlonsky (1995) propõem que as relativas com lacuna do francês envolvem movimento, mas do DP alvo da relativização, não de um operador.

Assumindo a proposta de Kayne (1994), os autores propõem que a relativa com lacuna do francês teria a estrutura em (12).

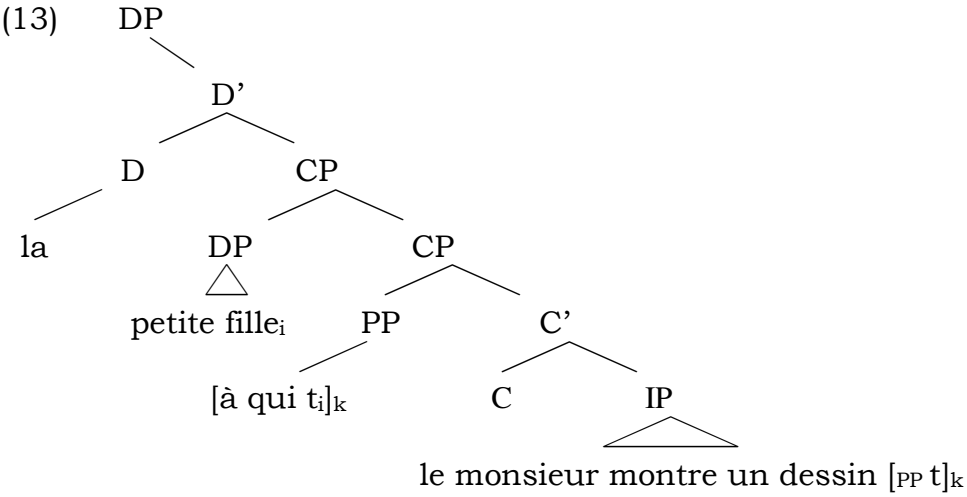
(12)



(GUASTI e SHLONSKY, 1995, p. 265)

Nesse tipo de estrutura, que corresponde à estrutura das relativas de sujeito, objeto direto e relativas não-padrão, não haveria operador relativo. O *que/qui* seria um complementizador. O operador relativo só estaria presente em relativas com *pied-piping* preposicional, que teriam a estrutura em (13).

(13)

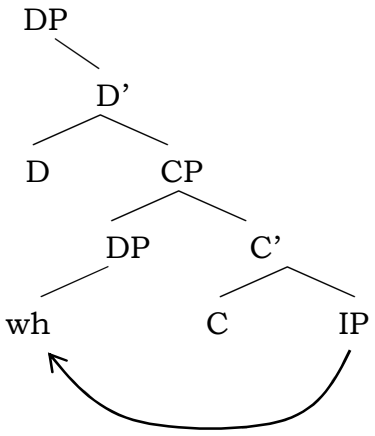


(adaptado de GUASTI e SHLONSKY, 1995, p. 261, 266)

De acordo com a hipótese dos autores, na a aquisição das relativas em francês, a gramática infantil seria desprovida de "*linking operators*" (operadores co-indexados com o antecedente e a variável), por razões que envolvem maturação da GU (seguindo WEXLER, 1991)[53]. Então, para os autores, até os 6;0 de idade a criança só realiza relativas com a estrutura em (12). Isto justificaria a ausência de relativas com *pied-piping* preposicional e a preponderância da estratégia com lacuna nos dados infantis.

Segundo os autores, Flynn e Lust (1980)[54] mostram que relativas livres são tão freqüentes entre crianças de 3;6 a 6;8 quanto relativas restritivas. Isto, entretanto, não seria contra-evidência à hipótese de inexistência de "*linking operators*" na gramática infantil porque o elemento-wh, nesse caso, funciona como um verdadeiro antecedente e não como um elemento intermediário entre o antecedente e uma variável. Assim como o antecedente em (12) esse elemento seria alçado para SpecCP (cf. (14)).

(14)



(GUASTI e SHLONSKY, 1995, p. 273)

[53] WEXLER, K. Some in the Growth of Control. **MIT Occasional Papers**, Cambridge, n. 44, [s.p], 1991.

[54] FLYNN, S.; LUST, B. Acquisition of Relative Clauses: Developmental Changes in Their Heads. **Papers in Linguistics**, Baltimore**,** n. 1, 1980, p. 33-45.

A mesma explicação se estende, conforme os autores, à assimetria entre interrogativas, nas quais muito cedo (desde os 2;0 anos) se observa *pied-piping* preposicional, e relativização, na qual *pied-piping* preposicional se faz ausente até os 6;0 de idade. Assim como ocorre nas relativas livres, os elementos-wh em interrogativas não ligam um antecedente a uma variável, conforme os autores.

Essa proposta nos leva a questionar, todavia, a respeito da estrutura das relativas não-padrão do francês adulto. De acordo com Guasti e Cardinaletti (2003), assim como ocorre em outras línguas românicas, a estratégia com *pied-piping* é típica da variante formal e o francês adulto dispõe também de variantes não-padrão com resumptivo realizado e com categoria vazia (veremos dados mais abaixo). Sendo assim, como seria a estrutura das relativas não-padrão no francês adulto? Estas não apresentariam movimento-wh e palavra-wh em Spec-CP? Se assim for, como explicar que essa estrutura não seria decorrente de uma GU imatura somente para o adulto? Se não for esse o caso, por que a relativa não-padrão da criança não teria a mesma estrutura da relativa não-padrão do adulto?

Para o caso do PB, essa análise de Guasti e Shlonsky (1995) não é adequada porque, de acordo com *corpora* analisados por Corrêa (1998), que veremos mais adiante, a aquisição de relativas com *pied-piping* preposicional em PB só ocorre entre os escolarizados, em torno dos 17;0 de idade. Diante de dados como esses fica difícil sustentar uma hipótese que prevê que a aquisição de relativas com *pied-piping* depende de maturação da GU, pois seria o mesmo que dizer que os brasileiros até os 17;0 e os brasileiros não escolarizados, mesmo sendo adultos, apresentam uma GU imatura.

2.3 Hipótese de presença das relativas padrão e não-padrão na gramática infantil

A questão da presença/ausência de movimento na gramática infantil continua sendo discutida por Guasti (2002) e Guasti e Cadinaletti (2003). As autoras também sustentam a hipótese de que a estratégia de movimento está presente na gramática infantil, mas a hipótese nesse caso é de que se trata de movimento de operador relativo.

Com base em investigação experimental sobre a aquisição das estratégias de relativização em italiano e em francês, Guasti e Cardinaletti (2003) defendem a hipótese de que há duas variedades de relativas – padrão e não-padrão – distribuídas em duas gramáticas em várias línguas românicas; e essas duas variedades estão presentes tanto na gramática dos adultos quanto na gramática das crianças.

Nesse estudo, as relativas padrão são descritas como introduzidas tanto por complementizadores – caso das relativas de sujeito e objeto direto (cf. os exemplos (15) do italiano e (16) do francês) – como por pronomes relativos precedidos por uma preposição ou um artigo – caso das relativas preposicionais (cf. os exemplos (17) do italiano e (18) do francês). As relativas locativas podem também ser introduzidas apenas pelo pronome relativo *dove* (italiano) e *où* (francês) (cf. exemplos (19) do italiano e (20) do francês).[55]

---

[55] Guasti e Cardinaletti (2003) e também Guasti (2002) propõem que as relativas padrão em línguas românicas são derivadas de duas maneiras: pela estratégia de movimento do pronome relativo para SpecCP da encaixada, no caso das relativas preposicionais (cf. (ia)); e pela estratégia de movimento de um operador vazio para SpecCP da encaixada, no caso das relativas de sujeito e objeto direto (cf.(ib))

(i) a. [$_{DP}$ le [$_{NP}$ garçon [$_{CP}$ à qui$_i$ C [$_{IP}$ j'ai [$_{VP}$ donné le livre t$_i$]]]]]
the boy to whom I have given the book

(adaptado GUASTI e CARDINALETTI, 2003, p. 48)

b. [$_{DP}$ *la* [$_{NP}$ *fille* [$_{CP}$ OP$_i$ *qui* [$_{IP}$ t$_i$ [$_{VP}$ *est partie*]]]]]
the girl that is left

(GUASTI e CARDINALETTI, 2003, p. 55)

(15) a. Il ragazzo che ha vinto il premio
the boy that has won the prize
[o *garoto que ganhou o prêmio*]

b. Il ragazzo che Maria ha invitato
the boy that Maria has invited
[*o garoto que Maria convidou*]

(16) a. La fille qui est partie
the girl that is left
[*a garota que partiu*]

b. La fille que j'ai vu
the girl that I have seen
[*a garota que eu vi*]

(17) a. Il ragazzo a cui/al quale ho dato il libro.
the boy to whom/to-the whom (I) have given the book
[*o garoto para quem/ao qual (eu) dei o livro*]

b. Il ragazzo il cui fratello è partito
the boy the whose brother is left
[*o garoto cujo irmão partiu*]

(18) a. Le garçon à qui j'ai donné le livre.
the boy to whom (I) have given the book
[*o garoto a quem (eu) dei o livro*]

b. La fille dont les parents sont séparés
the girl whose the parents are divorced
[*a garota cujos pais estão divorciados*]

c. La jeune fille avec le fiancé de laquelle je me suis
the young girl with the friend of the-whom I
[*a jovem garota com o noivo daqual eu*
disputé
quarreled
briguei]

(19) La casa dove/nella quale abito
the house where/in-the which (I) live
[*a casa onde/na qual (eu) moro*]

(20) La maison où/dans laquelle j'habite
the house where/ in the-which I live
[*a casa onde/na qual eu moro*]

(GUASTI e CARDINALETTI, 2003, p.47-51)

As relativas não-padrão são, segundo as autoras, invariavelmente introduzidas em italiano e em francês pelos complementizadores *che* e *que* respectivamente e podem conter um resumptivo na posição relativizada (cf. exemplos do italiano em (21) e do francês em (22).[56]

(21) a. Il ragazzo che gli ho dato il libro
the boy that (I) to-him have given the book
[*o garoto que (eu) pra ele dei o livro*]

b. È il coltello che ho tagliato la torta.

[56] Segundo Guasti e Cardinaletti (2003), as relativas resumptivas, nessas línguas, não envolvem movimento-wh, mas um operador vazio (OP) gerado em SpecPC, que é A'-ligado ao pronome resumptivo em LF, apresentando a estrutura em (i).

(i) *sono* [DP un [NP *tipo* [CP OP *che* [IP *gli piaca rischiare*]]]]
(I) am a fellow that to-him 'pleases' [to]risk
[*sou um tipo que por-ele 'vale' arriscar*]

(GUASTI e CARDINALETTI, 2003, p. 55)

(it) is the knife that (I) have cut the cake
[*É a faca que (eu) cortei o bolo*]

c. È una libreria che ci vado
(it) is a bookstore that (I)there go
[*É uma livraria que (eu) lá vou*]

d. C'è uno che lo chiamono Cuba.
there is one that (they) him call Cuba
[*Existe um que (eles) o chamam Cuba*]

(22) a. Le garcon que je lui ai donné le livre.
the boy that (I) to-him have given the book
[*O garoto que (eu) a ele dei o livro*]

b. L'homme que je parle
the man that I speak
[*O homem que eu falo*]

c. Voici le courrier qu'il est arrivé ce soir
here-is the mail that it is arrived tonight
[*Aqui está a correspondência que ela chegou hoje à noite.*]

d. L'homme que je le regarde
the man that I him look-at
[*o homem que eu o olho*]

e. La femme que son mari est mort hier
the woman that her husband died yesterday
[*A mulher que seu marido morreu ontem.*]

(GUASTI e CARDINALETTI, 2003, p.47-52)

Sobre as relativas não-padrão, as autoras mostram que essas relativas podem conter um pronome resumptivo, mas não obrigatoriamente. As relativas de objeto indireto geralmente apresentam o resumptivo (cf. (21a) e (22a)), mas este não é obrigatório em algumas relativas preposicionais (cf. (21b) e (22b)) e em locativas (cf. (21c)). As relativas de sujeito não podem conter um resumptivo em italiano, mas em francês sim (cf. (22c)), embora o uso preferencial seja o da forma padrão. Quanto às relativas de objeto direto, essas podem conter o pronome resumptivo nessas línguas (cf. (21d)). As autoras apresentam também exemplo de resumptivo em relativas de genitivo (cf. (22d)).

Esse estudo procura mostrar que, enquanto as relativas padrão são empregadas na escrita e em conversação formal, as relativas não-padrão estão amplamente presentes na língua coloquial – as relativas resumptivas de objeto direto, em italiano, apresentaram uma freqüência de 30% e as de objeto indireto e genitivo, uma freqüência de 79% em *corpus* estudado por Berruto (1980) citado pela autoras.[57] As autoras investigaram os reflexos na aquisição desse contexto de uso das relativas por meio de um experimento realizado com 30 crianças adquirindo o italiano, na fixa etária dos 5;1 aos 10;0 e 18 crianças adquirindo o francês, na faixa etária dos 4;5 aos 7;3. Como resultado, as autoras observaram que as relativas com *pied-piping* estiveram ausentes em todos os grupos entrevistados até os 10 anos de idade (que correspondem a quatro anos de escolaridade).[58]

---

[57] BERRUTO, G. **La Variabilità Sociale della Lingua**. Torino: Loescher; 1980. 233 p.

O estudo não apresenta dados sobre freqüência das relativas não-padrão em francês.

[58] O experimento utilizado pelas autoras segue os seguintes passos. Durante o teste, um experimentador utiliza brinquedos como suporte para representar histórias, enquanto um segundo experimentador faz o papel de uma boneca, de nome Carolina, que tem os olhos vendados. Ao término da história, o primeiro experimentador aponta um de dois brinquedos idênticos e convida a criança a instruir a boneca para apanhar o brinquedo. Em cada história, os brinquedos idênticos se distinguem do outro pela forma como são

Guasti e Cardinaletti (2003) (e também GUASTI, 2002) rejeitam como explicação para o resultado acima hipóteses que prevêem dificuldade da criança com a estratégia de movimento-wh, como a análise de Labelle (1990, 1996), ou que atribuem o problema a questões de custo derivacional, como a hipótese de McDaniel *et al* (1998) (apresentada em seção adiante). De acordo com as autoras, a aquisição da estratégia padrão se dá com as relativas de sujeito e objeto direto. O problema das crianças com essa estratégia está relacionado apenas à aquisição das relativas com *pied-piping* e esse problema diz respeito à ausência, na fala coloquial dos adultos, do material lexical envolvido na aquisição dessas relativas. Em outras palavras, a produção das crianças difere da dos adultos apenas em relação à falta de conhecimento de um conjunto de pronomes relativos utilizados em relativas com *pied-piping*, os quais são geralmente evitados em linguagem coloquial, sendo aprendidos durante o período escolar. Assim, para as autoras, a aquisição desse material lexical e, conseqüentemente, a aquisição da relativa com *pied-piping* se dão por meio de um processo similar ao processo de aquisição de segunda língua. Isto justificaria o tempo que as crianças levam para adquirir esse tipo de relativa e os enganos no emprego de pronomes relativos.

Segundo as autoras, o emprego de *qui* nas relativas de sujeito é uma característica da sintaxe do francês que evidencia o fato de que a estratégia de movimento-wh está presente na gramática infantil. Como explicam elas, em francês, o pronome resumptivo nunca está presente quando *qui* é usado, mas apenas com o emprego de *que*. Esse fenômeno se verifica tanto nos dados da fala dos adultos quanto nos dados infantis. Ou seja, tanto adultos quanto crianças falantes do francês produzem relativas

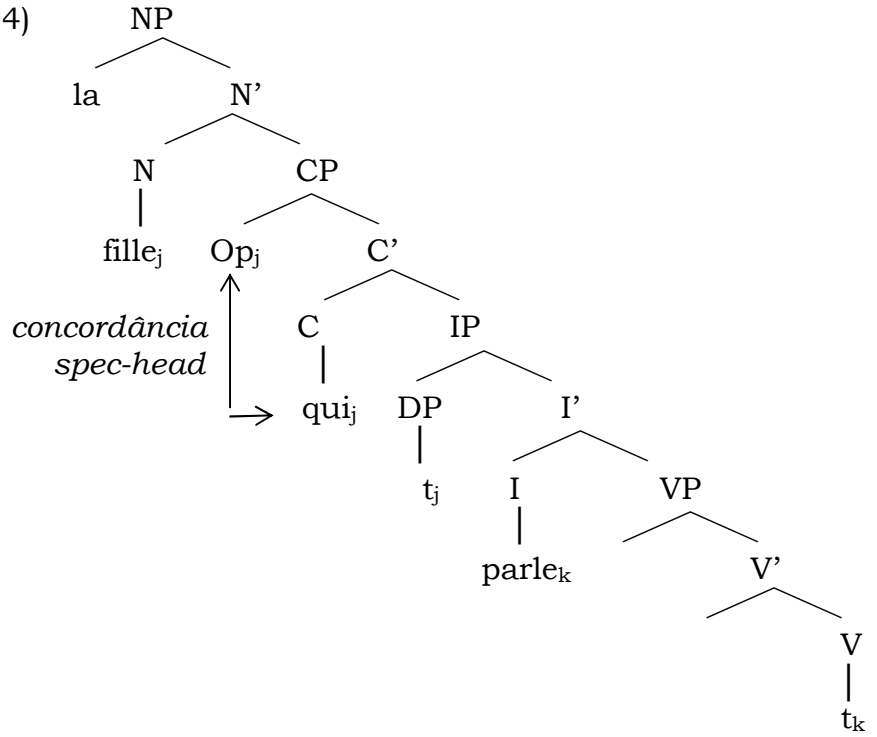
carregados. O modo mais eficiente para identificar o brinquedo é por meio de uma cláusula relativa. Depois de a criança ter descrito a característica ou brinquedo a ser escolhido, o segundo experimentador retira a venda dos olhos e pega o brinquedo com a característica indicada pela criança.

de sujeito como em (23).

(23) la fille qui parle
the girl that speaks (GUASTI, 2002, p. 236)
[*a garota que fala*] (com *qui* = quem)

Guasti (2002) assume que *qui* é uma manifestação morfológica de um processo de concordância *spec-head* em CP. Essa manifestação aberta de concordância se dá porque um operador-wh nulo se move da posição de sujeito na relativa para o SpecCP, como a representação em (24).

(24)



(GUASTI, 2002, p. 237)

Em sentenças como a exemplificada em (25), que é inaceitável, a presença de *que* indica, conforme explica Guasti (2002), que o operador nulo não se moveu para CP e, conseqüentemente, não houve a concordância em CP.

(25) * la fille que t parle
the girl that speaks (GUASTI, 2002, p. 237)

Guasti (2002) argumenta que, se a relativa fosse derivada na gramática infantil, como proposto por Labelle (1996), não por movimento-wh, mas com a geração de um operador nulo em SpecCP e um resumptivo nulo (pro) na posição de alvo da relativização, exemplos como (25) seriam aceitáveis e teriam a estrutura em (26).

(26) * [$_{NP}$ la fille [OP$_j$ que [pro$_j$ parle]]]]
(GUASTI, 2002, p. 237)

Entretanto, não existem exemplos como (25) no francês infantil. Então, como a presença de *qui* em relativas de sujeito significa relativização por movimento-wh, a realização de relativas de sujeito com *qui* pelas crianças adquirindo o francês é, para Guasti (2002) e Guasti e Cardinaletti (2003), evidência de que está presente na gramática infantil a relativização com movimento-wh.

Assim, para essas autoras, claramente as crianças distinguem os dois grupos de relativas, ou seja, a presença de *qui* na produção infantil implica a relativização por movimento de um operador-wh, enquanto que a presença de *que* implica a estratégia do operador vazio gerado em SpecCP, da mesma forma que ocorre com o adulto.

Portanto, a explicação dessas autoras para o fato de a produção de relativas das crianças diferir da dos adultos se baseia na idéia de que as gramáticas infantil e de adultos não se diferenciam em termos de competência derivacional. A análise das autoras trata o problema da aquisição tardia da relativa com *pied-piping* em termos de aprendibilidade (*learnability*), ou aquisição lexical.

3 As relativas com estrutura de LD como base da relativização em PB oral

3.1 Hipótese de aquisição das relativas em PB oral somente como estratégia não-padrão

Perroni (2001) investigou dados de aquisição de fala de duas crianças brasileiras dos 2;0 aos 5;0 de idade − uma menina, N., que se mostrou bastante precoce e tagarela desde o início; e um menino, T., que se mostrou mais calado. Nesse estudo, além de descrever as primeiras relativas encontradas nos *corpora* estudados e consideradas como correspondentes à etapa inicial de aquisição dessas estruturas, a autora procura explicar um fenômeno que ela caracteriza como "relativas que são fáceis e relativas que são difíceis de adquirir em PB".

De acordo com a descrição de Perroni (2001), as primeiras sentenças complexas observadas nos *corpora* analisados foram as estruturas coordenadas (logo após os 2;0 de idade), seguidas das clivadas concomitantemente com as completivas com *que* (aos 2;6 de idade). A autora registra manifestação das relativas posteriormente a essas estruturas aos 3;0, no caso de N., e somente aos 4;0, no caso de T.

A ocorrência de relativas resumptivas nesses *corpora* foi incrivelmente baixa, segundo a própria autora. Ela não informa o índice em termos percentuais, mas informa que foram apenas duas ocorrências. Considerando que a coleta desses *corpora* corresponde a um período de três anos (dos 2;0 aos 5;0 de idade) dá para avaliar a raridade dessa estrutura nesses dados. As sentenças em (27a) e (27b) são as únicas relativas com resumptivo foneticamente realizado que a autora encontrou nos dados. As duas foram produzidas pela mesma criança.

(27) a. Eu vou no seu colo, porque lá tem aquela cobrinha que as muler dança nela (N., 3;1)

b. Você queria a bolsinha que eu tava junto com *ela*? (N. 3;11)

(PERRONI, 2001, p. 69)

Perroni (2001) observa que a expectativa de Tarallo (1983) de que as primeiras formas de relativização a emergir na gramática infantil conteriam pronomes resumptivos não é confirmada nesses *corpora.* A autora procura explicar a baixa produtividade e a aquisição tardia das relativas com resumptivo realizado considerando que, talvez, o pronome resumptivo seja mais esperável nas posições de objeto indireto, objeto oblíquo e genitivo, uma vez que a presença do pronome resumptivo se justifica para mitigar esforço de processamento. Sendo assim, o resumptivo seria, para a autora, pouco previsto nas posições de sujeito e objeto direto.[59]

Perroni (2001, p.77) considera que "os dados de produção espontânea falam a favor da facilidade da estratégia de relativização vernacular (não-padrão) no PB falado [...], estratégia esta encontrada nos dados espontâneos de crianças ao redor dos três anos de idade". Para explicar essa hipótese, a autora tenta correlacionar a estrutura das relativas não-padrão à estrutura das sentenças clivadas. Perroni (2001) viabiliza essa correlação assumindo que a estrutura de LD é a base sentencial das estratégias não-padrão em PB, conforme a proposta de Kato (1993).

A autora estende às relativas de sujeito e objeto direto a proposta de Kato (1993) para as relativas cortadoras. Ela levanta inicialmente as duas possibilidades de análise para uma relativa de sujeito – a não-padrão

[59] Essa previsão não está de acordo com o fato de que o PB preenche cada vez mais o sujeito, fato já constatado por algumas pesquisas (ver GALVES, 1989, p. 52).

em (28a) e a padrão em (28b).

(28) a. ... a pedrinha [$_{CP}$ que$_i$ [$_{Top}$ (t)$_i$ [$_{IP}$ pro$_i$ tá'qui]]]

b. ... a pedrinha [$_{CP}$ que$_i$ [$_{IP}$ (t)$_i$ tá'qui]]

(PERRONI, 2001, p.65)

De acordo com Perroni (2001), a estrutura de topicalização em (28a) aproxima as relativas das demais construções das crianças produzidas na mesma época, como as clivadas. Assim, considerando que a aquisição das relativas pode ser vista como uma simples extensão da sentença raiz (ver Kato, 1993), Perroni (2001) analisa a possibilidade de, nos dados infantis, a relativização envolver a posição de LD. Assim, para a autora, haveria um paralelo entre sentenças de LD, como (29a), e relativas como (29b).

(29) a. A pedrinha$_i$, ela$_i$ tá'qui.

b. A pedrinha [$_{CP}$ que [t$_i$ [$_{IP}$ pro$_i$ tá'qui]]] [60]

(PERRONI, 2001, p. 66)

Perroni (2001) chega à conclusão de que a estrutura que melhor pode refletir as construções das crianças sujeitos de sua pesquisa é a estrutura não-padrão em (29b). Essa análise seria condizente, segundo ela, com o fato de a estratégia não-padrão (nesse caso a cortadora, nos termos de TARALLO, 1983) ser dominante no PB falado do adulto, que é o *input* da criança. Com isso a autora assume que as relativas de sujeito e de objeto direto adquiridas na infância têm como estrutura subjacente a construção de LD. Ou seja, uma vez que a facilidade na aquisição é da estratégia não-padrão, as relativas de sujeito e de objeto direto, produzidas

[60] Entretanto, como vimos no capítulo II, estudos como o de Ferreira (2000) apontam a não existência de resumptivo nulo em posição de sujeito em PB.

na etapa inicial da aquisição (quase 100% das relativas produzidas por N. e T.) incluem-se nessa estratégia, conforme a autora.

Com relação ao processo de aquisição propriamente dito, a análise de Perroni (2001) consiste em considerar que sentenças relativas e sentenças clivadas têm pontos em comum que as aproximam no processo de aquisição. Um desses pontos em comum seria, segundo a autora, o fato de as relativas restritivas contribuírem com informação nova, assim como as clivadas que são casos de focalização.

Para justificar sintaticamente essa hipótese, Perroni (2001) parte da proposta de Rizzi (1997) de constituição da periferia esquerda da sentença. Esse autor, trabalhando com dados de diversas línguas, especialmente do italiano, integra as posições de Foco e Tópico num sistema conhecido como *Força e Finitude*.

Segundo Rizzi (1997), uma vez que as posições FocP ou TopP são ativadas, estas estão inevitavelmente entre *Força e Finitude*, que seriam para o autor os dois extremos do sistema C (cf.(30)).

(30)... Force ... (Topic) ... (Focus) ... FinIP ... (RIZZI, 1997, p.7)

As projeções ForceP e FinP expressam, de acordo com essa proposta, relações entre o sistema C e os sistemas mais altos – como a sentença mais alta ou a articulação com o discurso – e entre o sistema C o sistema mais baixo – o conteúdo da projeção IP.

Para Perroni (2001), se se assume tal hipótese como válida, FocP seria então uma posição logo acima de IP bastante acessível para a criança, que obviamente já está presente na gramática infantil. Assim, segundo a autora, a ativação de construções de focalização, como as clivadas, faz parte de um fenômeno mais amplo: a ativação também de outras construções como topicalização, uma vez que ambas fariam parte do mesmo sistema – o *Força e Finitude*.

Considerando, então, que a base sentencial das relativas não-padrão em PB é a estrutura de LD (tratada acima como topicalização), conforme a proposta de Kato (1993), Perroni (2001) entende que o mesmo esquema configuracional, o *Força e Finitude*, está presente na aquisição de clivadas e também de relativas não-padrão. Assim, a facilidade de surgimento das relativas não-padrão, primeiras a aparecer na gramática infantil, segundo sua análise, pode ser explicada pela semelhança estrutural dessas relativas com as sentenças clivadas, que as precedem temporalmente. Uma e outra se originam, de acordo com essa idéia, de estruturas com constituintes deslocados à esquerda, já presentes na gramática das crianças. [61]

As relativas que são "fáceis" de adquirir em PB – as não-padrão – se contrapõem, na análise de Perroni (2001), às relativas que são "difíceis" de adquirir – a estratégia padrão, adquirida com a interferência do ensino formal, de acordo com o estudo de Corrêa (1998).

Um ponto a ser questionado nessa análise é que o fato de as clivadas antecederem ou serem adquiridas ao mesmo tempo que as relativas não implica necessariamente que as relativas adquiridas sejam do tipo não-padrão. Antes de ativar as construções da periferia esquerda da sentença, a criança ativou a construção sujeito-predicado. Isto dá base para ela adquirir a estratégia padrão assim como a ativação da construção de tópico-comentário dá base para ela adquirir a estratégia não-padrão (assumindo a proposta de KATO, 1993, ou KATO e NUNES, 2007).

[61] Perroni (2001) informa que já aos 2;5 de idade as primeiras construções de topicalização/focalização começam a surgir.

3.2 Hipótese de passagem da estratégia com estrutura de LD para a estratégia de movimento-wh na aquisição do PB escrito

O estudo de Corrêa (1998) traz interessantes descobertas empíricas a respeito da aquisição das relativas com *pied-piping* em PB. Nos *corpora* do PB constituídos de dados de fala de informantes escolarizados e não-escolarizados e dados de escrita de escolarizados investigados por essa autora, o surgimento desse tipo de relativa ocorreu somente entre os escolarizados e muito tardiamente, no final do ensino médio.

Nos *corpora* investigados, a autora observou que: a) alguns setores da população não apresentaram variação nas relativas-PP, o uso foi sempre sem preposição; b) para a grande maioria dos informantes não-escolarizados e alunos do ensino fundamental a relativa com *pied-piping* não existia ainda, não houve entre eles um único erro de desempenho, isto é, as relativas-PP não-padrão foram produzidas sem hesitação, sem autocorreção; c) para obter relativas preposicionadas entre os alunos do ensino médio, foi preciso fazê-los usá-las conscientemente, mas, na série final, a maioria dos alunos escreveu sua redação produzindo relativas preposicionadas de acordo com a prescrição gramatical; e d) o uso de relativas com preposição não foi categórico entre os falantes de nível universitário, correspondendo ao percentual de 35% desses falantes.

Analisando esses dados, Corrêa (1998) conclui que houve um significativo aprendizado da estratégia de relativização padrão nas turmas de 3ª série do ensino médio pesquisadas, que corresponde a uma probabilidade de 0,87 de chance de os alunos dessas turmas usarem a relativa padrão, enquanto para as séries iniciais essa probabilidade é de apenas 0,42. Entretanto, além dessa aprendizagem ter consumido, segundo a autora, no mínimo 11 anos de estudo do português, ainda assim, o uso de relativas padrão entre esses falantes não é categórico.

Assim, segundo a autora, os falantes do PB se dividem em dois grupos: a) os que utilizam apenas a estratégia não-padrão − crianças e não-escolarizados −; e b) os que dominam as duas estratégias − falantes com nível de escolarização mais elevado (com o ensino médio completo, no mínimo).

Para explicar o fenômeno de aquisição tardia da relativa *pied-piping*, Corrêa (1998) também lança mão da proposta de Kato (1993) para a estrutura das relativas não-padrão em PB e explica que a grande dificuldade que os alunos encontram para aprender a produzir uma relativa com *pied-piping* se deve à diferença entre os dois tipos de estratégia de relativização, não-padrão e padrão. Assim, segundo a hipótese de Corrêa (1998), para relativizar com base nos moldes propostos pela gramática pedagógica, o falante precisa passar da estratégia não-padrão, como em (31), para a estratégia padrão, como em (32):

(31) não-padrão:

... pessoas [$_{CP}$ que$_i$ [$_{Top}$ **(t)**$_i$ [$_{IP}$ a gente tem mais intimidade (Ø)/**com elas**$_i$]]]

(vestígio) (resumptivo)

(32) padrão:

... pessoas [$_{CP}$ com quem$_i$ [$_{IP}$ a gente tem mais intimidade **(t)**$_i$]]

(vestígio)

(CORRÊA, 1998, p.154)

De acordo com essa autora, a diferença de estratégia de relativização entre (31) e (32) pode oferecer bastante dificuldade para quem não usa (32) como uma estrutura da língua aprendida na infância. Isto porque a diferença entre as duas estratégias está na posição sintática que o termo a ser relativizado ocupa, dentro ou fora do IP.

Corrêa (1998) não deixa claro qual é a sua posição a respeito da estratégia que ela está assumindo para as relativas de sujeito e objeto

direto do PB oral[62]. Por um lado, sua hipótese sugere que a estratégia

---

[62] Discutindo o tipo de estratégia das relativas de sujeito em PB oral, Corrêa (1998) argumenta que não é lícito dizer que, na relativa de sujeito, a variável está sempre na posição argumental em IP (cf. (ia)), pois a variável pode estar na posição de deslocamento à esquerda (cf. (ib)). Com base em Kato (1981)*, a autora explica que, se a posição relativizada está distante de sua cabeça, como no exemplo em (ia), a estrutura de LD cria condições para um movimento mais curto, como em (ib).

(i) a. O menino que [$_{IP}$ a Maria pensa que [$_{IP}$ *t* esteve aqui]]

b. O menino que [$_{Top}$ *t* [$_{IP}$ a Maria pensa que [$_{IP}$ ele/Ø esteve aqui]]
(CORRÊA, 1998, p.145)

Para explicar a baixa freqüência de sujeitos lexicais (resumptivos) em relativas de sujeito, dentro da possibilidade de essa relativa ser não-padrão, a autora lança mão da condição de anti-subjacência (cf. CONTRERAS, 1990)** – quanto mais distante o resumptivo estiver de seu co-referente melhor. Com base nessa condição, a autora explica que parece haver uma restrição, no PB, ao pronome resumptivo realizado em posição muito próxima ao pronome relativo (cf. (ii) abaixo). Isto diminuiria as possibilidades de resumptivos nulos serem encontrados em posição de sujeito.

(ii) a. ? O menino [que ele esteve aqui]
b. O menino [que você disse [que ele esteve aqui] (CORRÊA, 1998, p.146)

Adiante, a autora diz que a relativização padrão para o sujeito também é defensável dentro do quadro teórico de seu trabalho e argumenta que: como a posição de sujeito é a mais próxima possível da posição do relativo e não envolve preposição, o movimento (curto) de relativização se daria sem problemas a partir de IP. Com relação às relativas de objeto direto, a autora mostra novamente que tanto a análise de serem essas relativas não-padrão quanto a de serem padrão é compatível com os dados que ela analisa, nos quais não houve nenhuma ocorrência de resumptivo em posição de objeto direto. A autora demonstra, com base em estudos de Duarte (1986)***, Cyrino (1994)**** e Kato (1994)*****, que o clítico em posição de objeto direto pode ser nulo em PB (cf. (iii) abaixo). Explica ela que, "se uma frase como (iii) servir de base para a relativização do objeto, relativiza-se o elemento em LD e fica na relativa um resumptivo que é um clítico nulo e que exerce o papel de núcleo da categoria funcional AGRO (Object Agreement)" (CORRÊA, 1998, p. 150). Mas, "se a frase que servir de base para a relativização contiver um clítico lexical como o OD padrão (cf. (iv)), a estratégia será a padrão: relativiza-se o clítico, que vai para Comp e deixa em seu lugar uma variável, isto é, um lugar que não pode mais ser preenchido." (*Ibidem,* p. 150). Para a autora, as duas análises explicam os dados porque, qualquer que seja a estratégia, a posição do objeto direto tende a ficar vazia na relativa.

(iii) (Ø (o bolo$_i$)), o Pedro Ø$_i$-comeu.
(Ex. de KATO, 1994, p. 133, *apud* CORRÊA, 1998, p. 150)

(iv) Eu o vi. (CORRÊA, 1998, p. 150)

* KATO, M. A. Orações relativas: variação universal e variação individual no português. **Estudos Linguïsticos**, São Paulo, v. V, 1981, p. 1-16.

** CONTRERAS, H. On resumptive pronouns. In CAMPOS, H.; MARTINEZ-GIL, F. (orgs), **Current Studies in Spanish Linguistics**. Washington: Georgetown University Press; 1990. 635p.

dessas relativas em PB oral é a não-padrão. Se a dificuldade em adquirir as relativas com *pied-piping* reside no fato de o falante ter que passar da estratégia não-padrão à estratégia padrão, isto deveria significar que o falante não sabe relativizar fazendo extração de dentro de IP.

Entretanto, a autora assume que a relativização padrão para o sujeito também é defensável dentro do quadro teórico de seu trabalho (ver nota 62). Sendo assim, outra possibilidade de análise da hipótese em questão é considerar que o falante conhece a estratégia padrão apenas para as relativas de sujeito e objeto direto e que, somente no caso das relativas com *pied-piping*, ela tem que aprender a estratégia padrão na escola. Neste caso, a dificuldade não residiria exatamente em o falante ter que passar de uma estratégia à outra, mas na aquisição da própria operação de *pied-piping* preposicional, apontada em estudos de outras línguas como preterida em relação a alternativas mais econômicas (conforme discussão na subseção 2).

4 Hipótese de estágios na aquisição da periferia esquerda da sentença

A aquisição das relativas em PB é descrita por Grolla (2000) conjuntamente com a aquisição de outros três fenômenos tratados pela autora como constitutivos da periferia esquerda da sentença. Tais

*** DUARTE, M. E. L. **Variação e Sintaxe: Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil**. 1986. [s.f.]. Dissertação (Mestre) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1986.

**** CYRINO S. M. L. O objeto nulo no português do Brasil. 1994. [s.p.]. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

***** KATO, M. A. A Theory of Null Objects and Development of a Brazilian Child Grammar. In TRACY, R.; E. LATTEY (eds). **How Tolerant is Universal Grammar?** Tübingen: Editora Niemayer; 1994. p. 125-153.

fenômenos são: construções de tópico-comentário (incluem-se aqui as construções de LD), orações clivadas, interrogativas-wh e orações relativas.

A autora investiga um *corpus* que se constitui de amostras de fala, coletadas dos 2;0 ao 4;0 de idade, de uma criança adquirindo o PB (N.).[63] Os dados investigados mostram principalmente que: a) aos 2;6 de idade a criança em estudo já tinha ativado todas as projeções que constituem a periferia esquerda da sentença [64]; b) a aquisição da periferia esquerda começou para essa criança pelas interrogativas-wh; c) a oração relativa foi a derradeira dessas quatro construções registradas nas amostras investigadas (o primeiro registro nos dados de N. foi uma relativa de sujeito, aos 2;10); e d) aos 3;0 de idade, a criança pesquisada usa amplamente as projeções da periferia esquerda da sentença, incluindo casos em que mais de um fenômeno ocorre simultaneamente – como a combinação de tópico com sentença clivada em *a boneca, foi o papai que comprou na loja* (N., 2;8, *apud* GROLLA, 2000, p.54). Estes fatos são considerados pela autora como fortes indícios de que as categorias funcionais da periferia esquerda estão operantes na gramática da criança desde muito cedo, talvez até mesmo antes dos 2;0 de idade.

O fenômeno de aquisição do pronome resumptivo foneticamente realizado é descrito nesse cenário de aquisição como tardio e raro de modo geral. No *corpus* investigado por Grolla (2000; 2005a), o primeiro caso de resumptivo fonético foi registrado aos 2;11 (cf. (33)). Em relativas, a autora detectou a presença de resumptivo fonético aos 3;1 (cf. (28a) repetido como (34))

---

[63] Uma das duas crianças investigadas no estudo de Perroni (2001).

[64] Procurando definir seu objeto de estudo, Grolla (2000) comenta que a periferia esquerda da sentença inclui "os fenômenos tradicionalmente relacionados à projeção CP, mas que podem ser também analisados como pertencentes a um sistema mais complexo, como proposto por Rizzi (1995)*, que divide tal projeção em várias outras, como ForçaP [...], FocP [...], TopP [...] e finalmente FinP[...]." (GROLLA, 2000, p.1)

* RIZZI, L. **The fine structure of the left periphery.** Univesidade de Genebra, 1995. (ms)

(33) Só carrão grandão que vira a roda dele. (N., 2;11, *apud* GROLLA, 2000, p. 54)

(34) Eu vou no seu colo, porque lá tem aquela cobrinha que as muler dança nela (N., 3;1, apud GROLLA, 2000, p. 55)

A autora procura explicar o fato de os pronomes resumptivos realizados foneticamente serem raros e de aquisição tardia, lançando mão da hipótese de universalidade do estatuto de "último recurso" do pronome resumptivo, com base em Shlonsky (1992)[65]. Para defender essa hipótese, a autora procura mostrar que o pronome resumptivo realizado salva a derivação quando movimento não é possível: a) evitando preposições órfãs (cf. (35)); e b) em contexto de extração de ilha (cf. (36) e (37)).

(35) a. a menina$_i$ que eu falei com *ela*$_i$ ontem
b. *a menina$_i$ que eu falei com ___$_i$ ontem

(GROLLA, 2000, p.65)

(36) a. esse menino$_i$, a Maria não conhece a cidade que *ele*$_i$ visitou
b. *esse menino$_i$, a Maria não conhece a cidade que __$_i$ visitou

(GROLLA, 2000, p. 68)

(37) a. esse livro$_i$, eu conheço uma menina que já leu *ele*$_i$ dez vezes
b. esse livro$_i$, eu conheço uma menina que já leu *t$_i$ dez vezes

(adaptado de GROLLA, 2000, p.67)

[65] SHLONSKY, U. Resumptive pronouns as a last resort. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v. 23, n.3, 1992, p. 443-468.

Para o caso dos exemplos em (35), Grolla (2000) argumenta que, como a estratégia com *prepositional-stranding* não é permitida em PB, os pronomes resumptivos são usados nesse caso para salvar construções que seriam agramaticais sem eles. A autora observa que haveria, entretanto, outra forma de tornar essas construções gramaticais: "seria deixar uma lacuna que corresponderia a todo o sintagma preposicional" (*Ibidem*, p. 65) (cf. (38)).

(38) a menina$_i$ que eu falei ___$_i$ ontem

(GROLLA, 2000, p.65)

A categoria vazia em (38) é tratada pela autora como *pro*$_{especial}$ (pronome nulo especial) pelo fato de ocupar a posição de um PP (dispensando a preposição). Nesse caso, a falta de *pied-piping* da preposição deixa claro que não se trata de um vestígio de movimento, o que é amplamente aceito na literatura especializada. Grolla (2000, 2005a) argumenta que, quaisquer que sejam as propriedades dessa categoria vazia, ela não alterna com o pronome resumptivo, e sugere a comparação de (39a) com (39b).

(39) a. esse livro$_i$, o João conversou com uma menina que disse que gostou___$_i$

b. *esse livro$_i$, o João conversou com uma menina que disse que gostou *ele*$_i$

(GROLLA, 2000, p.66)

Com relação aos casos de categorias vazias em posição de objeto direto, Grolla (2000) comenta que, "num primeiro momento, (40a) e (40b) estão indicando que lacunas *(categorias vazias)* e pronomes resumptivos parecem variar livremente na posição de objeto direto" (*Ibidem,* p. 67). Todavia, argumentando a favor da idéia de que não há, em PB, esse tipo de

alternância, Grolla (2000) considera que "é possível suspeitar que esta lacuna presente nesses casos *(o exemplo em (40b))* não corresponde a um vestígio deixado por movimento" (*Ibidem*, p. 67). Assim, apoiando-se no fato de ocorrerem categorias vazias em posição de objeto direto dentro de ilhas em PB (cf. (37)), a autora assume que tratará "estas lacunas em posição de objeto direto como correspondendo a pronomes resumptivos nulos, ou seja, a um *pro*" (*Ibidem*, p. 67). Então, o contraste entre (40a) e (40b) não é, conforme a autora, "na realidade uma variação entre movimento/inserção de pronome resumptivo, mas, ao invés disso, uma variação entre pronome resumptivo nulo/pronome resumptivo lexical" (*Ibidem*, p. 67).

(40) a. a menina$_i$ que eu vi ela$_i$ ontem na festa
b. a menina$_i$ que eu vi ___$_i$ ontem na festa

(GROLLA, 2000, p.66)

Por fim, com relação às relativas de sujeito, a autora observa que exemplos como (41) "criam problema para esta hipótese *(do resumptivo como último recurso em PB)*, uma vez que parece estar ocorrendo uma livre alternância entre movimento/inserção de pronome resumptivo" (GROLLA, 2000, p. 68). Para justificar que (41) não representa um contra-exemplo à sua hipótese, Grolla (2000, 2005a) explica que sentenças como (41a) e (41b) não são comparáveis quanto à alternância *movimento/resumptivo* porque elas possuem estruturas subjacentes diferentes, independentemente da similaridade superficial entre elas. Então, seguindo Kato (1993), a autora assume que a estrutura subjacente à sentença em (41b) é a estrutura de LD (cf. (42b)), enquanto que a estrutura subjacente à sentença em (41a) é uma estrutura de alçamento a partir de IP (cf. (42a)). Portanto, não se teria como comparar essas sentenças.

(41) a. a Maria assistiu o filme$_i$ que a crítica disse que __$_i$ é muito violento

b. a Maria assistiu o filme$_i$ que a crítica disse que *ele*$_i$ é muito violento

(GROLLA, 2000, p. 68)

(42) a. [$_{NP}$ [$_{NP}$ o filme$_i$][$_{CP}$ que$_i$ [$_{TP}$ a crítica disse que t$_i$ é muito violento]]]

b. [$_{NP}$ [$_{NP}$ o filme$_i$][$_{CP}$ que$_i$ [$_{TP}$ [$_{LD}$ t$_i$] [$_{TP}$ a crítica disse que *ele*$_i$ é muito violento]]]]

(adaptado de GROLLA, 2000, p. 68)

Podemos verificar, todavia, que essa análise feita para as relativas de sujeito pode ser considerada para os demais tipos de relativas. Sabemos que temos em exemplos como (40b) um contexto que aponta para duas possibilidades — se é possível que a categoria vazia, nessa sentença, seja um *pro* também é possível que seja um vestígio de movimento. Assim, o que nos indica que (40) não é um contra-exemplo à hipótese de último recurso para o resumptivo em PB não é *a possibilidade de ocorrência de objeto nulo na posição de objeto direto*, mas o fato de termos, também nesse caso, *sentenças não comparáveis*. Ou seja, considerando a possibilidade de (40b) ser derivada pela estratégia de movimento e (40a) pela estratégia com base na construção de LD, as estruturas dessas relativas são (43b) e (43a), respectivamente. Portanto, como essas são estruturas não comparáveis, (40) não é um caso de alternância *pronome resumptivo/vestígio de movimento*.

(43) a. [$_{DP}$ a [$_{CP}$ [$_{DP}$ menina$_i$ [$_{DP}$ que t$_i$]]$_k$ [$_{CP}$ C [$_{LD}$ t$_k$ [$_{IP}$ eu vi ela$_k$/*pro*$_k$ ontem na festa]]]]]

b. [$_{DP}$ a [$_{CP}$ [$_{DP}$ menina$_i$ [$_{DP}$ que t$_i$]]$_k$ [$_{CP}$ C [$_{IP}$ eu vi t$_k$ ontem na festa]]]].

Com relação ao caso da categoria vazia em posições preposicionais, a comparação entre (39a) e (39b) não contribui para a defesa da hipótese em questão, pois, se o que se tem como categoria vazia em (39a) é um *pro* (especial) e não um vestígio de movimento, o contraste entre (39a) — ... *disse que gostou* ***pro$_{especial}$*** — e (39b) — *... *disse que gostou* ***ele*** — nada diz a respeito da inexistência de alternância entre *movimento/resumptivo*. No caso das relativas preposicionais, como em (38), também podemos argumentar que a estratégia de movimento, de um lado (cf. (44a)), e a estratégia de LD, do outro (cf. (44b)), são estruturas não comparáveis pelo motivo já mencionado.

(44) a. [$_{DP}$ a [$_{CP}$ [$_{PP}$ menina$_i$ [$_{PP}$ com [$_{DP}$ t$_i$ [$_{DP}$ quem t$_i$]]]]$_k$ [$_{CP}$ C [$_{IP}$ eu falei t$_k$ ontem]]]]]

b. [$_{DP}$ a [$_{CP}$ [$_{DP}$ menina$_i$ [$_{DP}$ que t$_i$]]$_k$ [$_{CP}$ C [$_{LD}$ t$_k$ [$_{IP}$ eu falei *pro*$_k$ ontem]]]]]

As sentenças repetidas em (45) (apresentadas no capítulo II) são um exemplo de relativas comparáveis com relação à alternância entre *movimento/resumptivo* que pode ser tomado como evidência a favor da hipótese em questão. Tanto (45a) quanto (45b) têm a construção de LD como estrutura subjacente. Nestas relativas, verificamos que o resumptivo realizado na posição de sujeito, em (45b), salva a derivação porque o alçamento do termo da posição de sujeito para a posição de tópico, de onde seria relativizado, não é possível, pois se trata de contexto de ilha (cf. (45a)).

(45) a. *essa é [$_{DP}$ a [$_{CP}$ **[$_{DP}$ aluna$_n$ [que t$_n$]]$_k$** [$_{CP}$ C [$_{Top}$ **t$_k$** [$_{IP}$ o professor elogiou [$_{DP}$ o [$_{CP}$ [$_{DP}$ artigo$_j$ [que t$_j$]]$_i$ [$_{CP}$ C [$_{LD}$ t$_i$ [$_{IP}$ **t$_k$** escreveu *pro*$_i$]]]]]]]]]

b. essa é [$_{DP}$ a [$_{CP}$ **[$_{DP}$ aluna$_n$ [que t$_n$]]$_k$** [$_{CP}$ C [$_{LD}$ **t$_k$** [$_{IP}$ o professor elogiou [$_{DP}$ o [$_{CP}$ [$_{DP}$ artigo$_j$ [que t$_j$]]$_i$ [$_{CP}$ C [$_{LD}$ t$_i$ [$_{IP}$ **ela$_k$** escreveu *pro*$_i$]]]]]]]]]

Voltando à análise de Grolla (2000, 2005a) para a aquisição, essa autora propõe que a criança passa por três estágios diferentes no processo de aquisição da periferia esquerda da sentença, considerando-se o uso do pronome resumptivo (cf. (46)). De acordo com essa hipótese, o pronome resumptivo só aparece na fala da criança no segundo estágio, porque durante o período inicial de análise do *input*, isto é, durante o primeiro estágio, a criança estaria verificando se sua língua permite ou não o uso de resumptivo.

(46) Ausência de pronomes resumptivos 〉 Pronome resumptivo em contextos 'inequívocos' de último recurso 〉 Pronomes resumptivos em contextos de alternância "aparente"

(GROLLA, 2005a, p. 178)

Nesse primeiro estágio, a criança estaria apta a produzir estruturas sempre com movimento, como o exemplo em (47). No segundo estágio, a criança realizaria estruturas como em (48), em que o pronome resumptivo aparece em posições a partir das quais movimento é ilícito, como complementos preposicionais e posições dentro de ilhas. E, somente no terceiro estágio, é que a criança estaria apta a produzir pronomes resumptivos nulos, como em (49a).

(47) Esse menino$_i$, eu vi t$_i$.

(48) Esse menino eu conversei com ele ontem.

(49) a. Esse menino, eu vi *pro* ontem.
b. Esse menino, eu vi ele ontem.

(GROLLA, 2005a, p. 176-177)

Conforme explicação da autora, quando a criança adquire *pro* (no terceiro estágio), as categorias vazias na posição de objeto direto correspondem a um pronome nulo e a estratégia de movimento não precisa mais ser empregada. Nesse estágio, estruturas como (49b) acima passam a ser também permitidas na gramática infantil, uma vez que elas não mais implicam uma alternância entre *movimento/inserção de resumptivo*. A aquisição do *pro$_{especial}$* é descrita pela autora como um fato que se inclui nessa terceira fase, o que mostraria que "a criança já tem conhecimento do estatuto do PB como uma 'língua de objeto nulo' " (Grolla, 2005a, p. 179).

A autora argumenta que a aquisição de pronomes resumptivos realizados depende apenas da identificação desses elementos no *input*, já a aquisição de resumptivos nulos depende de uma análise detalhada de algumas estruturas presentes no PB adulto, pois, em alguns casos, a categoria vazia presente em uma construção-A' corresponde a um vestígio de movimento e, em outros casos, essa categoria vazia corresponde a um resumptivo nulo. A autora prevê, então, que a aquisição de pronomes resumptivos realizados precede a aquisição de pronomes resumptivos nulos. Isto porque, segundo ela, para adquirir resumptivos nulos, a criança deve primeiramente fazer uma análise completa das referidas construções, o que provavelmente demora mais que a simples identificação, no *input*, de pronomes resumptivos realizados foneticamente.

Porém, a identificação do resumptivo nulo em relativas como *a menina$_i$ que eu falei* pro$_i$ *ontem* está explícita pela ausência do *pied-piping*

da preposição. Neste caso, que problema poderia ter a criança para identificar essa categoria vazia, se ela não se confunde com os outros tipos? Outro questionamento a ser feito é em relação à motivação para a criança deixar de realizar a estratégia de movimento na terceira fase, ou seja, por que razão a criança deixaria de realizar as relativas de objeto direto como estratégia padrão, passando a realizá-las com não-padrão com resumptivo nulo a partir do terceiro estágio?

5 Economia por número de alçamentos

5.1 Hipótese de complexidade para aquisição das relativas-wh em contraste com uma menor complexidade para aquisição das relativas-*that*

McDaniel, McKee e Bernstein (1998) investigaram experimentalmente a aquisição de relativas com *prepositional-stranding* e com *pied-piping* em um grupo de 115 crianças aprendendo o inglês, com idade dos 3;5 aos 11;11 e um adulto como grupo de controle. Através de testes, que envolveram produção e julgamento de gramaticalidade[66], as autoras chegaram a resultados que sugerem, segundo elas, que *pied-*

[66] As autoras realizaram dois experimentos. O primeiro focalizando a produção de sentenças relativas pelas crianças e o segundo focalizando a compreensão de relativas com *prepositional-stranding* e relativas com *pied-piping* por elas. Experimento 1 - (GUASTI e CARDINALETTI, 2003, utilizaram um experimento semelhante a esse): um experimentador usa brinquedos como suporte para representar uma história, depois de observar a história com a criança, o segundo experimentador venda os próprios olhos. O primeiro experimentador aponta, então, um de dois idênticos brinquedos da história e convida a criança a instruir o segundo experimentador para apanhar esse brinquedo. Pelo fato de os brinquedos serem idênticos, a melhor maneira de distingui-los é indicando, por meio de uma relativa, o que ocorreu com eles na história. Se a descrição da criança for bem sucedida, depois de tirar a venda dos olhos, o experimentador pega o brinquedo correto. Experimento 2 - um experimentador apresenta um cenário simples e pergunta se sentenças (relativas com *prepositional-stranding* e relativas com *pied-piping*) que se referem aos brinquedos do cenário estão corretas ou erradas. O segundo experimentador registra as respostas da criança sujeito.

piping da preposição só é possível nas gramáticas de crianças pequenas quando *prepositional-stranding* não é.

As crianças investigadas foram divididas em três grupos etários: a) crianças jovens (de 3;5 a 5;11); b) grupo intermediário (de 6;3 a 8;11; e c) crianças mais velhas (de 9;1 a 11;11). Os resultados obtidos apontaram dificuldade dessas crianças com a aquisição de relativas com *pied-piping*. Os índices de relativas produzidas com *prepositional-stranding* foram os seguintes: a) para as mais jovens 96% (67 de 70); b) para o grupo intermediário 97% (94 de 97); e c) para o grupo mais velho 100% (47 de 47). Com relação à produção de relativas de genitivo com *pied-piping* os percentuais de acerto foram os seguintes: a) para as mais jovens 5% (2 de 38); b) para o grupo intermediário 10% (9 de 87); e c) para o grupo mais velho 13% (6 de 48). As autoras encontraram nesses *corpora* alguns exemplos de relativas de genitivo que não são nem estratégia *prepositional-stranding* nem *pied-piping* e que nunca são usadas pelos adultos falantes do inglês, como a relativa com resumptivo em (50).[67]

(50) The one that Dorothy took **his** rope.
[*Aquele que Dorothy levou a corda dele*.]
(McDANIEL *et al*, 1998, p. 317)

Com base nesses resultados empíricos, as autoras concluem que a estratégia de relativização por *pied-piping* é um artefato prescritivo, ao qual os sujeitos são expostos através da escrita, ao passo que a estratégia do tipo *prepositional-stranding* reflete a gramática natural do inglês. A análise que as autoras fazem dos dados acima é que, de modo geral, as crianças sabem que "ausência de movimento" é algo ótimo e, se o

[67] Interessantemente, a relativa em (50) corresponde à versão não-padrão com resumptivo foneticamente realizado em (i) comum em PB, com a diferença de que o nosso resumptivo é um PP.

(i) aquele que Dorothy levou a corda **dele**

movimento for obrigatório, este deve ser mínimo.

McDaniel *et al* (1998) fundamentam sua explicação para esses resultados empíricos na proposta de Kayne (1994). Segundo elas, a derivação de uma cláusula relativa com complementizador *that* (cf. (51b)) envolve menos movimentos que a relativa com pronome-wh (cf. (52b) e (53b)).

(51) a. Preposition stranding:
the robber that Dorothy talked to
[*o ladrão que Dorothy falou com*]

b. [$_{DP}$ the [$_{CP}$ [$_{NP}$ robber]$_i$ that [$_{IP}$ Dorothy talked to t_i]]]

(52) a. Preposition pied-piping:
the robber to whom Dorothy talked
[*o ladrão com quem Dorothy falou*]

b. [$_{DP}$ the [$_{CP}$ [$_{PP}$ [$_{NP}$ robber]$_i$ [to [$_{DP}$ whom t_i]]]$_j$ [$_{IP}$ Dorothy talked t_j]]]

(53) a. Genitive pied-piping:
the robber whose rope Dorothy swung
[*o ladrão cuja corda Dorothy está balançando*]

b. [$_{DP}$ the [$_{CP}$ [$_{DP}$ robber $_i$ [$_{D'}$ whose [$_{NP}$ [$_{XP}$ t_i] rope]]]$_j$ [$_{IP}$ Dorothy swung t_j]

(adaptado de McDANIEL *et al*, 1998, p. 308 e 330)

Segundo as autoras, a estrutura da relativa com complementizador *that* em (51b) envolve apenas um movimento, o do NP *robber* para SpecCP. As estruturas com *preposition pied-piping* e *genitive pied-piping*, em (52b) e (53b), envolvem ambas mais de um movimento. Em (52b) o PP *to who robber* é movido para SpecCP e depois o NP *robber* tem

como destino SpecPP. Em (53b), o DP *who robber's rope* é movido para SpecCP e depois o possuidor *robber* é movido para SpecDP.

5.2 Hipótese de menor complexidade para aquisição das relativas em japonês do que para aquisição das relativas em inglês

A análise de McDaniel *el al* (1998) é contestada por Harada (2000) que, com base em um estudo experimental com 30 crianças na faixa etária dos 3;6 aos 6;4, mostra que as crianças aprendendo o japonês adquirem relativas com *pied-piping* de genitivo (cf. (54a)) sem a dificuldade que as crianças adquirindo essas relativas em inglês apresentam (com base nos dados de McDANIEL *el al*, 1998).[68]

(54) [otoko-no ko-ga Ø hon-o totta] onna-no ko
boy-NOM book-ACC grabbed girl
'the girl whose book the boy picked up'
[*a garota cujo livro o garoto pegou*]

(HARADA, 2000, p.4)

Os índices de produção de relativas com *pied-piping* de genitivo entre as crianças adquirindo o japonês foi de 60% e 100% para os dois grupos experimentados (crianças mais jovens - dos 3;6 aos 5;11 e crianças mais velhas - dos 6;0 aos 6;4). A autora avalia que a facilidade que as crianças japonesas pesquisadas apresentaram com a aquisição das relativas de genitivo é semelhante à facilidade que elas tiveram para adquirir outro tipo como as locativas (cf. (55)), com as quais essas crianças obtiveram índices de produção entre 97% (grupo mais jovem) e 100%

[68] Segundo Harada (2000), ela utilizou em seus experimentos basicamente os mesmos procedimentos utilizados por McDaniel *et al* (1998).

(grupo mais velho).[69]

(55) [onna-no ko-ga Ø hon-o ireta] hondana
girl-NOM book-ACC put bookshelf
'the bookshelf on which the girl put the books'
[*A estante na qual a garota pôs os livros*.]

(HARADA, 2000, p.4)

A autora explica que, tomando a proposta de Kayne (1994), as estruturas tanto da relativa com *pied-piping* de genitivo (cf. (56)) quanto da relativa locativa (cf. (57)) implicam apenas dois movimentos em japonês. O movimento do alvo da relativização para SpecCP e o movimento do IP para SpecDP externo. Isto explicaria tanto o contraste verificado na aquisição das relativas em inglês quanto a não existência de tal contraste na aquisição das relativas em japonês.[70]

---

[69] Em nota, a autora informa que as relativas locativas, às quais seu estudo se refere, não são exatamente iguais às relativas preposicionais do inglês.

[70] No japonês, o operador relativo é sempre nulo, semelhantemente à relativa do inglês com Comp nulo (cf. (i)). A diferença é que o japonês é de ordem *núcleo final* e não tem artigo. Se, em japonês, o Comp (ou operador relativo) é sempre nulo e não há preposição acompanhando esse Comp nulo, não há, segundo Kato (comunicação pessoal), contraste entre relativas com e sem *pied-piping* nessa língua. Isto pode ser uma explicação para o que os dados de Harada (2000) mostram — nenhuma dificuldade para aquisição de ambos os tipo (relativas de genitivo e locativas) em japonês. Pela proposta de Kato e Nunes (2007), as relativas de genitivo em (54) e locativa em (55) têm as estruturas em (iia) e (iib), respectivamente. Nesse caso, são três movimentos nessa derivação, levando-se em conta o alçamento do NP *onna-no ko* que é adjungido ao DP.

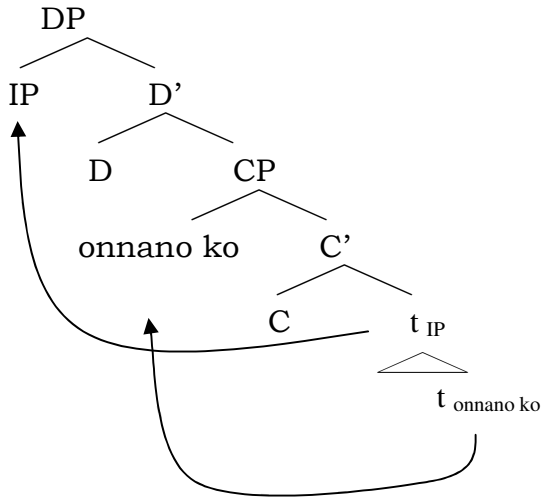
(i) The man [Ø [I love t]]

(ii) a. [$_{DP}$ *[$_{IP}$ otoko-no ko-ga* t_j *hon-o totta]* [$_{DP}$ D^0 [$_{CP}$ **[$_{DP}$ onna-no ko$_k$ [$_{DP}$ Ø t$_k$]]$_j$** [$_{CP}$
menino livro pegou menina
C^0 t_{IP}]]]]

b. [$_{DP}$ *[$_{IP}$ onna-no ko-ga* t_j *hon-o* ireta*]* [$_{DP}$ D^0 [$_{CP}$ **[$_{DP}$ hondana$_k$ [$_{DP}$ Ø t$_k$]]$_j$** [$_{CP}$ C^0
menina livro pôs estante
t_{IP}]]]]

(56) a. [otoko-no ko-ga Ø hon-o totta] onna-no ko
boy-NOM book-ACC grabbed girl

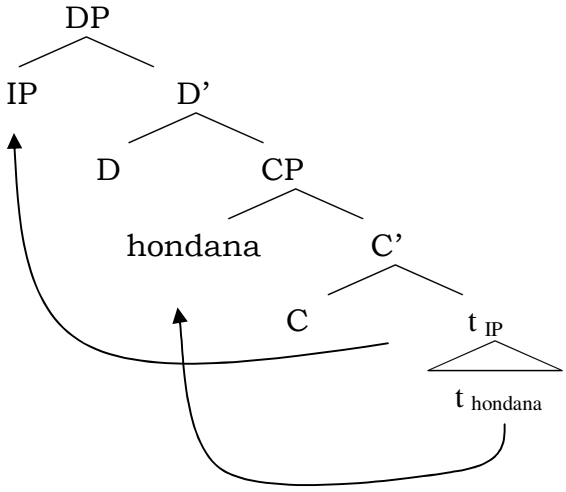
b.



(HARADA, 2000, p.10)

(57) a. [onna-no ko-ga Ø hon-o ireta] hondana
girl-NOM book-ACC put bookshelf

b.



(HARADA, 2000, p.11)

A autora vê, porém, dois problemas nessa análise: a) as relativas

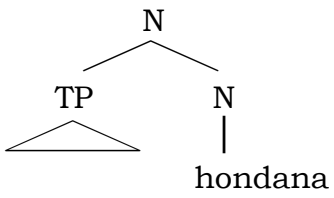
locativas e genitivas em japonês envolvem mais passos (dois) do que as relativas com complementizador *that* em inglês (que envolvem apenas um movimento) e as crianças japonesas demonstram ter tanta facilidade em adquirir as relativas de genitivo e locativas quanto as crianças adquirindo o inglês demonstraram em relação à aquisição das relativas com *that*; e b) as relativas de genitivo, em japonês, apresentam tantos movimentos quantos existem nas relativas de genitivo (com *pied-piping*) em inglês (dois), mas a aquisição das relativas de genitivo não apresenta nenhuma dificuldade em japonês ao passo que apresenta uma grande dificuldade em inglês. Diante dos problemas detectados por Harada (2000), verificamos que o cálculo de economia para aquisição pelo número de alçamentos não se mostra um terreno sólido para análise.

Para resolver esses problemas, a autora busca apoio na proposta de Fukui e Takano (2000)[71], procurando localizar o problema na questão da ordem Spec-Núcleo-Complemento, proposta por Kayne (1994) como universal. Para Harada (2000), os problemas acima se resolvem se a ordem universal das palavras não é como Kayne (1994) propõe, mas como Fukui e Takano (2000) propõem – Spec-Compemento-Núcleo. Pela proposta desse autor, as relativas locativas e genitivas em japonês têm, respectivamente, as estruturas em (58) e (59). Segundo Harada (2000), por essa análise, relativas locativas e de genitivo não apresentam nenhum movimento. Conseqüentemente, essas relativas não apresentam nenhum grau de dificuldade na aquisição, o que seria compatível com os dados investigados por ela.[72]

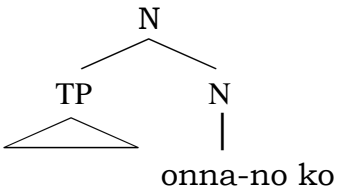
---

[71] FUKUI, N.; TAKANO, Y. Nominal structure: An extension of the symmetry principle. In: SVENONIUS, P. (editor). **The derivation of VO and OV (LA 31).** Philadelphia: John Benjamins; 2000. p. 219-254.

[72] Nas estruturas em (58) e (59), não há previsão da existência do operador nulo (mencionado na nota anterior). Se houvesse esse operador, ficaria previsto pelo menos um movimento nessa estrutura — o do operador nulo para SpecCP (cf. (i) e (ii)) (Lembrando que nessa estrutura a ordem é Spec-Compemento-Núcleo).

(58) 

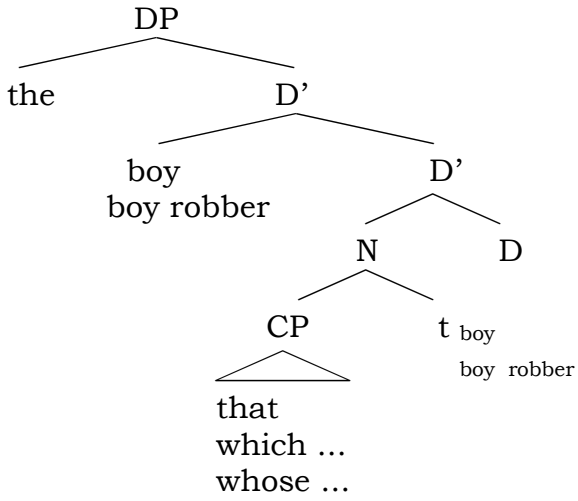
(*locative relative*)

(59) 

(*genitive relative*)

(HARADA, 2000, p.12)

Já as relativas em inglês teriam, com base na proposta de Fukui e Takano (2000), a estrutura em (60).

(60) 

(HARADA, 2000, p.12)

Explica Harada (2000) que, em (60), o antecedente é alçado para SpecDP e o pronome-wh é movido da posição original dentro do CP para

---

(i) [$_{CP}$ **Ø$_i$** [$_{C'}$ [$_{IP}$ onna-no ko-ga **t$_i$** hon-o ireta] C^0] hondana
menina livro pôs estante

(ii) [$_{CP}$ **Ø$_i$** [$_{C'}$ [$_{IP}$ otoko-no ko-ga **t$_i$** hon-o totta] C^0] onna-no ko
menino livro pegou menina

SpecCP, no caso da relativa-wh. Já no caso da relativa-*that*, ocorre apenas o movimento do antecedente para SpecDP. O complementizador relativo *that* fica em C, sua posição original nessas relativas. Assim, para a autora, "the relative clause with that involves one movement and the relative clause with wh relative pronoun (including wh genitive pronoun) involve more steps" (HARADA, 2000, p. 12). Ou seja, pela análise de Harada (2000), enquanto a relativa-*that* do inglês envolve um único movimento, a relativa-wh (inclusive a de genitivo) envolve dois.

Há, entretanto, um problema nessa proposta. No caso das relativas-*that,* a previsão de um único movimento não parece adequada. Se o complementizador *that* é gerado em C e o antecedente movido para SpecDP não é gerado dentro de IP, qual é a posição relativizada dentro do CP relativo? É necessário que seja previsto um alçamento partindo da posição relativizada em IP, que seria de um operador vazio (OP), já que o antecedente é gerado fora do CP relativo. Nesse caso, não teríamos para as relativas-*that* apenas um movimento, teríamos dois movimentos.

Conforme a autora, as estruturas em (58) e (59), para as relativas do japonês, e a estrutura em (60), para as relativas do inglês, explicam, adequadamente, o que se verifica empiricamente a respeito da aquisição de relativas nessas duas línguas. Segundo essa análise, pelo fato de não haver nenhum movimento para a derivação das relativas em japonês, a aquisição desta seria menos complexa que a aquisição de qualquer das relativas em inglês. Entre os tipos do inglês, a relativa-*that* seria menos complexa para a aquisição que as relativas-wh pelo fato de, segundo Harada (2000), aquelas envolverem um movimento em contraste com estas, que envolveriam dois movimentos.

Portanto, na tentativa de explicar o contraste entre as duas línguas na aquisição de relativas com e sem *pied-piping*, a análise de Harada (2000) acaba apresentando um problema não existente na análise

de McDaniel *et al* (1998), considerando o que observamos acima a respeito da estrutura das relativas-*that* do inglês. Ou seja, a proposta dessa autora não explica a facilidade das crianças com a aquisição das relativas-*that* em inglês em contraste com a dificuldade dessas mesmas crianças com a aquisição de relativas com *pied-piping* (inclusive as de genitivo) nessa língua. Considerando a existência de movimento de um operador relativo nulo em (60) para as relativas-*that*, essas relativas e as relativas-wh apresentariam relativização com base em dois alçamentos. Isto inviabiliza uma explicação dos dados do inglês utilizando essa análise de cálculo de economia por número de alçamentos. Permanecem, assim, os problemas que Harada (2000) aponta para a análise da aquisição de relativas feita por McDaniel *et al* (1998).

6 Últimas considerações

A partir dos estudos sobre aquisição de relativas, vistos neste capítulo, identificamos importantes questões em torno do fenômeno de aquisição de relativas. Primeiramente, verificamos que o problema da aquisição de relativas se configura da mesma maneira em inglês, francês, italiano e PB. Nessas línguas, verifica-se que a estratégia não-padrão se faz presente desde o início e há sempre dificuldade com a aquisição de relativas com *pied-piping* preposicional. As três línguas românicas (francês, italiano e PB) apresentam dois tipos de estratégias não-padrão: uma com resumptivo realizado e outra com uma categoria vazia na posição do item relativizado em IP. Por outro lado, os processos de aquisição da relativização nessas três línguas diferem, pelo que se verifica nesses estudos, em relação ao tempo decorrido até que se verifique a aquisição da estratégia com *pied-piping* preposicional: para os casos do italiano e do francês, relata-se o surgimento desse tipo de relativa entre os 6;0 e10;0 de

idade; já para o caso do PB, a aquisição de relativas com *pied-piping* só aparece por volta dos 17;0. Mas, nos três casos, aponta-se uma relação entre a aquisição de relativas com *pied-piping* e a aquisição da escrita.

Os diferentes pontos de análise em que se concentram as hipóteses suscitadas para explicação desses fenômenos serão considerados durante a análise dos *corpora* investigados neste estudo, que será apresentada nos dois próximos capítulos. Pondo de lado as diferenças decorrentes dos vários quadros teóricos em que cada proposta se apoiou, esses estudos põem em destaque: a) a questão do acesso ou não da criança à estratégia que envolve movimento (estratégia padrão); b) a possibilidade de os fenômenos referentes à aquisição estarem relacionados a estágios pelos quais a criança passaria durante a aquisição da periferia esquerda (que inclui a relativização); e c) os motivos da dificuldade com a aquisição da relativa com *pied-piping*, havendo sido apontados quatro possibilidades de análise — o desconhecimento da estratégia padrão (PERRONI, 2001), a mudança de estratégia (CORRÊA, 1998); a inexistência de operadores relativos na gramática infantil, ou por falta de maturação da GU (GUASTI e SHLONSKY, 1995) ou por ausência dos pronomes relativos específicos dessa estratégia no *input* oral (GUASTI e CADINALETTI, 2003); e a complexidade derivacional das relativas com *peid-piping*, medida por número de alçamentos (McDANIEL *et al*, 1998; HARADA, 2000).

Capítulo IV

As relativas na fala infantil

1 Introdução

As questões sobre aquisição de relativas e as hipóteses de explicação desse fenômeno discutidas no capítulo anterior são retomadas neste capítulo, no qual apresento a análise dos *corpora* investigados neste estudo. Nesta análise, as questões e hipóteses mencionadas são avaliadas frente aos dados da fala de crianças e adultos que compõem esses *corpora.* Nesta discussão, está sendo retomada também a análise feita para a sintaxe das relativas em PB, apresentada no capítulo II. Assim, assumo que as estratégias padrão (ou de movimento) e não-padrão são derivadas em PB, conforme a proposta de Kato e Nunes (2007).

Os *corpora* analisados a seguir apresentam os seguintes dados gerais. Nas amostras de fala das crianças (L., E. e A.L.), foram encontradas 157 sentenças relativas, que se distribuem da seguinte maneira: 113 são relativas de sujeito, 27 são relativas de objeto direto e 17 são relativas de objeto oblíquo. Nessas amostras não foram encontradas relativas de objeto indireto nem de genitivo. E nas amostras de fala dos adultos interlocutores

dessas crianças foram encontradas 389 sentenças relativas, que se distribuem do seguinte modo: 186 são relativas de sujeito, 148 são relativas de objeto direto, 49 são relativas de objeto oblíquo, 4 são relativas de objeto indireto e 2 são relativas de genitivo.

Nas seções 2, 3 e 4, discutiremos respectivamente: a) a questão da ausência/presença da estratégia de movimento na gramática infantil; b) a hipótese dos estágios de aquisição de relativas; e c) a hipótese da ausência de morfemas relativos específicos das relativas com *pied-piping,* no *input* oral. E, na seção 5, são apresentadas algumas considerações gerais sobre a análise apresentada no capítulo.

2 A questão da ausência/presença da estratégia de movimento na gramática infantil

De acordo com a análise apresentada no capítulo II, o tipo relativa apositiva só ocorre em PB como estratégia padrão. Assim, se verificamos a presença de relativas apositivas na fala infantil temos uma evidência clara de que a criança está apta a relativizar por estratégia de movimento. Os dados da fala infantil aqui estudados fornecem essa evidência, pois verificamos nesses a ocorrência de relativas apositivas.

Os tipos relativa restritiva, livre e apositiva surgiram bem cedo nos dados de fala infantil investigados neste estudo. A diferença de tempo entre o aparecimento de cada tipo, para L. e A.L, foi de alguns meses ou apenas algumas semanas, conforme se observa no quadro a seguir. Nos dados de E., registraram-se apenas relativas restritivas até os 2;6. O tipo restritiva foi o primeiro a surgir nas amostras das três crianças e os tipos livre e apositiva alternaram-se entre o segundo e terceiro lugar nas amostras de L. e A.L.

Período etário de registro das primeiras relativas nas amostras de fala infantil

crianças	Restritiva	Livre	Apositiva
L.	2;0.6	2;1.19	2;3.27
E.	2;3.18	---	---
A.L.	2;8.25	2;11.26	2;11.4

Encontramos, a seguir, algumas das relativas registradas nas amostras de fala dessas crianças: em (1) relativas restritivas; em (2) relativas livres; e em (3) relativas apositivas.

(1) a. Adulto: Que homem?
E.: O homem *que lava o pé.* (2;3.18)

b. L.: Papai, cadê a fote de atilano? Atilano negoço, a coisa?
Foi a coisa, papai (...)
Adulto: Peraí! calma lá!
L.: A coisa *que bota de lá*, tá bem? dexa eu botá! (2;0.6)

c. A.L.: Sumiu lá minha bolsa.
Adulto: Que bolsa?
A.L.: A *que tá ali.* A do cachorrinho, moça! (2;8.25)

(2) a. Ó *o que fez com cachorrinho*! (L., 2;1.19)

b. É *aonde o jacaré tava na árvore*. (A.L., 2;11.26)

c. Você me deu *o que tô rumano*. (L., 2;4.16)

d. Adulto: Cadê o gatinho, filha ?
L.: Foi bola. (= Foi embora)
Adulto: Pra onde?
L.: Pa *onde ele foi adano*.

Adulto: Han?
L.: Pa *onde ele foi adano*. (2;2.1)

e. Aí é *onde liga*. (A.L. 3; 2.29)

f. AL: Ó *o que eu faço*! Ó tia Dida! Ó *o que eu faço*! (3;6.5)

(3) a. Cadê Simoni, *que fechô a porta*? (L., 2;3.27)

b. Adulto: Vai pegá quem?
L.: Você, *que tá peligosa.* (2; 4; 3)

c. Vai! Palabens/ palabens pa você! Palabenzi pra você/ pa Luiza, *que tá na cola*! (A.L., 2;11.4)

d. A.L.: Era uma vez/ aqui é a princesa?
Adulto: É a Branca de Neve.
A.L.: A Branca de Neve, na casa dela vivia também Pintinho Amarelinho, *que cabe aqui na minha mão*, e aí a bruxa num come ...[73] (3;6.11)

Quanto à freqüência desses tipos de relativas nos dados de fala infantil, verificamos que a relativa restritiva é o tipo mais produtivo e os outros dois tipos apresentam baixíssima produtividade, conforme se verifica na tabela 1.

[73] A criança está contando a história de Branca de Neve acrescentando uma personagem (o pintinho amarelinho) que lembra um trecho de uma música, do conhecimento dela, que diz assim: *meu pintinho amarelinho cabe aqui na minha mão*. Ela não põe nenhum artigo introduzindo *pintinho amarelinho* como é feito no dialeto baiano com nomes próprios, marcando intimidade. Neste caso, a criança está tratando *pintinho amarelinho* como nome próprio.

Tabela 1

Distribuição das relativas por tipos nos dados infantis

	nº	%
RESTRITIVAS	136	86,6
LIVRES	9	5,7
APOSITIVAS	12	7,7
TOTAL	157	100

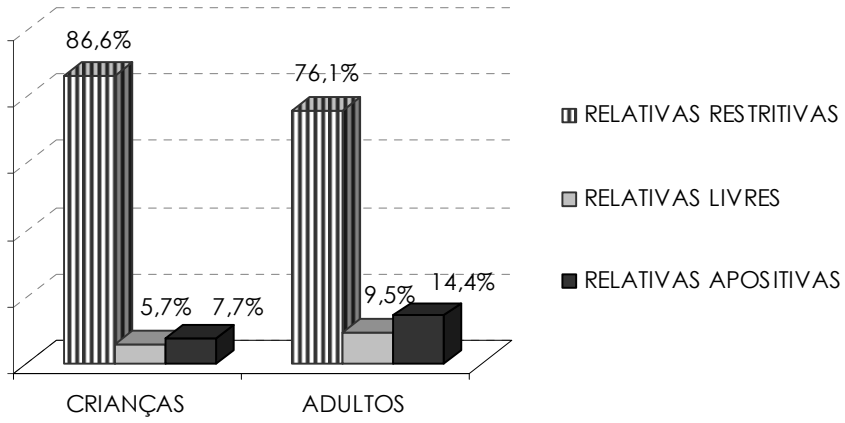
A distribuição desses três tipos de relativas apresenta, na fala do adulto, a mesma configuração encontrada nos dados infantis, conforme os *corpora* investigados neste estudo (cf. gráfico 1 abaixo). Isto indica que a baixa produtividade dos tipos livre e apositiva não pode ser atribuída a alguma dificuldade na aquisição desses dois tipos de relativas; pelo contrário, isto demonstra que a gramática da criança está apenas refletindo o que ocorre na gramática do adulto, desde o início do processo de aquisição de relativas. [74]

[74] Planilha do gráfico 1

	CRIANÇAS		ADULTOS	
RELATIVAS RESTRITIVAS	136	86,6%	296	76,1%
RELATIVAS LIVRES	9	5,7%	37	9,5%
RELATIVAS APOSITIVAS	12	7,7%	56	14,4%
TOTAL GERAL	157	100%	389	100%

Gráfico 1

Relativas restritivas, livres e apositivas
na fala de crianças e adultos



Portanto, a constatação, através dos dados aqui analisados, de que as relativas apositivas surgem desde o início do processo de aquisição de relativas, juntamente com as relativas restritivas e livres, desfavorece hipóteses como a de Labelle (1990, 1996), que considera que não haveria estratégia de movimento na gramática infantil.

Essa constatação também desfavorece a hipótese de Perroni (2001), de acordo com a qual as relativas não-padrão seriam mais fáceis de adquirir que a padrão. Uma vez que a aquisição da estratégia padrão é constatada com a aquisição da relativa apositiva, concluímos que nada impede a criança de utilizar também essa estratégia para produzir as relativas restritivas de sujeito e objeto direto (e livres de sujeito e objeto direto, considerando que apenas as restritivas são produzidas sem antecedente).

3 A questão de estágios na aquisição de relativas

Conforme vimos no capítulo III, Grolla (2000, 2005a) prevê que a aquisição das relativas se dá em três estágios. No primeiro estágio, ocorreria apenas a estratégia de movimento. Essa análise é favorecida pelas descobertas, que se fizeram neste estudo, de que a relativa apositiva ocorre apenas como estratégia padrão e é adquirida bem cedo. Tais descobertas demonstram que é coerente supor que a criança está apta a realizar a estratégia de movimento desde o primeiro estágio de aquisição de relativas.

Entretanto, antes de realizar as primeiras relativas apositivas, a criança realiza relativas restritivas de sujeito e objeto direto, que são seguramente o primeiro tipo de relativa a aparecer nos dados infantis, de acordo com o que se verifica nos *corpora* em estudo. Nos dados de E. e de A.L., a primeira relativa registrada foi uma relativa restritiva de sujeito (cf. os exemplos repetidos abaixo em (4)) e nos dados de L. a primeira relativa registrada foi uma restritiva de objeto direto (cf. o exemplo repetido abaixo em (5)).

(4) a. O homem *que lava o pé.* (E., 2;3.18)
b. A *que tá ali.* A do cachorrinho, moça! (A.L., 2;8.25)

(5) A coisa *que bota de lá*, tá bem? Dexa eu botá! ... (L. 2;0.6)

As restritivas de sujeito e de objeto direto são o tipo mais produtivo nos dados infantis: 72% (113 de 157) das relativas registradas nas amostras de fala das três crianças são relativas de sujeito e 17,2% (27 de 157) são de objeto direto. Abaixo estão mais alguns exemplos de relativas de sujeito (cf. (6)) e objeto direto (cf. (7)) encontradas nos *corpora* analisados.

(6) a. Aí tem pa pa passarinho *que queria modê o índio.* (A.L., 3; 0.19)

b. Eu queo vê o cachorro *que tá lá* bincano com o binquedim dela. (L., 2;1.19)

(7) a. Eu tenho uns limãozinho *que mamãe Suze me deu.* (A.L., 3;1.10)

b. Bola ficá li, mamãe, até o carro *que vi* passá li. (L., 2; 4.3)

Se a previsão para esse primeiro estágio de aquisição é de que a relativização se dá por estratégia de movimento, e isso se confirma no caso das apositivas, as relativas restritivas não-preposicionais, como os exemplos de (4) a (7), com as quais a criança inicia sua aquisição de relativas, são também relativas padrão. Discutiremos no próximo capítulo uma proposta a favor dessa análise.

Até aqui, podemos dizer que os dados investigados neste estudo ou estão de acordo, no caso das apositivas, ou não desfavorecem, no caso das restritivas de sujeito e objeto direto, o que prevê Grolla (2000, 2005a) para o primeiro estágio de aquisição, no tocante à relativização.

Com relação à aquisição de relativas não-padrão, vimos que Grolla (2005a) analisa que a "aquisição dos pronomes resumptivos abertos (foneticamente realizados) depende apenas da identificação desses elementos no *input*" (*Ibidem*, p.176). Por outro lado, conforme a autora, "a aquisição de pronomes resumptivos nulos depende de uma análise detalhada de algumas estruturas presentes no PB adulto" (*Ibidem*, p.176), pois ora a categoria vazia corresponde a um vestígio de movimento ora corresponde a um resumptivo nulo. Assim, baseada na idéia de que a criança precisa de mais tempo para identificar, no *input*, esses dois tipos de categorias vazias do que precisa para identificar o resumptivo realizado,

a autora prevê que "a aquisição de pronomes resumptivos abertos precede a aquisição de pronomes resumptivos nulos" (Grolla, 2005a, p.176). [75]

No caso específico de aquisição de relativas, os dados aqui investigados não confirmam essa previsão. A partir dos 2;1.19 já foi possível observar nas amostras de fala de L. a presença de resumptivo nulo (cf. (8)), em contraste com o resumptivo realizado que não foi registrado nenhuma vez em relativas nas amostras de fala dessa criança até os 2;6 de idade. No caso de A.L., entre as relativas-PP, que são o contexto mais explícito da alternância entre *resumptivo nulo/resumptivo realizado*, foram registradas apenas relativas com resumptivo nulo (cf. exemplos em (9)), sem um só registro de relativa-PP com resumptivo realizado até os 3;6.[76]

(8) a. L.: Ó binquedo aqui de Luana! Ó o binquedim meu aqui, posa!
Adulto: Quem é prosa, Luana?
L.: Binquedo aqui, posa! Ó qui negocinho dela *que ela qué bincá*, mamãe! (2;1.19)

b. Adulto: Pra gente vê o passarinho?
L.: Ali *que tá um lindo banco*! (2; 4. 3)[77]

(9) a. Essa é *a futa que mais gota.* (A.L., 3; 2.29)

b. Adulto: Que pracinha nós vamos?
A.L.: Na otra praça!
Adulto: Que otra praça?

[75] Embora essa previsão de Grolla (2000, 2005a) se estenda a outros casos de resumptivos A'-ligados, interessa a este estudo apenas o que, nessa previsão, diz respeito às relativas, porque o tema deste estudo envolve apenas aquisição de relativas.

[76] Nas amostras de fala de E. não ocorreram relativas-PP nem relativas com resumptivo realizado até os 2;6.

[77] (Ali onde está um lindo banco.)

A.L.: *Que você foi ontem!* (3;5.0)
Adulto: Han? Como é que é? Peraí! Fala pra tia! Que praça?
A.L.: A otra você foi comigo! (...) A praça *que a gente foi com a gente!* (3;5.0)

Considerando especificamente a aquisição de resumptivos realizados, a previsão de Grolla (2000, 2005a) é que, antes de apresentar resumptivo realizado em contexto de *alternância aparente* (como o das relativas não-preposicionais), a criança deve passar por um estágio em que ela emprega apenas resumptivo realizado em contexto *inequívoco de último recurso*, isto é, contextos "em que o pronome resumptivo aparece em posições a partir das quais movimento é ilícito, como complementos preposicionais e posições dentro de ilhas" (GROLLA, 2005a, p. 177). Entretanto, todas as relativas com resumptivo realizado encontradas nos *corpora* aqui estudados (3 ocorrências ao todo) foram relativas de sujeito, como se verifica em (10) abaixo. Ou seja, as primeiras relativas com resumptivo realizado encontradas nesses *corpora* são relativas que ocorreram num contexto que Grolla (2000, 2005a) classifica como de *alternância aparente*. De novo a previsão da autora não é confirmada no caso da aquisição de relativas com resumptivo.

(10) a. A.L.: Um pombo que vinha assim ó! Via molá!
Adulto: Ah! Que levantava a perna!
A.L.: Que *ele* botô a perna assim, ó! (3;0.10)

b. Tem o relógio que *ele* tem um nomes. (A.L., 3;1.10)

c. Era uma vez um coelhinho, ó tia Dida, que *ele* pula assim assim. Ó, tia Dida! (A. L., 3;3.12)

A análise que fazemos aqui para a não confirmação da previsão de Grolla (2000, 2005a) para os dois últimos estágios de aquisição seria a seguinte. A autora analisou a aquisição de resumptivos nulos e realizados dentro do contexto da periferia esquerda da sentença. Nesse contexto, de fato encontramos construções em que a criança fica diante de categorias vazias em que se pode ter ou um vestígio de movimento ou um *pro*. Esse seria o caso das estruturas de tópico-comentário, conforme citação da própria autora (cf. os exemplos repetidos em (11)).

(11) a. Esse menino$_i$, eu vi t_i
b. Esse menino, eu vi *pro* ontem.

(GROLLA, 2005, p. 176 e 177)

Num cenário mais restrito, no âmbito das relativas-PP, a criança encontra (12a) e (12b).

(12) a. o menino que eu gosto *dele*
b. o menino que eu gosto Ø

Nesse contexto, a categoria vazia em (12b) é inequivocamente um *pro.* Não existe, nesse caso, uma alternância aparente entre *pro* e *vestígio de movimento*, por causa da ausência de *pied-piping* preposicional. Assim, no momento em que a criança se mostrar apta a realizar uma relativa como (12a), ela será capaz de realizar uma relativa como (12b), porque ela já adquiriu a estratégia de relativização com base na construção de LD. Em outras palavras, da mesma forma que a criança pode detectar, na fala do adulto, a relativa em (12a), identificando-a, por meio da falta de *pied-piping* preposicional, como uma relativa com base na construção de LD,

ela pode identificar (12b) como uma relativa com base em LD, pois, nessa relativa, também não há *pied-piping* preposicional.[78]

Analisado o problema por esse ângulo, verificamos que não há por que prever que a aquisição de relativas-PP com resumptivo realizado ocorre num estágio anterior à aquisição de relativas-PP com resumptivo nulo. Dentro desse raciocínio, a criança pode adquirir os dois tipos ao mesmo tempo. Nesse caso, podemos analisar um outro aspecto — qual desses dois tipos de relativa-PP aparece de forma mais generalizada no *input.* Os *corpora* aqui investigados mostram que o que a criança encontra de forma generalizada na fala do adulto são relativas com resumptivo nulo, que se alterna com o resumptivo realizado de forma bem pouco freqüente (cf. gráfico 2 abaixo)[79]. E, como podemos verificar no gráfico 2, as crianças investigadas produziram relativas-PP distribuídas numa freqüência semelhante à freqüência verificada na fala dos adultos — com predominância da relativa com resumptivo nulo. Ou seja, esses *corpora* revelam um cenário que não reflete, de forma alguma, mais dificuldade em adquirir relativas com resumptivo nulo do que em adquirir relativas com resumptivo realizado, como previu Grolla (2000, 2005a).[80]

[78] A inserção de resumptivo foneticamente realizado ou de resumptivo nulo em relativas como (12a) e (12b) depende de aquisição lexical em ambos os casos.

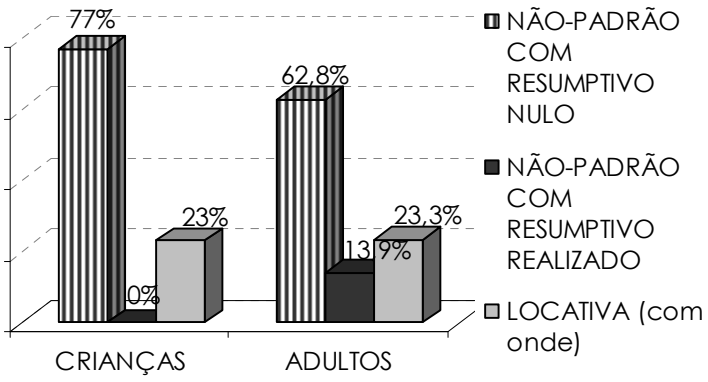
[79] O gráfico 2 retrata o quadro geral das relativas-PP encontradas nos *corpora.* As relativas locativas, que aparecem nesse gráfico porque fazem parte desse quadro geral, serão discutidas numa seção posterior.

[80] Planilha do gráfico 2

RELATIVAS-PP RESTRITIVAS	CRIANÇAS		ADULTOS	
NÃO-PADRÃO COM RESUMPTIVO NULO	10	77%	27	62,8%
NÃO-PADRÃO COM RESUMPTIVO	0	0	6	13,9%
LOCATIVAS (com onde)	3	23%	10	23,3%
TOTAL	13	100	43	100%

Gráfico 2

Relativas preposicionais restritivas



Uma última observação a ser feita é em relação ao período etário. Segundo Grolla (2005a, p. 179), "o último estágio começa aos 3;5, quando a criança, pela primeira vez, produz sentenças com resumptivos e sentenças com lacunas em contextos superficialmente similares". Os três casos de relativas com resumptivo realizado encontrados nos *corpora* aqui investigados correspondem ao que a autora classifica como contexto de *alternância aparente*, isto é, o tipo a ser adquirido no último estágio; entretanto, estas três relativas ocorreram antes dos 3;5 — a primeira delas foi registrada aos 3;0.10 (cf. (10a) acima). Também observamos nesses *corpora* ocorrências de relativas com resumptivo nulo, em contexto que a autora classifica como de *alternância aparente*, produzidas bem antes dos 3;5, como a relativa com $pro_{especial}$ em (9a) acima, produzida por volta dos 3;2, e a relativa com $pro_{especial}$ em (8a), produzida por volta dos 2;1.

Na verdade, o que os *corpora* aqui estudados mostram em termos de período etário para aquisição de relativas é que não há constância nesse sentido. Verificamos nestes *corpora* uma variação de, por exemplo, nove meses aproximadamente entre a criança que adquiriu relativas mais cedo, L. (aos 2;0.6), e a que mais demorou a apresentar relativas nas

amostras, A.L. (aos 2;8.25). Observamos conseqüentemente uma diferença considerável no período etário em que os vários tipos de estruturas relativas vão aparecendo para cada criança (ver quadro na página 143).

4 A questão da ausência de morfemas relativos específicos de relativas com *pied-piping,* no *input* oral

Como vimos, a dificuldade com a relativa com *pied-piping* estaria relacionada, segundo a análise de Guasti e Cadinaletti (2003), à ausência ou freqüência muito baixa de pronomes relativos específicos de relativas com *pied-piping* na fala coloquial dos adultos. Avaliando essa hipótese frente aos *corpora* investigados neste estudo, podemos obserservar que tal situação também se verifica no PB adulto. Dos morfemas relativos empregados em relativas padrão em português — *o/a qual, cujo, quem, onde, como, que* — encontramos nas relativas com antecedente produzidas pelos adultos interlocutores das crianças em estudo apenas *que*, *quem* e *onde*. Considerando apenas as relativas preposicionais, temos, como apresentados na tabela 2, os seguintes índices de ocorrência desses morfemas nas amostras de fala dos adultos.

Tabela 2

Relativas-PP produzidas pelos adultos interlocutores das crianças

	nº	%
onde	12	26,1
que	33	71,7
quem	1	2,2
total	46	100

Essa tabela mostra que a criança encontra na fala do adulto falante do PB, em maior freqüência, relativas preposicionais introduzidas pelo morfema *que* (71,7%), em um tipo de construção que não apresenta

pied-piping da preposição — a estratégia não-padrão com resumptivo nulo ou realizado. As 33 relativas preposicionais com *que* produzidas pelos adultos interlocutores das crianças são todas relativas restritivas, das quais 27 são relativas com resumptivo nulo e 6 relativas com resumptivo realizado foneticamente (cf. exemplos (13) e (14) respectivamente)[81]

(13) a. O otro cachorro *que você viu os dente*. (Interloc. de A.L.)
b. É a letra *que começa o nome de*! (Interloc. de A.L.)
c. Ah sim! A praça *que eu fui com você*! (Interloc. de A.L.)
d. Nossa casa *que a gente morava*. (Interloc. de L.)
e. Cadê a flanela *que cê tava brincando*? (Interloc. de E.)
f. Onde que você botô seu copo? Aquele *que cê tava bebeno*? (Interloc. de E.)

(14) a. É a calça que você tem mania de andá vestida *com ela!* (Interloc. de E.)
b. Ah! Lá na terra do nunca tinha o pirata que um jacaré comeu a mão *dele*. (Interloc. de A.L.)
c. Num é aquele peixe que aquele dia você deu pipoca *pra ele*? Amarelão? (Interloc. de A.L.)
d. Olha pra cê vê! É o peixe que cê deu pipoca *pra ele*? (Interloc. de A.L.)
e. A.L.: Achei aquele pombo! Eu vô jogá lá!
Interloc. de A.L.: Aquele pombo que você vai jogá *nele*?
f. Cadê o apontadô que mamãe tava *com ele* na mão, filha? (Interloc. de A.L.)

[81] Além dessas 6 relativas-PP em (14) foi encontrada apenas mais uma relativa com resumptivo realizado nas amostras de fala dos adultos interlocutores das crianças estudas, a relativa de sujeito em (i)

(i) Interloc. de A.L.: Era uma vez uma moça que *ela* vendia/
A.L.: maçã!

O morfema relativo *quem* apareceu uma única vez em relativas com antecedente. Trata-se de uma relativa apositiva, que foi produzida como leitura em voz alta (cf. (15) abaixo). Esse dado não deixa de fazer parte do *input*, uma vez que essa leitura foi feita para a criança e leitura de histórias para A.L. fazia parte do hábito de alguns adultos que conviviam com essa criança.

(15) Um senhor viúvo tinha uma filha*, a quem muito amava.* (interlocutor de A.L.)

Quanto às relativas em que aparece o morfema *onde*, estas são as únicas encontradas na fala dos adultos investigados neste estudo que realmente podem ser analisadas como ocorrências de relativas padrão em PB oral (cf. exemplos em (16)). Trata-se de relativas locativas, nas quais também seria possível a ocorrência do morfema *que*, caso o falante optasse pela estratégia não-padrão.

(16) a. Seu colega mora naquela casa *onde* eu passei também? (interlocutor de A.L.)
b. Aqui perto deve ter um lugá *onde* a gente compra chocolate. (interlocutor de A.L.)
c. Nessa praia *onde* você foi tinha tubarão? (interlocutor de A.L.)
d. Aí é perna, *onde* cê tá mexeno (interlocutor de E.)

Os dados avaliados até agora mostram que, de fato, os morfemas relativos reduzem-se basicamente a *que* e *onde* em PB oral adulto. Tal quadro se repete nos dados infantis, nos quais encontramos apenas os morfemas *que* e *onde* nas relativas-PP, distribuídos conforme a tabela 3.

Tabela 3

Relativas-PP produzidas pelas crianças

	nº	%
que	10	77
onde	3	23
total	13	100

As 10 ocorrências de *que* em relativas-PP produzidas pelas crianças foram casos de relativas com resumptivo nulo, como os exemplos em (9a) e (9b) acima e os exemplos em (17) abaixo.

(17) a. Tia, esse exercício é o exercício *que* gota mais e fez um. (A.L. 3;2.29)

b. Não, tia Dida, aquele dia *que* eu pava dormino e você/ e você tocô a pancanhia (A.L. 3; 3. 19)

No caso das relativas com *onde* produzidas pelas crianças observamos uma situação curiosa. Nos exemplos de (18) a (20) abaixo, observamos um diálogo entre A.L. e seu interlocutor adulto, em que a criança realiza algumas relativas locativas. Algumas dessas relativas produzidas pela criança revelam dificuldade com a operação de *pied-piping* da preposição. As relativas em (18) e (20) exigem um movimento dos PPs *por ali* (*eu vou pra minha escola por ali*) e *por aquele passeio* (*eu vou pra minha escola por aquele passeio*). Nessas relativas deveria, então, ter ocorrido o *pied-piping* da preposição *por.*[82]

(18) A.L.: A casa de Kaká! É ali a casa de Kaká *onde eu vô pra escola.*

Adulto: Han? A casa onde você vai pra escola?! É a casa onde você estuda?

[82] Nas relativas em (18) e (19), os antecedente são *ali* e *lá* respectivamente.

A.L.: É.

Adulto: Ah! Que bonito!

(19) A.L.: A minha escola é é/ a minha colega mola lá *onde você passô*.

Adulto: É? Lá onde eu passei?

(20) A.L.: O passeio! Aquele *onde eu vô pra minha escola*! (3;5.0)

De acordo com Móia (1992), haveria dois tipos de morfemas relativos *onde*: um intrinsecamente preposicionado, nos casos em que a preposição envolvida é a preposição *em* (cf. (21)); e outro verdadeiramente preposicional, quando outras preposições estão envolvidas (cf. (22)).

(21) A cidade onde ele mora é cercada de montanhas.

(22) a. A cidade de onde ele veio é cercada de montanhas.

b. A estrada por onde ele vai pra casa é perigosa.

c. Esse é o lugar pra onde eles voltaram definitivamente.

Relativas como os exemplos em (22) são agramaticais sem o *pied-piping* da preposição, para falantes do PB que não aceitam o uso do *onde* em lugar do *que* em relativas não-padrão (cf. (23)).

(23) a. *A cidade onde ele veio é cercada de montanhas.

b. *A estrada onde ele vai pra casa é perigosa.

c. *Esse é o lugar onde eles voltaram definitivamente.

As relativas em (18) e (20) apareceram num contexto em que o *pied-piping* da preposição *por* ocorreria, se a criança tivesse realizado a estratégia padrão. Esses dados são, portanto, desfavoráveis à hipótese apresentada por Guasti e Cardinaletti (2003), pois mostram que a aquisição do morfema *onde* não foi garantia do uso da estratégia com *pied-piping* da preposição pela criança. A falta de *pied-piping* nas relativas em

(18) e (20) pode ser indício de que o que a criança faz nesses casos é empregar a estratégia não-padrão, com o morfema *onde* sendo empregado no lugar de *que*.

5 Últimas considerações

Em suma, com relação às questões analisadas neste capítulo, observamos que: a) a constatação de que as relativas apositivas surgem desde o início do processo de aquisição de relativas, juntamente com as relativas restritivas e livres, desfavorece hipóteses como a de Labelle (1990, 1996) e de Perroni (2001), uma vez que, se a estratégia padrão é adquirida como relativa apositiva, temos evidência de que não há dificuldade da criança com a estratégia de movimento (ou padrão); b) a hipótese, de Grolla (2000, 2005a), de que, no primeiro estágio da aquisição de relativas, ocorreria apenas a estratégia de movimento é favorecida pelas descobertas, aqui feitas, de que a relativa apositiva ocorre apenas como estratégia padrão e é adquirida bem cedo; c) com relação aos segundo e terceiro estágios, propostos por Grolla (2000, 2005a), os *corpora* investigados neste estudo não confirmam a previsão de que as relativas-PP com resumptivo nulos seriam adquiridas depois das relativas com resumptivo realizado em contexto *inequívoco de último recurso*[83]; d) em relação ao período etário, o que os *corpora* aqui estudados mostram, no caso da aquisição de relativas, é que não há constância nesse sentido; e e) os dados aqui analisados são desfavoráveis também à hipótese, de Guasti e Cardinaletti (2003), de que a aquisição tardia de relativas com *pied-piping* da preposição se deve à ausência de morfemas relativos específicos no *input*, pois esses dados

[83] Lembrando que aqui está sendo focalizado apenas o que, nessa previsão, diz respeito às relativas (ver nota 75)

mostram uma situação em que, embora a criança demonstre ter adquirido um desses morfemas —*onde*—, ela não realiza *pied-piping* da preposição num contexto em que essa operação é exigida.

Capítulo V

Aquisição de relativas e Economia

1 Introdução

Neste capítulo, vamos discutir o problema da aquisição de relativas em PB focalizado neste estudo — aquisição rápida das relativas não-preposicionais, embora pareça não existir no *input* pistas claras de sua estrutura subjacente; e dificuldade na aquisição das relativas com *pied-piping* preposicional — com base na seguinte hipótese: na aquisição da relativização, as opções preferidas são sempre as mais econômicas.

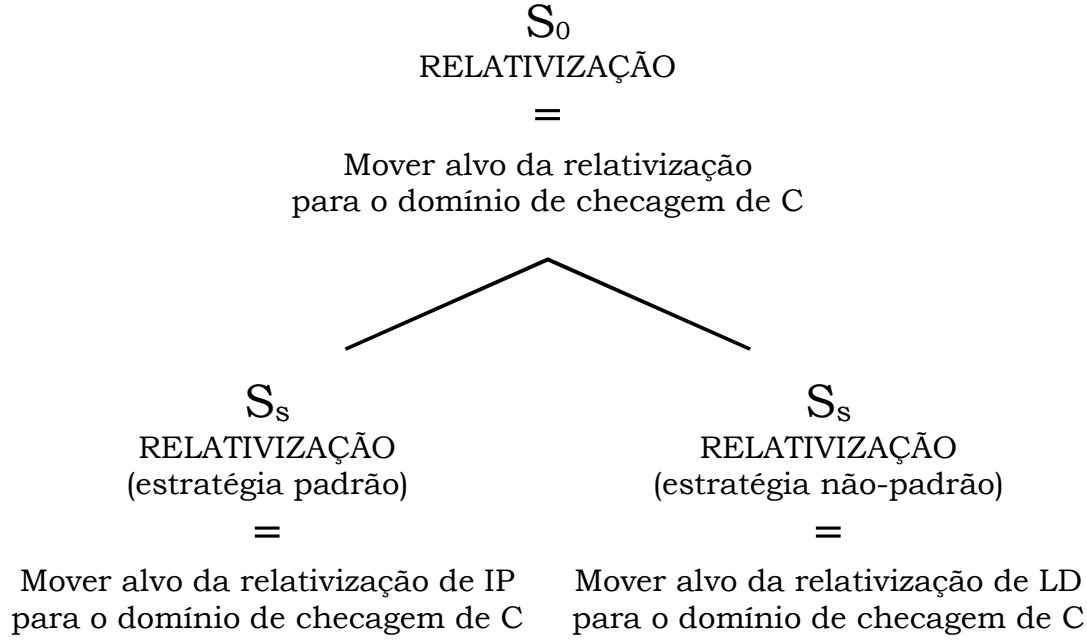
Para discussão desse problema e dessa hipótese, considero aqui a caracterização da gramática alvo apresentada no capítulo II, assumindo que: a) as relativas não-padrão em PB envolvem extração de LD, enquanto as relativas padrão envolvem extração a partir de IP (conforme proposta de Kato e Nunes (2007); b) o contexto de relativização apositiva é impróprio à ocorrência da estratégia não-padrão; e c) as relativas livres ocorrem também como estratégia não-padrão.

Na seção 2, o problema em foco neste estudo é delineado; na seção 3, discuto o problema da aquisição das relativas de sujeito e de

objeto direto, primeiras a aparecer nas amostras de fala das crianças pesquisadas; na seção 4, discuto o caso da aquisição das relativas-PP, que aparecem nas amostras quase que absolutamente como estratégia não-padrão; e, na seção 5, são feitas algumas considerações finais.

2 Do estado inicial S_0 ao estado estável S_s

Vamos delinear o problema em foco neste estudo a partir da aplicação do pressuposto inatista de que o ponto inicial da aquisição é o S_0 (a GU) e o ponto final o S_s (a L-I).[84] Assim, a aquisição da relativização em PB pode ser representada pelo seguinte esquema:



[84] A Língua-I (L-I) é compreendida, dentro do quadro teórico gerativista, como o conhecimento lingüístico existente na mente de quem conhece uma língua particular, correspondendo ao estado a que se chega quando ocorre o processo de aquisição da linguagem. De acordo com Chomsky (1986), esse processo compreende pelo menos um estado inicial da faculdade da linguagem S_0 e um estado estável S_S.

O esquema acima mostra que existem duas possibilidades de S_s para a relativização em PB. A questão é saber o que leva a criança a uma e à outra e quando isso ocorre. Se ambas são adquiridas ao mesmo tempo ou se uma aparece antes da outra.

Para essa discussão, vamos partir das observações empíricas apresentadas no capítulo IV: a) a estratégia de movimento está presente desde o início do processo de aquisição de relativas; e b) há uma visível dificuldade com a aquisição da estratégia com *pied-piping* da preposição, que contrasta com a facilidade de aquisição das relativas-PP não-padrão.

3 A relativa de movimento como estratégia mais econômica

Procurando uma explicação teórica para o que foi observado empiricamente — a ocorrência da estratégia de movimento na gramática infantil —, fundamento essa discussão na proposta de Hornstein (2007) que, retomando a análise de Lees e Klima (1963)[85], propõe que derivações com movimento (compreendido nas condições da teoria de cópia) são mais econômicas do que derivações que recorrem ao uso de pronome-ligado. Com tal proposta, o autor procura defender que pronomes-ligados são os últimos recursos usados quando opções gramaticais mais econômicas não podem ser empregadas.

O autor procura motivar sua proposta demonstrando que pronomes-ligados são ilícitos quando movimento é permitido. Sua análise começa com a comparação entre pronomes-ligados e reflexivos, partindo da idéia de que, se reflexivos forem produtos de movimento (ver CHOMSKY, 1986, 1993; LIDZ e IDSARDI, 1997; ZWART e JAN-WOUTER,

[85] LEES, R.; KLIMA, E. Rules for English pronominaliztion. **Language**, Washington, v. 39, p. 17–28, 1963.

2002; HORNSTEIN, 2001; GROHMANN, 2003)[86], não será permitido que um pronome ocorra onde for possível um reflexivo (cf. (1)).

(1) a. John$_1$ likes himself$_1$
[*John gosta de si mesmo*]

b. *John$_1$ likes him$_1$
[*John gosta dele*]

c. {John, likes} (HORNSTEIN, 2007, p.359)

O autor pressupõe que reflexivos e pronomes-ligados não são elementos lexicais, mas formativos gramaticais que entram no curso da derivação.[87] Por isso, (1a) e (1b) teriam (1c) como numeração e seriam portanto comparáveis. Assim, porque a operação de movimento que resulta no reflexivo em (1a) é o suficiente para a convergência da derivação, a pronominalização em (1b) é ilícita.

Os pronomes são, então, uma espécie de "tapa buraco" no sistema derivacional, empregados quando movimento falha, de acordo com

---

[86] CHOMSKY, N. 1993. A minimalist program for linguistic theory. In: CHOMSKY, N. 1995b. (_____ **The Minimalist Program**. Massachusetts: MIT Press. 1995. 419 p.)

CHOMSKY, N. **Knowledge of language**. New York : Praeger; 1986. 354p.

GROHMANN, K. **Prolific domains**. Amsterdam: John Benjamins; 2003. 369 p.

HORNSTEIN, N. **Move!** A minimalist approach to construal Oxford: Blackwell. 2001. 248p.

LIDZ; J.; IDSARDI, W. Chains and phon-logical form. **Working Papers in Linguistics,** Pennsylvania, v.5, n. 1, 109–125, 1997.

ZWART, C.; JAN-WOUTER. Issues related to a derivational theory of binding. In: EPSTEIN, S. D.; SEELY, T. D. (eds) **Derivation and Explanation in the Minimalist Program**. Oxford: Blackwell ; 2002. p. 269–304.

[87] O autor assume que material semanticamente ativo não pode ser inserido no curso da derivação (devido à Condição de Inclusividade (ver CHOMSKY, 1995)), mas que o material semanticamente inerte pode. Como formativos gramaticais, reflexivos e pronomes-ligados são elementos semanticamente inertes, por isso sua inserção no curso da derivação não viola Inclusividade.

Hornstein (2007). Dessa maneira, os pronomes podem ser usados, segundo o autor, para "salvar" a derivação em contexto de ilha (cf. (2a) e (2b)); para fazer ligação quando movimento não se fizer suficiente (cf. (3b)); e como expletivos para permitir a convergência quando não houver nada mais na numeração (cf. (4)).

(2) a. John is a person who Mary met someone who admired *(him)
[*John é uma pessoa que Mary conheceu alguém que admirou *(ele)*].

b. John is a person who Mary wondered when a portrait of *(him) would appear in the NYT
[*John é uma pessoa que Mary desejou saber quando um retrato de *(ele) apareceria no NYT*]

c. John is a person who Mary heard that Frank likes (*him)
[*John é uma pessoa que Mary ouviu que Frank gosta (*dele)*]

(3) a. *who$_1$ you told me that t_1 was kissing a dog
[*quem você me contou que estava beijando um cachorro*]

b. who$_1$ you told me that he$_1$ was kissing a dog
[*quem você me contou que ele estava beijando um cachorro*]

c. who$_1$ you told me t_1 was kissing a dog
[*quem você me contou (que) estava beijando um cachorro*]

d * who$_1$ you told me he$_1$ was kissing a dog
[*quem você me contou (que) ele estava beijando um cachorro*]

(4) it seems that John$_1$ was told t_1 that Mary left
[*(expl.) parece que John contou que Mary partiu*]

(HORNSTEIN, 2007, p.365-368)

Conforme o autor, os exemplos em (2) ilustram a observação de Ross (1967) de acordo com a qual violações de ilha são melhoradas quando o vazio é preenchido com um pronome. Estes exemplos contrastam com a sentença em (2c), na qual o uso de um pronome degrada a aceitabilidade da sentença. Os exemplos em (3) mostram que pronomes podem salvar a derivação em casos de *that-t effect* (compare (3a) com (3b)). Em contraste, quando não há *that-t effect*, um pronome degrada a aceitabilidade (compare (3c) com (3d)). E, em (4) o expletivo *it* é inserido porque o movimento de *John* não levaria a derivação à convergência. O autor demonstra o emprego do pronome como último recurso também nos seguintes exemplos de relativização em francês:

(5) a. L'homme [sur qui$_1$ tu te fies t$_1$]]
the man on whom you rely yourself
[*o homem em quem você se fia*]

b. L'homme [que 0$_1$ [tu as vu t$_1$]]
the man that you have seen
[*o homem que você viu*]

c. L'homme [qui 0$_1$ [t$_1$ est venu]]
the man who came
[*o homem que veio*]

(6) a. Un gars que je me fierais sur lui
a guy that I rely myself on him
[*um sujeito que eu me fio nele*]

b. ??L'homme que je l'ai vu
the.man that I him have seen
[*o homem que eu vi ele*]

c. ??La fille qu'elle est venue
the girl that she came
[*a garota que ela veio*]

(HORNSTEIN, 2007, p. 366)

O autor explica que, comparando a relativa padrão em (5a) à estratégia com pronome resumptivo em (6a), verificamos que o pronome resumptivo evita, em caso de não ocorrência de *pied-piping* preposicional, que a preposição fique órfã (*prepositional-stranding*), algo não permitido em francês. Mas, em (6b) e (6c), a presença do resumptivo degrada essas sentenças, que são menos aceitáveis que a versão com movimento em (5b) e (5c). Ou seja, segundo o autor, o pronome resumptivo aparece para que a derivação sem *pied-piping* possa convergir. Quando isso não é necessário, a preferência é da estrutura com movimento.

No caso do PB, vimos no capítulo III que não temos entre as relativas padrão e não-padrão estratégias comparáveis (porque relativas padrão e não-padrão partem de numerações diferentes nessa língua, uma vez que na última temos a estrutura de LD), mas podemos analisar que, no âmbito da estratégia não-padrão, um resumptivo na posição relativizada de sujeito, em contexto de ilha, salva a derivação (cf. (7)). No caso das relativas de objeto direto, o resumptivo que salva a derivação em contexto de ilha pode ser realizado ou nulo (cf. (8)).

(7) esse é [$_{DP}$ o [$_{CP}$ **[$_{DP}$ funcionário$_i$ [$_{DP}$ que t_i]]$_k$** [$_{CP}$ C [$_{LD}$ **t_k** [$_{IP}$ o gerente elogiou o negócio que **ele$_k$** /***t_k** fechou]]]]]

(8) este é o [$_{DP}$ o [$_{CP}$ **[$_{DP}$ livro$_i$ [$_{DP}$ que t$_i$]]$_k$** [$_{CP}$ C [$_{LD}$ **t$_k$** [$_{IP}$ o professor elogiou as pessoas que leram **ele$_k$ /pro$_k$/*t$_k$**]]]]]

Considerando, portanto, com base em Hornstein (2007), que a operação de movimento é mais econômica que pronominalização, podemos desdobrar a hipótese apresentada na seção 1 e considerar que, pelo fato de a aquisição dar preferência à derivação mais econômica, a criança não encontra problema para adquirir as relativas de sujeito e objeto direto como estratégia de movimento.

A previsão que se pode fazer disso é que a estratégia de relativização padrão deve ser adquirida antes da estratégia não-padrão. Assim, num contexto como o das relativas de objeto direto sem envolvimento de ilha, a preferência será para a estratégia de movimento (a padrão).[88] Quanto às relativas de sujeito, estas apresentam um contexto ainda mais favorável à estratégia padrão, uma vez que, como vimos, vários estudos mostram que não existe resumptivo nulo em posição de sujeito em PB. Com base nessa análise, as relativas de sujeito e objeto direto, que são as primeiras a aparecer e ocorrem abundantemente nos dados infantis, têm presumivelmente a estrutura em (9).

(9) a. [$_{DP}$ o [$_{CP}$ **[$_{DP}$ homem [$_{DP}$ que t$_k$]]$_m$** [$_{CP}$ C [$_{IP}$ **t$_m$** lava o pé]]]] (E., 2;3.18)

b.[$_{DP}$ o [$_{CP}$ **[$_{DP}$ carro$_k$ [$_{DP}$ que t$_k$]]$_m$** [$_{CP}$ C [$_{IP}$ vi **t$_m$**]]]] (L., 2; 4.3)

Podemos analisar, ainda, que as relativas livres, que podem ocorrer via estratégia não-padrão em PB, como vimos, devem também ser

[88] Lembrando que, nesses dois tipos de relativas não se tem, na estrutura superficial das sentenças, uma pista de que estratégia está sendo empregada. Pela análise de Tarallo (1983), tanto para as relativas de sujeito quanto para as de objeto direto há uma dupla possibilidade de estrutura subjacente — ou se trata de estratégia *gap-leaving* ou da estratégia padrão. Já para Kato e Nunes (2007) essa dupla possibilidade para a estrutura subjacente só ocorre no caso da relativa de objeto direto fora de contexto de ilha, como vimos.

adquiridas como relativas padrão, quando o alvo da relativização é um sujeito ou objeto direto. Assim, as relativas livres produzidas por A.L. e por seu interlocutor em (10) têm, presumivelmente, a estrutura representada abaixo.

(10) a. ó [$_{CP}$ **o que$_i$** [$_{CP}$ C[$_{IP}$ eu faço **t$_i$**]]] (A. L., 3;6.5)

b. fale aí outro nome de [$_{CP}$ **quem$_i$** [$_{CP}$ C [$_{IP}$ **t$_i$** vai dançá]]] (interlocutor de A.L.)

Dessa maneira, a análise feita neste estudo para aquisição das relativas de sujeito e objeto direto se conforma com as análises de Corrêa (1998), Guasti (2002), Guasti e Cardinaletti (2003) e Grolla (2000, 2005a), que consideram a hipótese de que essas relativas sejam adquiridas como estratégia de movimento. A análise deste estudo é, em particular, bastante parecida com a análise de Grolla (2005a) pelo fato de essa autora considerar que a estratégia de movimento, presente no primeiro estágio, é "presumivelmente uma opção universal" (*Ibidem*, p. 178). Todavia, a análise aqui feita se distancia da análise dessa autora no que diz respeito à discussão que ela faz para os estágios posteriores.

Conforme essa autora, no terceiro estágio, "quando a criança adquirir *pro*, as lacunas na posição de objeto direto corresponderão a um pronome nulo e a estratégia de movimento não precisará mais ser empregada" (GROLLA, 2005a, p. 177). Por que motivo haveria um momento em que a estratégia universal, mais econômica pela proposta de Hornstein (2007), não precisaria mais ser empregada? Dentro do contexto das relativas de sujeito e objeto direto essa análise parece estranha. Mesmo com a aquisição da estratégia não-padrão, evidenciada quando a criança passa a realizar relativas não-preposicionais com o resumptivo realizado ou nulo, como as relativas repetidas em (11a) e (11b), nada a

impede de continuar empregando a estratégia de movimento em relativas não-preposicionais, em exemplos como (12a) e (12b).[89]

(11) a. era uma vez um coelhinho que *ele* pula assim (A.L., 3;3.12)

b. ó qui negocinho dela que ela qué bincá *pro*, mamãe (L. 2;1.19)

(12) a. eu queo vê o cachorro que *t* tá lá bincano com o binquedim (L. 2;1.19)

b. o pexe que a cozinhera comprô *t* (A.L., 3;5.28)

4 A relativa-PP não-padrão como estratégia mais econômica

No que diz respeito às relativas-PP, os dados analisados neste estudo e em trabalhos anteriores, como Corrêa (1998), mostraram que essas relativas ocorrem em PB oral, quase que unicamente, como estratégia não-padrão. Com exceção das relativas que apresentam o relativo *onde* (locativas), todas as relativas-PP restritivas encontradas nos *corpora* da fala infantil e da fala dos adultos são relativas não-padrão. Considerando que a estratégia com alçamento a partir de IP tem-se mostrado até agora preferível à que recorre ao pronome resumptivo (realizado ou nulo), que justificativa se pode ter para a preferência pela estrutura com resumptivo nulo em (13a) e (14a) à estrutura com movimento em (13b) e (14b)?

[89] Uma vez que as estrutras das estratégias padrão e não-padrão não são comparáveis, porque a última se baseia na construção de LD, diferenciando-se da primeira, a criança não encontrará um contexto de alternância *movimento/pronome resumptivo*, envolvendo relativas padrão, quando os pronomes resumptivos realizados e nulos forem adquiridos.

(13) a. essa é a *futa que* [$_{LD}$ t] mais gota *pro* (A.L., 3;2.29)
b. essa é a *fruta de que* mais gosto t

(14) a. o *otro cachorro que* [$_{LD}$ t] você viu os dente *pro* (Interloc. de A.L.)
b. o *outro cachorro cujos dentes* você viu t

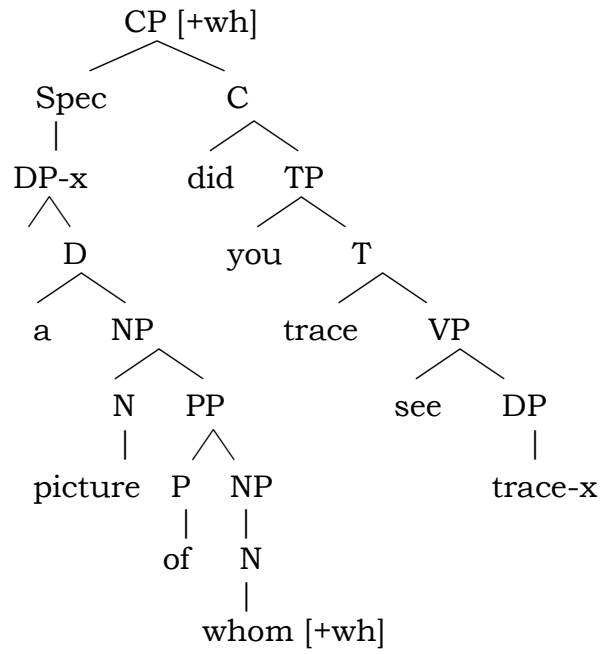
Essa questão será aqui analisada com base na discussão de Roeper (2003) a respeito da operação de *pied-piping*. O autor comenta que um dos mistérios surpreendentes da gramática é a existência de *pied-piping* e questiona por que o sintagma *a picture of whom* se move inteiro (cf. (15a)), se seria o bastante mover *who* (cf. (15b))?

(15) a. a picture of whom did he see
[*um quadro de quem ele viu*]

b. who did he see a picture of
[*quem ele viu um quadro de*] (ROEPER, 2003, p. 4)

Segundo Roeper (2003), se ambos são gramaticais, ambos fazem *checagem de traço*. No caso de (15a), é necessário que a estrutura do DP movido (DP, D, NP, PP, NP, N) seja transposta, conforme explica o autor, para que a *checagem de traço* encontre o traço [+wh] no objeto do PP (*picture of whom*), isto é, encontre o traço [+wh] em *whom* (cf. (16)). Chomsky (1995, p. 268) rotula este processo de *Seek Sublabel* (Busca de Subetiquetas).

(16)

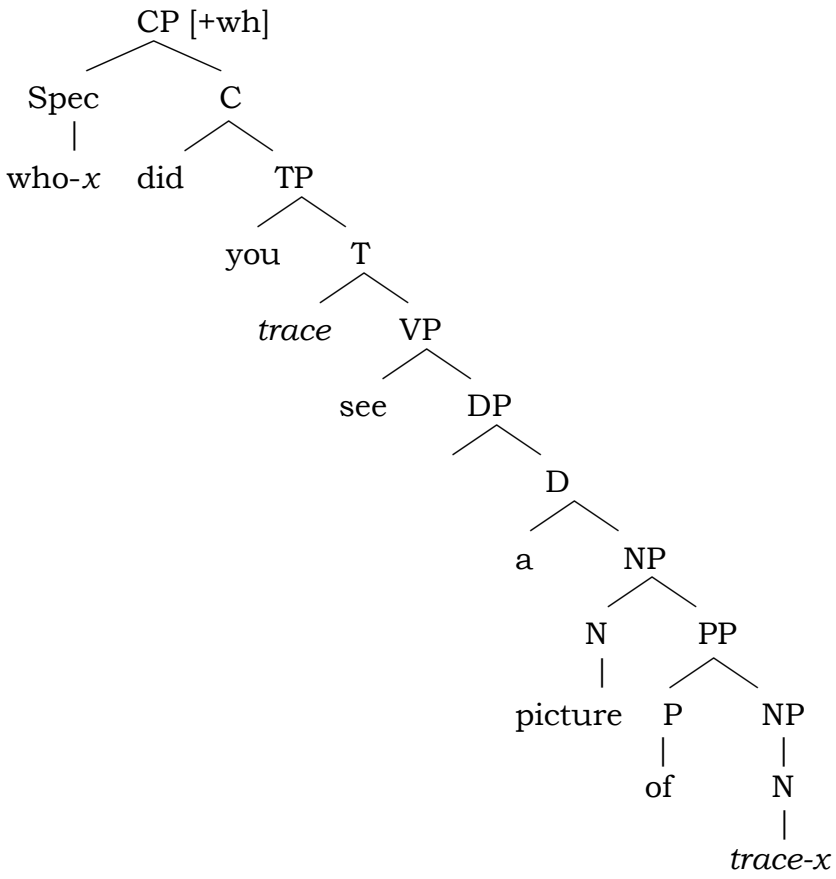


(ROEPER, 2003, p.5)

A forma alternativa em (15b) requer, conforme Roeper (2003), *Seek Sublabel* mínimo[90], porque o traço [+wh] é dominado imediatamente por SpecCP (cf. (17)).

[90] *Seek sublabel* mínimo corresponde à opção para a checagem do traço pertinente, atravessando o menor número de nódulos possível. Essa quantidade mínima de nódulos a serem atravessados pode variar de uma sentença para outra.

(17)



(ROEPER, 2003, p.6)

Roeper (2003) argumenta que a gramática deve capturar a noção de *Seek Sublabel* como uma parte do sistema de economia[91], ou seja, para o autor, economia prefere/requer profundidade mínima para a operação de *Seek Sublabel.* Isto explicaria a intuição dos falantes, cuja preferência seria por (15b), isto é, a maioria das pessoas sente, conforme o autor, *a picture of whom did you see* como uma estrutura mais complexa do que *who did he see a picture of*.

[91] Podemos perguntar aqui por que existem ambas as opções em certas línguas — a estratégia com *pied-piping* e a estratégia com *prepositional-stranding*— se a gramática deve capturar a noção de *Seek Sublabel* como uma parte do sistema de economia. Esta é uma questão que Roeper (2003) trata considerando que fatores diferentes de economia estão relacionados a módulos diferentes da gramática. Veremos isso adiante.

Além da questão de preferência do falante, Roeper (2003) mostra que a dificuldade em satisfazer um traço-wh profundo também pode produzir uma diferença de gramaticalidade. É o que se observa no exemplo abaixo, em que claramente o traço [+wh] deve ser satisfeito imediatamente, excluindo-se a opção com *pied-piping* em (18b):

(18) a. I wonder who you have a picture of
[*eu desejo saber quem você tem um quadro de*]

b. * I wonder a picture of whom you have
[*eu desejo saber um quadro de quem você tem*]

(ROEPER, 2003, p.6)

A questão para Roeper (2003) é, então, saber como capturar a distinção de gramaticalidade afiada entre (18a) e (18b) ao lado do contraste "mais fraco" de preferência entre (15a) e (15b). Com base em Fitzpatrick (2002), Roeper (2003) discute as noções de *Attract*, em (19a), e *Path*, em (19b)), na busca de resposta para essa questão.[92]

(19) a. *Attract Constituent under C-command* (Atração de Constituinte sob C-comando):

Mova o componente mais íntimo com traço pertinente diretamente para o domínio de checagem do traço.

---

[92] As formulações técnicas propostas por Fitzpatrick (2002)* são, segundo Roeper (2003, p. 7):

(i) *Attract Closest C-Command:*
G is the closest category in the sister of H iff there is no distinct category K such that K c-commands G and K bears a feature matching F.

(ii) *Path Quantification:*
G is the closest category in the sister of H iff there is no category K bearing a feature matching F such that the path P' that would result from movement of K is smaller than the path P that would result from movement of G.

* FITZPATRICK, J. On Minimalist Approaches to the Locality of Movement. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v. 33, n.3, p. 443-463, 2002.

b. *Path Quantification* (Quantificação de Percurso):
Escolha o percurso mais curto na árvore para satisfazer um traço.

De acordo com essa proposta, a gramaticalidade afiada em (18) e a preferência por (15b) são capturadas naturalmente pelo espírito de *Attract*, enquanto a gramaticalidade de (15a) pode ser explicada invocando o espírito de *Path*. Segundo o autor, movendo um constituinte grande (*pictures of whom*), faz-se um caminho curto, mas não se atrai a categoria mínima (*whom*).[93] *Attract* e *Path* correspondem a fatores diferentes de economia relacionados, de acordo com a análise do autor, a módulos diferentes da gramática.

Assim, economia deveria ser medida independentemente em cada módulo (ver ROEPER, 1999). Segundo o autor, o módulo semântico estaria sujeito ao impacto de variação sintática. A conseqüência é que simplicidade sintática pode gerar complexidade semântica.[94] Se esta proposta para variação sintática/semântica estiver correta, então deve haver, conforme Roeper (2003), uma distinção entre:

---

[93] Explica o autor, "we have utilized an economic notion — Attract — to account for the preference for (ia) and the notion of SeekSublabel/Path to account for the grammaticality of (ib)" (ROERPER, 2003, p. 17).

(i) a. who did you want a pictured of
b. a picture of whom did you want (*Ibidem*, p. 17)

[94] Roeper (2003) argumenta que as preferências encontradas em módulos individuais seriam típicas de tipos de gramática. Uma gramática de língua V-2 maximiza simplicidade semântica, mas cria complexidade sintática. Uma gramática de inserção do auxiliar *do* (*do-insertion*) maximiza simplicidade sintática, mas cria complexidade semântica. Línguas particulares exibirão preferências diferentes para módulos diferentes, diferente registros de fala e diferentes classes lexicais. Para Roeper (2003), essa questão conduz a uma teoria de Gramáticas Múltiplas. (ver ROEPER, 1999*; YANG, 2000**).

* ROEPER, T. Universal Bilingualism. **Bilingualism: Language and Cognition**, Cambridge, v. 2, n.3, p. 187-203, 1999.

** YANG, C. **Knowledge and Learning in Natural Language**. 2000, [s.p.] Dissertation (Doctoral) - Massachusetts Institute Techonology, Cambridge, 2000.

(20) a. a picture of whom do you want to see
[*um quadro de quem você quer ver*]

b. who do you want to see a picture of
[*quem você quer ver um quadro de*]

Roeper (2003, p. 21)

Roeper (2003) argumenta que, enquanto (20a) favorece a leitura de escopo-largo (um quadro qualquer), (20b) favorece a leitura de escopo-estreito (um quadro particular que alguém quer ver). Assim, o autor vê nas interferências sintáticas no módulo semântico uma razão para que *Attract* estrito não seja sempre obedecido para a operação de movimento-wh. Ou seja, isto explicaria por que existe *pied-piping* se *prepositional-stranding* é uma estratégia sintaticamente mais econômica.

Com relação à questão da aquisição da linguagem, Roeper (2003) considera que, se a análise acima estiver correta, há evidência de que a preferência em aquisição se dá por *Attract* e não por *Path*, se aquisição da gramática se conforma com economia. [95]

[95] O autor encontra evidência empírica a favor de *Attract* em dados nos quais as crianças fazem inserções não-enfáticas do auxiliar *do* em orações declarativas sem modelos do adulto (cf. (i) e (ii) abaixo). Isto aconteceria em inglês, holandês, e alemão (ver HOLLEBRANDSE e ROEPER, 1995*; SCHÖENENBERGER e PENNER, 1995**). Para o autor, "the preference for do-insertion over verb-movement suggests that the designation Last Resort is uninformative. One might more accurately say First Resort." (ROEPER, 2003, p. 10)

(i) a. " I do have juice in my cup"
[*Eu* aux. *tenho suco em minha xícara*]

b. "I do taste them"
[*Eu* aux. *provo eles*]

(ii) a. "ik doe ook verven" [I do also paint]
[*Eu* aux. *também pinto*]

b. "dat doe ik spelen" [that do I play]
[*que* aux. *eu jogo*]

(VAN KAMPEN, 1996****, *apud* ROEPER, 2003, p. 9-10)

Em relação à relativização, essas evidências são contundentes. Como vimos, a aquisição da relativa com *pied-piping* preposicional é preterida tanto em línguas de *pied-piping* obrigatório, como atestam Guasti e Cardinaletti (2003) em estudo do francês e italiano, e Corrêa (1998), Perroni (2001) e o presente estudo, no caso do PB, quanto em línguas que admitem *prepositional-stranding*, como atestam e McDaniel *et al* (1998) em estudo do inglês.

Voltando nossa atenção para a questão da aquisição de relativas-PP em PB, sabemos que, se assumimos a proposta de Kato e Nunes (2007) para a estrutura das relativas não-padrão em PB, não temos entre as estratégias padrão e não-padrão estruturas que entram em competição, porque estas partem de numerações diferentes. Entretanto, no contexto da aquisição de relativas-PP analisado aqui, a criança está posta diante duas estratégias de relativização e apresenta preferência por uma delas, como se verifica empiricamente. Precisamos, portanto, explicar por que o

---

Essas evidências também são apontadas pelo autor com base em dados nos quais as crianças apresentariam preferência por C-comando imediato. Segundo Roeper (2003, p. 10), "Hoekstra, Koster, and Roeper (1992)*** found both naturalistic and experimental evidence that children will break the left-branch constraint in order to honor Feature-command". (cf. exemplos em (iii))

(iii) a. "how am I big" for "how big am I"
[*quão sou eu grande*] [*quão grande sou eu*]

b. "How is it long" for "how long is it"
[*quão é isto longo*] [*quão longo é isto*]

* HOLLEDBRANDSE, B.; ROEPER, T. The Concept of Do-insertion and the Theory of INFL in Acquisition. In: KOSTER, C.; WYNEN, F. **Groningen Assembly on Language Acquisition**. Cambridge: Cambridge University Press; 1995. p 261-270.

** SCHÖNENBERGER, M.; PENNER, Z. Probing Swiss German Clause by Means of the Placement of Verbal Expletives: Tun "do" insertion and verb-doubling. In: PENNER, Z. (ed) **Topics in Swiss German Syntax.** Bern: Peter Lang; 1995. p. 291-330.

*** HOEKSTRA, T.; KOSTER, H.; ROEPER, T. Acquisition of the Leftbranch Condition. In: **16th Annual Boston University Conference on Language development**. Boston: Mass, 1992.

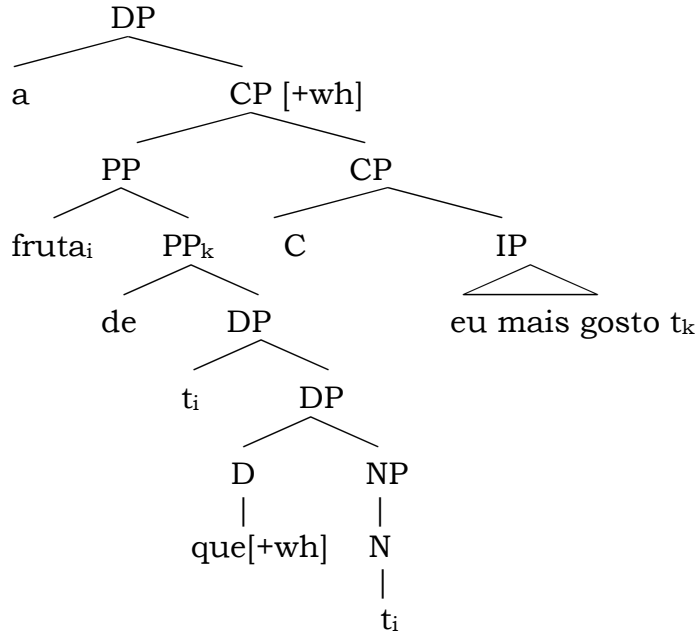
**** VAN KAMPEN, J. PF/LF Convergence in Acquisition. In: NORTH EAST LINGUISTICS SOCIETY CONFERENCE, 26 (NELS 26)., 1996, Cambridge. **Procedings...** Cambridge, Garvard/MIT, 1996, p. 25-27.

mecanismo da aquisição leva a criança à preferência observada. A análise de Roeper (2003) nos fornece uma alternativa de explicação para esse fato.

Como vimos, para Roeper (2003), a gramática deve capturar a noção de *Seek Sublabel* como uma parte do sistema de economia, preferindo ou requerendo profundidade mínima para essa operação, isto é, preferindo o menor número possível de nódulos a serem atravessados na checagem do traço pertinente. Na relativa com *pied-piping* em (21a), há dificuldade para a checagem do traço [+wh] devido ao número de nódulos a serem atravessados — cinco nódulos (PP, PP, DP, DP, D) — para essa operação (cf. (21b)), semelhantemente ao que ocorre com (15a), conforme a análise de Roeper (2003).

(21) a. a fruta de que eu mais gosto t

b.



Esta análise indica que há uma dificuldade inerente à operação de *pied-piping*, mesmo em línguas que não apresentam como alternativa a opção *prepositional-stranding*, quando se recorre à *Attract*. Essa dificuldade natural foi evidenciada nos dados aqui analisados através dos

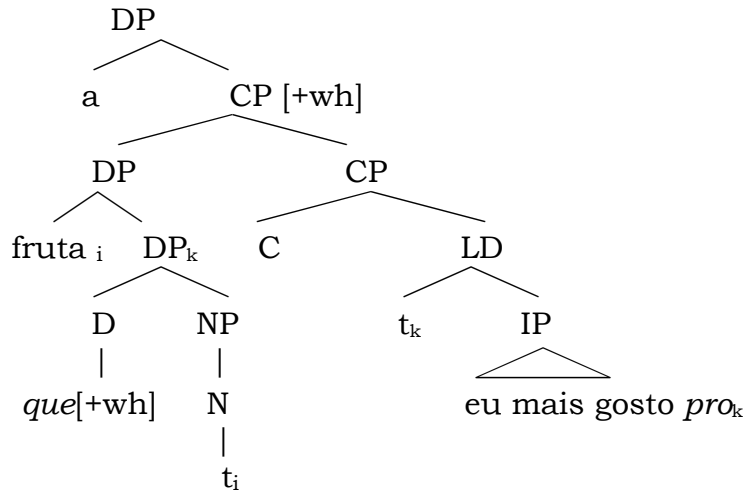
exemplos repetidos abaixo, nos quais faltou o *pied-piping* da preposição *por* (*eu vou pra minha escola por ali*; *eu vou pra minha escola por aquele passeio*).

(22) a. É ali a casa de Kaká *onde eu vô pra escola.* (A.L., 3;5.0)
b. O passeio! Aquele *onde eu vô pra minha escola*! (A.L., 3;5.0)

No caso da estratégia não-padrão, em (23b) a seguir, a posição do item com traço [+wh] a ser checado é menos profunda do que em (21b). Computamos, nesse caso, apenas três nódulos a serem atravessados (DP, DP e D). Além disso, uma coisa curiosa pode ser observada entre a estrutura da estratégia não-padrão em (23b) e a estrutura da estratégia padrão em uma relativa não-preposicional como em (24a). O traço [+wh] a ser checado se encontra num nível de profundidade idêntico nessas duas estruturas, com apenas três nódulos a serem atravessados (cf. (24b)). Ou seja, considerando que as relativas não-preposicionais padrão (as de sujeito e objeto direto) são as primeiras adquiridas pela criança, o contexto de checagem do traço [+wh] em relativas preposicionais (OI, Obl e G) não-padrão já é conhecido da criança, pois este é idêntico ao das relativas padrão de sujeito e objeto direto. Como diria Perroni (2001), pelo fato de a estratégia não-padrão ter como base a estrutura de LD, esta se torna fácil de adquirir; não pelo que aponta essa autora — a idéia de que todos os tipos de relativas são adquiridos como relativas de LD —, mas pelo fato de o elemento alçado ser um DP tanto nas relativas de sujeito e objeto direto quanto nas relativas-PP não-padrão.

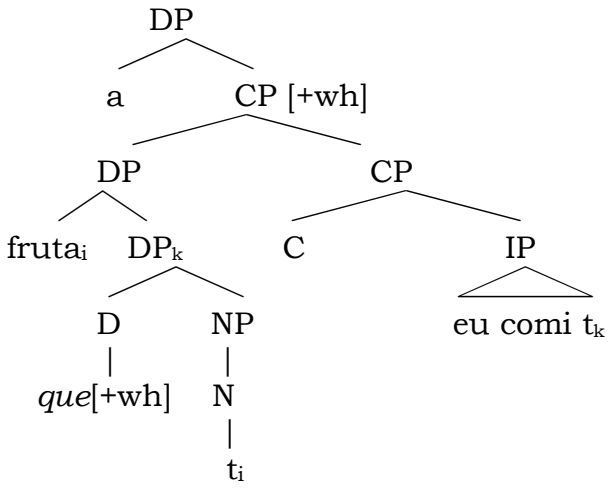
(23) a. a fruta que eu mais gosto *pro*

b.



(24) a. a fruta que eu comi t

b.



Pelo que se entende da análise de Corrêa (1998), a dificuldade na aquisição da relativa com *pied-piping* se deve a uma questão de ordem dos fatores, isto é, pelo fato de a criança ter que passar de uma estratégia já adquirida — a estratégia com base na estrutura de LD — para uma nova estratégia — a estratégia com *pied-piping.* Por essa análise, se a ordem se inverte, a dificuldade passa a ser com a relativa com base na estrutura de LD. Pela análise que faço aqui, essa dificuldade se deve antes a uma complexidade inerente à operação de *pied-piping.*

5 Últimas considerações

O problema da aquisição de relativas em PB discutido neste capítulo se localiza no esquema mostrado na seção 2 — a existência de dois estados estáveis (S_s) como resultado da aquisição da relativização (as estratégias padrão e não-padrão). As questões levantadas em torno desse problema buscam saber o que leva a criança a uma e à outra estratégia. A hipótese aqui proposta para responder a essa pergunta é que há uma relação direta entre economia e preferência na aquisição da relativização.

Com base nos estudos de Hornstein (2007) e Roeper (2003), apresentei uma discussão a favor da hipótese acima, concluindo que: a) as relativas de sujeito e objeto direto, primeiras relativas encontradas nos *corpora* investigados, são adquiridas como estratégia de movimento; e b) no caso da aquisição de relativas-PP, a preferência pela estratégia não-padrão se deve a uma dificuldade inerente à operação de *pied-piping*, mesmo em línguas que não apresentam como alternativa a opção *prepositional-stranding*.

Conclusão

O problema em foco neste estudo circunscreve-se à aquisição das estratégias de relativização em PB, que apresenta um contexto pouco claro à primeira vista. Enquanto as relativas de sujeito e objeto direto e as preposicionais não-padrão surgem com rapidez e tranqüilidade logo nos primeiros anos de aquisição da fala, a aquisição das relativas com *pied-piping* da preposição se mostra complicada, tardia, requerendo ensino formal para ocorrer. Acrescentando-se a esta observação o fato de que parecem não existir pistas claras da estrutura subjacente das relativas não-preposicionais no *input*, amplia-se o nosso problema. O que estaria guiando o processo de aquisição da relativização, em PB, que resulta neste contexto?

Como hipótese de explicação para tal fenômeno, defendo que, na aquisição da relativização, as opções preferidas são sempre as mais econômicas. Assim, pelo fato de partir da estrutura mais econômica (a estratégia padrão) a criança não encontra problema para adquirir as relativas não-preposicionais (as de sujeito e objeto direto), mesmo que a estrutura subjacente destas não esteja explícita no *input*. Quanto às relativas com *pied-piping*, estas são adquiridas tardiamente devido a uma dificuldade inerente a esse tipo de operação (*pied-piping*), o que leva a criança a uma alternativa mais econômica para o caso das relativas preposicionais — a estratégia com base na construção de LD.

Na discussão sobre a gramática alvo para a aquisição da relativização em PB, apresentei dois aspectos sobre a sintaxe das relativas em PB, não antes observados — a impossibilidade de ocorrência de relativas não-padrão em contexto de relativização apositiva e a ocorrência de relativas não-padrão como relativas livres. A análise feita mostra que

esses dois aspectos favorecem a hipótese de que a estrutura de LD estaria na base da estratégia de relativização não-padrão em PB, de Kato (1993) e Kato e Nunes (2007). Com base na proposta desses autores, foi possível explicar adequadamente estes dois aspectos, que se desdobram no seguinte contexto empírico: a) aceitabilidade da estratégia padrão como restritiva ou apositiva; b) aceitabilidade das relativas não-padrão restritivas; c) inaceitabilidade das relativas não-padrão apositivas; e d) possibilidade de as relativas livres ocorrerem também como estratégia não-padrão.

No tocante ao fenômeno de aquisição de relativas, a análise desses aspectos sintáticos da gramática alvo ressalta dois pontos importantes: a) a presença de relativas apositivas na fala infantil é evidência de que a criança relativiza por movimento-wh a partir de IP; e b) além da estratégia de alçamento a partir de IP, a aquisição de relativas em PB envolve a estrutura de LD.

Por meio de estudos anteriores sobre aquisição de relativas, verificamos que o problema da aquisição de relativas observado em PB se configura da mesma maneira em outras línguas românicas como o francês e o italiano (e mesmo numa língua não românica como o inglês). Hipóteses baseadas em diferentes quadros teóricos gerativistas são propostas na tentativa de explicar esse fenômeno. Pondo de lado as diferenças decorrentes desses vários quadros teóricos em que cada proposta se apoiou, podemos dizer que esses estudos põem em destaque quatro hipóteses principais: a) a hipótese da ausência da estratégia de movimento na gramática infantil (LABELLE, 1990, 1996); b) a hipótese dos estágios de aquisição (GROLLA, 2000, 2005a); c) a hipótese de inexistência de operadores relativos na gramática infantil, ou por falta de maturação da GU (GUASTI e SHLONSKY, 1995) ou por ausência dos pronomes relativos específicos dessa estratégia no *input* oral (GUASTI e CADINALETTI, 2003) e

d) a hipótese de relação entre preferência na aquisição de relativas e economia medida por número alçamentos na derivação (McDANIEL *et al*, 1998; HARADA, 2000).

As hipóteses de Perroni (2001) e Corrêa (1998) se aproximam da hipótese de Labelle (1990) quando prevêem dificuldade da criança com a estratégia padrão, ou por completo desconhecimento dessa estratégia (PERRONI, 2001) ou por desconhecimento dessa estratégia, pelo menos, em relação às relativas preposicionais (CORRÊA, 1998). Entretanto, porque assumem a proposta de Kato (1993), essas autoras prevêem que as crianças relativizam movendo o item em posição de LD. Neste ponto, as hipóteses defendidas por essas autoras se distanciam da hipótese de Labelle (1990).

Avaliando essas hipóteses frente aos *corpora* aqui investigados observamos que: a) as hipóteses de Labelle (1990, 1996) e de Perroni (2001) são desfavorecidas pela constatação de que as relativas apositivas surgem desde o início do processo de aquisição, uma vez que a aquisição dessas relativas é evidência de que não há dificuldade da criança com a estratégia de movimento; b) a hipótese de Grolla (2000, 2005a) é, por um lado, favorecida pela descoberta de que a relativa apositiva ocorre apenas como estratégia padrão e é adquirida bem cedo, mas por outro lado, os *corpora* investigados neste estudo não confirmam a previsão de que as relativas-PP com resumptivo nulos seriam adquiridas depois das relativas com resumptivo realizado em contexto *inequívoco de último recurso* (ver nota 75); e c) os dados analisados são desfavoráveis também à hipótese de Guasti e Cardinaletti (2003), pois mostram uma situação em que a criança não realiza *pied-piping* da preposição num contexto em que essa operação é exigida, embora ela tenha empregado o constituinte *onde*.

Com base no estudo de Hornstein (2007), analisei o fenômeno de aquisição rápida e fácil das relativas não-preposicionais em consonância

com as análises de Corrêa (1998), Guasti (2002), Guasti e Cardinaletti (2003) e Grolla (2000, 2005a), que consideram a hipótese de essas orações relativas serem adquiridas como estratégia de movimento (estratégia padrão).

Propondo que derivações com movimento (compreendido nas condições da teoria de cópia) são mais econômicas que derivações que recorrem ao uso de pronome-ligado, Hornstein (2007) procura demonstrar que pronomes-ligados são ilícitos quando movimento é permitido. Assim, o pronome resumptivo aparece, conforme o autor, para que a derivação sem *pied-piping* possa convergir. Se este não é necessário, a preferência é da estrutura com movimento. A previsão que se pode fazer disso para aquisição é que a estratégia de relativização padrão deve ser adquirida antes da estratégia não-padrão. Assim, defendo que as relativas de sujeito e objeto direto, que são as primeiras a aparecer e ocorrem abundantemente nos dados infantis, são presumivelmente relativas padrão.

Para Grolla (2000, 2005a), a estratégia de movimento não precisa mais ser empregada quando a criança adquire a categoria vazia *pro* para as posições de objeto direto e objetos preposicionais, no terceiro estágio de aquisição da periferia esquerda da sentença. Partindo do pressuposto de que a estratégia de movimento (a padrão) é a mais econômica e é universal, essa idéia não se justifica.[96]

Com relação à aquisição das relativas preposicionais, o que se verifica empiricamente contrasta com essa noção de que a estratégia padrão seria preferível à que recorre ao pronome resumptivo (realizado ou

[96] Considerando o argumento que apresentei no capítulo III, de acordo com o qual também as relativas de objeto direto não-padrão e relativas preposicionais com $pro_{especial}$ não são comparáveis à estratégia padrão (uma vez que a estrutura subjacente dessas se baseia na construção de LD, diferentemente da estratégia padrão), não temos razão para supor que a aquisição dos resumptivos realizado e nulo bloquearia a estratégia de movimento (a padrão).

nulo), pois na fala infantil investigada não se encontrou a estratégia com *pied-piping*, mesmo quando o contexto o exigia, como em relativas igual a *O passeio! Aquele onde eu vô pra minha escola*! (A.L., 3;5.0).

Busquei explicação para tal fato na proposta de Roeper (2003), com base na qual assumo que há uma dificuldade inerente à operação de *pied-piping*. De acordo com a análise do autor, Economia prefere/requer profundidade mínima[97] para a operação de *Seek Sublabel* (Busca de subetiquetas). Assim, entre as operações *Attract Constituent under C-command* (mova o componente mais íntimo com traço pertinente diretamente para o domínio de checagem do traço)[98] e *Path Quantification* (escolha o percurso mais curto na árvore para satisfazer um traço)[99] a primeira seria a mais econômica. Isso se evidencia na larga preferência pelas estruturas sem *pied-piping*, isto é, com *prepositional-stranding* em línguas como o inglês.

De acordo com a análise do autor, *Attract* e *Path* correspondem a noções diferentes de economia relacionadas a módulos diferentes da gramática. Assim, o módulo semântico estaria sujeito ao impacto de variação sintática, resultando num contexto em que simplicidade sintática pode gerar complexidade semântica. O autor vê, portanto, nas interferências sintáticas no módulo semântico uma razão para que *Attract* estrito não seja sempre obedecido na operação de movimento-wh. Daí a possibilidade de ocorrência também da estratégia com *pied-piping*, mesmo existindo uma estratégia sintaticamente mais econômica.

---

[97] *Profundidade mínima* corresponde ao menor número possível de nódulos a serem atravessados na operação de checagem do traço pertinente. No caso da relativização, o traço a ser checado é o traço [+wh].

[98] Mover o componente *mais íntimo* implica ter um número mínimo de nódulos a serem atravessados para checagem de traço.

[99] Escolha de *percurso mais curto* implica mover um componente grande, com mais nódulos a serem atravessados, dois PPs, dois DPs e D em vez de apenas dois DPs e D, por exemplo.

Para a questão da aquisição da linguagem, Roeper (2003) considera que deve haver evidência de que a preferência em aquisição seria por *Attract* e não por *Path*, se aquisição da gramática é guiada por economia. Podemos dizer que, em relação à relativização, essas evidências são contundentes, uma vez que a aquisição da relativa com *pied-piping* preposicional é preterida tanto em línguas de *pied-piping* obrigatório — francês, italiano, PB —, quanto em línguas que admitem *prepositional-stranding* — inglês.

Assim é que, mesmo em uma língua como o PB, que não apresenta a estratégia de *prepositional-stranding* como alternativa, constatamos que existe dificuldade para aquisição da estratégia com *pied-piping*. A estratégia não-padrão se torna, no caso das relativas preposicionais, uma opção preferível porque, além de a posição do item com traço [+wh] a ser checado não ser tão profunda quanto na estratégia padrão[100], a criança encontra na estratégia não-padrão um contexto já conhecido de checagem do traço [+wh], pois este contexto é idêntico ao das relativas não-preposicionais padrão (as de sujeito e objeto direto) já adquiridas.[101]

Portanto, pela análise aqui feita, tanto a aquisição das relativas de sujeito e objeto direto como estratégia padrão quanto a aquisição das relativas preposicionais como estratégia não-padrão se deve ao fator economia. Chamamos a atenção aqui para a observação de Roeper (2003)

---

[100] Nas relativas-PP padrão o traço [+wh] a ser checado está a cinco nódulos de profundidade (dois PPs, dois DPs e D) (cf. (ia)) enquanto que nas relativa-PP não-padrão esse traço está a três nódulos de profundidade (dois DPs e D) (cf. (ib)).

(i) a. [DP a [CP[+wh] [PP fruta$_i$ [PP de [DP t$_i$ [DP que$_{[+wh]}$ t$_i$]]]]$_k$ [CP C [IP eu mais gosto t$_k$]]]]

b. [DP a [CP[+wh] [DP fruta$_i$ [DP que$_{[+wh]}$ t$_i$]]$_k$ [CP C [LD t$_k$ [IP eu mais gosto *pro*$_k$]]]]]

[101] Nas relativas padrão de sujeito e objeto direto, o traço [+wh] a ser checado está também a três nódulo de profundidade (dois DPs e D) (cf. (i)), como ocorre com as relativas-PP não-padrão.

(i) [DP a [CP[+wh] [DP fruta$_i$ [DP que$_{[+wh]}$ t$_i$]]$_k$ [CP C [IP eu comi t$_k$]]]]]

de que as opções mais econômicas têm preferência na aquisição, mas este fator não as torna únicas. Isto é um fato que inclui não só as relativas com *pied-piping*, mas também as relativas não-preposicionais. Assim, o contexto de aquisição de relativas de uma língua como o PB apresenta duas estratégias de relativização. Ambas serão adquiridas, mas com base no critério de preferência pela mais econômica. A estratégia de movimento é a mais econômica para a aquisição das relativas de sujeito e objeto direto e a estratégia com base na estrutura de LD é a mais econômica para a aquisição das relativas preposicionais.

Referências

ALEXANDRE, Nélia Pedro. **A Estratégia Resumptiva em Relativas Restritivas do Português Europeu**. 2000. 231f. Dissertação (Mestre) — Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa. 2000.

ARIM, Eva; RAMILO, Maria Celeste; FREITAS, Tiago. **Estratégias de relativização nos meios de comunicação social portugueses.** 2005. Disponível em: http://www.iltec.pt/pdf/wpapers2005-redip-relativas.pdf. Acesso em 19/jan/2008.

BIANCHI, V. **Consequences of antisymmetry: headed relative clauses**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999. 357p.

_____ The raising analysis of relative clauses: a reply to Borsley. **Linguistic Inquiry**, Cambridge v. 31, n. 1, p.123-140, 2000.

BORSLEY, R. Relative clauses and the theory of phrase structure. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v. 28, n.4, p. 629-647, 1997.

BOUCHARD, D. An alternative to wh-movement in French relative clauses. In: CRESSEY, W. W.; NAPOLI, D. J. (eds) **Linguistic Symposium on Romance Languages**. Washington: Georgetown University Press, 1981. p. 216-226.

BRESNAN, J.; GRIMSHAW, J. The syntax of free relatives in English. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v.9, n.3, p.331-391, 1978.

BRITO, A. M. **A Sintaxe da Orações Relativas em Português**. Porto: Editora da Universidade do Porto; 1991. 279p.

CÂMARA Jr., J. M. **Dicionário de Lingüística e Gramática**. São Paulo: Vozes; 1977, 266p.

CHIMBUTANE F. A estratégia de pronome resumptivo na formação de orações relativas de OD e Obl do português de Moçambique. **Actas do XI Encontro da ALP**. Lisboa: Colibri, v. 3, p. 225-248, 1996.

CHOMSKY, Noam. **Syntactic Structure**. Haia Mouton; 1957. 117p.

_____ **Aspects of the theory of the syntax**. Massachusetts: The MIT Press; 1965. 251p.

_____ On Wh-movement. In: CULICOVER, P.; WASOW, T.; AKMAJIAN, A. (eds.). **Formal syntax**. New York: Academic Press; 1977. 513p.

_____ **Lectures on Government and Biding**. Dordrecht: Foris Publications; 1981. 371p.

_____ **Knowledge of Language:** its nature, origin and use. New York: Praeger, 1986. 323 p.

_____ **The Minimalist Program**. Cambridge: MIT Press.1995. 419 p.

CINQUE, G. **Types of A'-dependencies**, Cambridge: The MIT Press; 1990. 242p.

COOPER, R. **Quantification and Syntactic Theory**. Dordrecht/Boston/London: D. Reidel Publishing Company; 1983, 217p.

CORRÊA, L. M. S. **On the comprehension of Relative Clauses: a developmental study with reference to Portuguese**. 1986. 290p. Tese (Doutorado) — University of London, LSE, Grã-Bretanha. 1986.

_____ An alternative account of children's comprehension of relative clauses. **Jounal of Psycholinguistics Research**, New York, v. 24, n. 3, p. 183-203, 1995.

CORREA, V. R. **Oração Relativa**: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil. 1998. 164p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998.

_____ Aprendendo a Relativa Padrão na Escola. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 36, p. 71-83, 1999.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1985. 724 p.

CYRINO S. M. L. Observações sobre mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs.). **Português Brasileiro: uma Viagem Diacrônica**, Campinas: Editora da Unicamp; 1993. p. 163-184.

CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E.; KATO, M.A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO E. V. (Org.). **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**. Frankfurt: Vervuert-IberoAmericana, 2000, p. 55-73.

EMONDS, J. Appositives relatives have no properties. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v. 10, p. 21-43, 1979.

FABB, N. The Difference between English Restrictive and Appositive Clauses, **Journal of Linguistics**, Cambridge, v. 26, p.57-77, 1990.

FARRELL, P. Null objects in Brazilian Portuguese. **The Linguistic Review**, Berlin, v. 8, p. 325-346, 1990.

FERREIRA, M. B. **Argumentos nulos em português brasileiro**. 2000. 113p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. **A Posição Sujeito Em Português Brasileiro**:- Frases Finitas e Infinitivas. Campinas: Editora da Unicamp; 1996. 201p.

GALVES, C. O objeto nulo e a estrutura da sentença em português brasileiro. In: GALVES, C. (Org.) **Ensaios sobre as Gramáticas do Português.** Campinas: Editora da Unicamp; 2001, p. 73-96.

GROLLA, E. B. **Aquisição da periferia esquerda da sentença em português brasileiro**. 2000. 95f. Dissertação (Mestre) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

_____ Pronomes Resumptivos em português brasileiro adulto e infantil. São Paulo: **DELTA**, São Paulo, v. 21, n. 2, p.167-182. 2005a

_____ **Pronouns as Elsewhere Elements: Implications for Language Acquisition**. 2005. 194p. Tese (Doutorado) University of Connecticut, CT. 2005b. Distribuída por MITWPL, Cambridege, MA.

GROOS, A.; VAN RIEMSDIJK, H. Matching effects in free relatives: a parameter of core grammar: In BELLETTI, A.; BRANDI; L.; RIZZI, L. (eds.) **Theory of Markedness in Generative Grammar** (Proceedings of the 1979 Glow Canference). Pisa:Scuale Normale di Pisa; 1981, p.171-216.

GROSU, A. Strange relatives at the interface of two millennia. **Glot International**, Leiden, v. 6, n. 6, p.145–167, June 2002.

GUASTI, M.T. **Language Acquisition**. The Growth of Grammar. Cambridge: MIT Press; 2002. 243p.

GUASTI, M. T.; CARDINALETTI, A. Relative clause formation in Romance child's production. **Probus**, Berlim, v. 15, n.1, p. 48-89, 2003.

GUASTI, M. T.; SHLONSKY, U. The acquisiton of Franch relative clauses reconsidered. **Language Acquisition**, New York, v.4, n.4, p. 257-276, 1995.

HARADA, Kazuko. On the Acquisition of Genitive and Locative Relative Clauses. **Research Report**. v. 4. 2000. Disponível em <http://coe-sun.kuis.ac.jp/public/paper/outside/harada2.pdf.>

HORNSTEIN, N. Pronouns in a minimalist setting. In: CORVER, N.; NUNES, J. **The Copy Theory of Movement**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company; 2007, p. 351-385.

KATO, M. A. Null and pronominal objects in Brazilian Portuguese. In: ASHBY, W. *et alii* (orgs.), **Linguistics Perspective on Romance Languages: Selected Papers from the XXI LSRL**. Philadelphia, 1991, p. 225-235.

_____ Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica, In: ROBERTS, I; KATO, M. (orgs.). **Português Brasileiro. Uma Viagem Diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp; 1993. p. 223-261.

_____ Teoria sintática: de uma perspectiva de "-ismos" para uma perspectiva de "programas". **DELTA**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 275-289, 1997.

_____ Pronomes fortes e fracos na sintaxe do português brasileiro. **Revista Portuguesa de Filosofia**, Coimbra, v. XXIV, p.101-122, 2002.

KATO, M.; NUNES, J. **Brazilian Portuguese standard and non-standard relative clauses**. Conferência proferida em New York University -NYU. 2004.

_____ **A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese,** trabalho apresentado no Workshop do Projeto Temático: A Sintaxe do Português Brasileiro. 2007.

KAYNE, R. S. **The Antisymmetry of Syntax**. Cambridge: The MIT Press; 1994, 186p.

KENEDY, E. **Aspectos estruturais da relativização em português – uma análise baseada no modelo raising**. 2002. 145p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Rio de Janeiro, Rio de janeiro, 2002.

LABELLE, M. Predication, wh-movement and the development of relative clauses. **Language Acquisition**, New York, v 1, n.1, p. 95-119, 1990.

_____ The acquisition of relative clauses: movement or no movement? **Language Acquisition**, New York, v. 5, n.2, p. 65-82, 1996.

McCAWLEY, J. D. Parentheticals and Discontinuous Constituent Structure. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v. 13, n. 1, p. 91-106, 1982.

McCLOSKEY, J. Resumptive pronouns, A'-Binding and levels of representation in Irish. **Syntax and Semantics**, Amsterdam, v. 23, p.199-256, 1990.

McDANIEL, D.; McKEE, C; BERNSTEIN, J. How children's relative solve a problem for minimalism. **Language**,Washington, v. 74, p. 308-364, 1998.

MEDEIROS JR., P. **Sobre Sintagmas-QU e Relativas Livres no Português**. 2005. 93f. Dissertação (Mestre) — Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

MÓIA, T. **A Sintaxe das Orações Relativas sem Antecedente Expresso do Português**. 1992. 163f. Dissertação (Mestre) — Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.

NEGRÃO, E. V. Tem uma história que eu quero contar que começa assim: peculiaridades de uma construção existencial. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 22, p. 81-90, 1992.

NUNES J. M. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp; 1993. p. 207-222.

PERRONI, M. C. As relativas que são fáceis na aquisição do português brasileiro. In: **D.E.L.T.A**., São Paulo, v.17, n.1, p. 59-79, 2001.

PONTES, E. **O Tópico no Português do Brasil**. Campinas: Pontes, 1987. 169p.

RAPOSO, E. P. **Teoria da gramática**: a faculdade da linguagem. 2ª edição. Lisboa: Caminho, 1992. 527p.

_____ Objetos nulos e CLLD: uma teoria unificada. **Revista da ABRALIN**, v. III, n. 1 e 2, p. 41-73, julho e dezembro, 2004.

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. **Elements of Grammar**. Dordrecht/Boston/London: Kluwer Academic Publishers; 1997. p. 281-337.

ROEPER, T. Multiple Grammars, Feature-Attraction, Pied-Piping , and the Question Is AGR inside TP? In: MÜLLER, N. (ed.) **(In)vulnerable Domains in Multilingualism**. Amsterdam: John Benjamins; 2003. p. 335-360.

ROSS, John R. **Constraints on Variables in Syntax**. 1967. 523p. Tese (Doutorado) — Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1967.

ROUVERET, A. "Présentation" e "Postscript". In: CHOMSKY, N. **La nouvelle syntaxe**, Paris: Ed. Du Seuil; 1987. 379p.

SAFIR, Ken. Relative clauses in a theory of binding and levels. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v.17, p. 663-689, 1986.

SHLONSKY, U. Resumptive pronouns as a last resort. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v. 23, n.3, 1992, p. 443-468.

SMITH, C. Determiners and relative clauses in a Generative Grammar of English. In: REIBEL, D. A.; SCHANE, S. A. (eds). **Modern Studies in English**. Readings in Transformational Grammar, New York: Englewood Cliffs, Prentice-Hall; 1964. p. 247-263.

TARALLO, F. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese**. 1983. 273p. Tese (Doutorado) — University of Pennsylvania, Pennsylvania, Philadelphia, 1983.

_____ Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERT, I.; KATO, M. A. (Orgs.) **Português brasileiro: uma viagem diacrônica.** Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 69-105.

TORIBIO, A. J. Proper Government in Spanish Subject Relativization. **Probus**, Amsterdan, 4, p. 291-304, 1992.

VAREJÃO, F. **O uso variável das orações relativas no português europeu.** 2006. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno11-11.html>